

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

WAGNER MACHADO DA SILVA

EQUIDADE E TELEVISÃO: O PROGRAMA *MISTER BRAU*, DA *REDE GLOBO*, E O ESTÍMULO À (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO NEGRO NO BRASIL

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

WAGNER MACHADO DA SILVA

EQUIDADE E TELEVISÃO: O PROGRAMA *MISTER BRAU*, DA *REDE GLOBO*, E O ESTÍMULO À (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO NEGRO NO BRASIL

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre

2018

Ficha Catalográfica

S586e Silva, Wagner Machado da

Equidade e Televisão : O programa Mister Brau, da Rede Globo, e o estímulo à (re)construção do imaginário social do negro no Brasil / Wagner Machado da Silva . – 2018.

118. p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. Negro. 2. Televisão. 3. Equidade. 4. Mister Brau. 5. Rede Globo.
I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

WAGNER MACHADO DA SILVA

**EQUIDADE E TELEVISÃO: O PROGRAMA MISTER BRAU, DA REDE GLOBO, E E
O ESTÍMULO À (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO NEGRO NO
BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 20 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS (Orientador)

Profa. Dra. Cristiane Finger – PUCRS

Profa. Dra. Sandra de Deus – UFRGS

Porto Alegre
2018

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de uma trajetória que não é individual, mas coletiva. Somente foi possível concluir o estudo por meio do apoio de muitas pessoas e da inquietação daqueles que, como eu, não se identificam com o modelo eurocêntrico difundido na televisão. A esses brasileiros negros que, muitas vezes, são rechaçados por parte da sociedade – e, em função disso, têm acesso restrito ao ensino, enfrentam o racismo, lutam contra o racismo e discriminação, ganham menos, destroem estereótipos, morrem mais e, ainda assim, resistem –, meu muito obrigado.

A todos os meus colegas, sobretudo aos mestrandos de 2017, aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vocês também foram essenciais para tornar essa jornada mais leve e instigante, seja através de uma informação que parecia trivial, uma conversa sobre amenidades ou em um aprofundamento teórico, durante as inúmeras atividades que fizemos, na universidade, e fora dela.

Aos integrantes do Grupo de Estudos Interdisciplinar em Comunicação (Geisc), ao Grupo de Pesquisa das Tecnologias do Imaginário (GTI) e ao Grupo de Pesquisa Imagem e Imaginários (GIM), que dividiram dúvidas, impulsionaram a busca pelo conhecimento mais transversal e foram indispensáveis no percurso do mestrado.

Aos amigos e familiares que fazem parte da minha vida e foram presença divina, dando alento e estímulo necessários para pesquisar e produzir ciência no Rio Grande do Sul.

Ao meu orientador, professor Dr. Juremir Machado da Silva, que desde a graduação aposta e acredita neste projeto acadêmico, estando sempre ao meu lado para auxiliar e direcionar a pesquisa com intuito de lapidar meu olhar sobre esse tema que me é tão caro.

Ao Lázaro Ramos, à Taís Araújo e ao Jorge Furtado, pela acolhida durante as entrevistas e por confirmarem a importância do *Mister Brau* e a necessidade de pautar a mídia com um novo imaginário do negro no Brasil. Da mesma forma, agradeço a Globo Universidade, que concedeu alguns dados para a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento do mestrado e pela chance de estudar na PUCRS, e à UFRGS, de

modo especial à Faculdade de Educação (Faced), que oportunizaram parte dessa qualificação, com flexibilização da jornada de trabalho e incentivo financeiro para ir a inúmeros congressos e difundir a minha pesquisa.

À Lidiane Dias Vieira, minha esposa, companheira em todos os momentos, que sempre me motivou e que hoje carrega no ventre nossa bebê, que já nascerá sabendo da importância de se reconhecer como negra, desconstruir o preconceito e lutar pela equidade.

Tenho convicção de que o investimento em educação de qualidade tem o poder de transformar a realidade e formar uma sociedade melhor, tornando o Brasil mais justo, para aqueles que, por séculos, foram subjugados. Sou prova de tudo isso e espero dar o retorno à população que financiou meus estudos. Filho de gente simples, cursei faculdade, também na PUCRS, através do Programa Universidade Para Todos (ProUni), iniciei minha segunda graduação em Letras na UFRGS, finalizei o meu mestrado com bolsa da Capes. Que mais pessoas, assim como eu, possam ter a chance de se qualificar e viver o desconcerto e, de forma especial, os horizontes que o conhecimento possibilita.

Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele de tal forma que você passa alvejante para ficar como o homem branco? Quem te ensinou a odiar a forma do nariz e a forma dos seus lábios? Quem te ensinou a se odiar do topo da cabeça para a sola dos pés? Quem te ensinou a odiar pessoas que são como você? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence, tanto assim que você não quer estar entre outros como você? (MALCOLM, 1962).

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a (in)visibilidade do negro na televisão e como ela tem resultado, ao longo dos anos, na desvalorização dessa etnia, contribuindo para o fortalecimento de um discurso negativo e acentuando a não equidade no país. Porém, através da insistência e luta desse mesmo povo que é subjugado, um novo panorama começa a ser percebido, no Brasil, no qual o imaginário do negro pode ser (re)construído, a partir de programas televisivos como *Mister Brau*, da *Rede Globo*, onde o protagonismo de atores negros, em um seriado, traz pertencimento e empoderamento para a população. Após passar pelo retrospecto dos motivos que *coisificaram* o negro e entendermos como a escravização colocou o afrodescendente em uma condição inferior, por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva, percebemos que Lázaro Ramos e Taís Araújo, também através de seus personagens, estão conseguindo, aos poucos, desconstruir a hegemonia branca, na mídia, e o imaginário social e étnico e conquistar espaços de poder. Eles são, na atualidade, referências e estímulo para uma imprensa e sociedade para além dos estereótipos. Realizamos esta dissertação com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Negro. Televisão. Mister Brau. Equidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the (in)visibility of black people on television and how this has resulted, over the years, in a devaluation of this ethnic group, contributing to the strengthening of a negative discourse and accentuating inequality in Brazil. Nevertheless, through the insistence and struggle of this subjugated people, a new panorama begins to be perceived in Brazil, where black people's imagination can be (re)constructed based on TV shows such as Rede Globo's Mister Brau, and the prominence of black actors provides ownership and empowerment to the population. By analyzing the retrospect of reasons that reified black people and how slavery placed black people in a lower condition, using the methodology of Discursive Textual Analysis, it is possible to understand that black actors Lázaro Ramos and Taís Araújo are managing to gradually deconstruct white hegemony in the media and in the social imaginary and conquer spaces of power, currently being references and a stimulus to the press and society beyond stereotypes. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

KEY WORDS: Communication. Black people. Television. Lázaro Ramos. Taís Araújo. Mister Brau. Equity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - David Junior	11
Figura 2 - Sérgio Loroza.....	14
Figura 3 - Milton Gonçalves.....	19
Figura 4 - Zezé Mota	25
Figura 5 - Erika Janusa	29
Figura 6 - Sheron Menezes.....	32
Figura 7 - Leandro Firmino	37
Figura 8 - Cris Viana	40
Figura 9 - Juliana Alves.....	47
Figura 10 - Ícaro Silva	53
Figura 11 - Brau e Michele recebem a cantora Karon Conka.....	54
Figura 12 - Michele e Brau recebem Elza Soares.....	55
Figura 13 - Brau e Michele adotam três crianças.....	57
Figura 14 - Cacau Protásio.....	60
Figura 15 - Brau e Michele gostam de usar roupas coloridas.....	62
Figura 16 - Brau e Michele tentam tratar de temas difíceis com leveza.....	64
Figura 17 - Lázaro Ramos	66
Figura 18 - Taís Araújo.....	70
Figura 19 - Hesnaine Vieira.....	73
Figura 20 - Isabel Filardis	78
Figura 21 - Ailton Graça	82
Figura 22 - Roberta Rodrigues	86
Figura 23 - Dani Ornellas	90
Figura 24 - Jonathan Haagensen.....	94
Figura 25 - Fabrício Boliveira	100

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR	11
1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	14
2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	19
3 O NEGRO NO BRASIL	24
3.1 A ORIGEM E OS REFLEXOS DO PRECONCEITO	27
3.2 RACISMO E OS DESAFIOS DA POPULAÇÃO NEGRA.....	30
4 O NEGRO E A TELEVISÃO.....	36
4.1 A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO IMAGINÁRIO SOCIAL.....	38
4.2 A (IN)VISIBILIDADE E O ESTEREÓTIPO NO MEIO MAIS ABRANGENTE ...	45
5 MISTER BRAU E A (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL	52
5.1 ESTÉTICA E EMPODERAMENTO DO SERIADO.....	59
5.2 NA PELE DE LAZARO RAMOS.....	64
5.3 A TRAJETÓRIA DE TAÍS ARAUJO	68
5.4 JORGE FURTADO E O LUGAR DE FALA DO IDEALIZADOR FINAL DO SERIADO.....	72
6 ANÁLISE TEÓRICA E TEXTUAL DISCURSIVA DO SERIADO	77
6.1 TEMPORADA 2015: MISTER BRAU CONTRA O PRECONCEITO	80
6.2 TEMPORADA 2016: MISTER BRAU E A DISCRIMINAÇÃO.....	85
6.3 TEMPORADA 2017: MISTER BRAU E A FAMÍLIA ENFRENTAM O RACISMO	89
6.4 TEMPORADA 2018: MISTER BRAU NA ÁFRICA E O RETORNO ÀS RAÍZES.....	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE.....	111

CARTA AO LEITOR

A referência que a gente tinha não só na TV, mas no cotidiano era totalmente diferente do que a gente representa hoje. Quando eu era adolescente em Nova Iguaçu, sucesso para meus amigos era o chefe do tráfico. Ele andava com os melhores carros, as melhores roupas, as melhores meninas. Ter a oportunidade de mudar essa atmosfera, essa verdade do povo do subúrbio, é bom demais. Ver que na TV tem negão dono de empresa, tem pretinha que será juíza (JUNIOR, 2017).

Figura 1 - David Junior



Crédito: Darwin Campos/Divulgação

Escolher o tema desta dissertação não foi tarefa difícil. Em razão da minha etnia, não preciso ir muito fundo nas memórias para recordar que me faltaram referências negras, na televisão, o que sempre me causou inquietação. Por ingenuidade ou por ser apenas um consumidor passivo do eletrodoméstico que entra em quase todos os lares do Brasil, não conseguia ser crítico e entender que nem tudo o que se passava naquela tela era verdade e tampouco representava toda a realidade do país no qual eu vivo. Sem questionar, também como reflexo da influência desse meio de comunicação, inconscientemente entendia que o padrão de brasileiro bonito e feliz era o homem branco, de olhos claros, bem-sucedido e morador do eixo Rio de Janeiro - São Paulo.

Durante a infância, e até mesmo na adolescência, assim como tantos outros negros, questionava o porquê de eu ser negro, qual a necessidade de lábios tão carnudos, arcada dentária projetada, gengiva saliente e nariz largo. As indiferenças e predileções alheias quase sempre confirmaram que ser negro não era algo tão bom a ponto de me orgulhar. Recordo-me bem de assistir, lá em 1996, junto com a minha

mãe, as atrocidades cometidas aos negros que trabalhavam no Arraial do Tijuco, em Minas Gerais, na novela *Xica da Silva*, protagonizada por Taís Araújo. Embora sofresse junto com a personagem, encantava-me e empoderava ver a maneira, nada republicana, com que Xica enfrentava, por ter dinheiro e aval do esposo, aqueles que a destrativavam. Pouco depois, em 2003, quando já estava no Ensino Médio, surgiu um filme que, de certa forma, era familiar: um negro que operava fotocopiadora em uma livraria em Porto Alegre, justamente a função que eu exercia naquela época. O *Homem que copiava*, protagonizado por Lázaro Ramos, deu-me ânimo e pertencimento. Assim como a novela *Xica da Silva*, mostrou que, sim, faltava espaço para atores negros e que, sim, nós também podemos ser representados na televisão, pois somos parcela considerável da sociedade.

Aos poucos, já no novo século, mesmo que de forma tímida, foram surgindo novos atores negros em diferentes emissoras. Esse levante foi essencial para mim e creio que para muitos outros, no sentido de aceitação e reflexão sobre o que é ser negro no Brasil. Adulto, com senso mais crítico, com auxílio de políticas públicas que concederam acesso à universidade e à pós-graduação, compreendi que as características dos lábios, nariz e dentes não são motivo de desvalorização, pois a nossa origem vem de um povo com essa mesma semelhança. E, ainda que raptado, escravizado e açoitado, construiu o país onde moro, mesmo que não haja reconhecimento da sociedade.

Por certo, há um aspecto político neste estudo, o que, para mim, acontece em grande parte das dissertações e teses que devem auxiliar no pensamento sistêmico da sociedade, com certo distanciamento, mas, também, com interesse no assunto proposto. Creio que meu tema pode ser instigante, sobretudo, para quem está longe da faculdade, já que grande parte dos negros não chega aos bancos universitários. Se meus familiares, por exemplo, conseguirem ler e compreender o conteúdo da dissertação, o objetivo está atingido.

A partir dessa nova visão, tive a consciência do quanto a representatividade importa e como há falta de equidade na Comunicação, que é minha área de maior aptidão. Na perspectiva do meu lugar de fala, assim como tratei na minha monografia de conclusão do curso de Jornalismo, intitulada “A (in)visibilidade do negro no telejornalismo gaúcho”, sigo com a temática para entender e alertar que faltam oportunidades para essa etnia e que tudo ainda é reflexo da escravização e da exclusão social – uma vez que, exatos 130 anos após a abolição da escravatura, o

negro ainda é subjugado. Porém, aos poucos, essa realidade começa a ser alterada, como pode ser lido nesta dissertação sobre o seriado *Mister Brau*, da Rede Globo, que estimula uma (re)construção do imaginário social do negro no Brasil.

Encontrei minhas origens na cor de minha pele, nos lanhos de minh'alma. Em mim, em minha gente escura, em meus heróis altivos. Encontrei. Encontrei-as, enfim, me encontrei (SILVEIRA, 2009).

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No Brasil, as pessoas dizem que não há preconceito, mas, na verdade, elas acabam não externando muito a opinião, o preconceito é muito velado. Tem que ter respeito à diversidade. Já fui chamado de cidadão de uma maneira muito mais desrespeitosa do que quando fui chamado de negão (LOROZA, 2013).

Figura 2 – Sérgio Loroza



Crédito: Luiz Fabiano/Divulgação

O estudo dos negros na mídia tem despertado maior interesse ao longo dos tempos. No Brasil, pesquisas sobre as relações raciais no campo comunicacional têm focado contextos específicos, como, por exemplo, telenovela, cinema, imprensa e propaganda. No que se refere à (re)construção da identidade negra, há elevação no debate, estimulado, em parte, pela promoção das políticas públicas que evidenciam as minorias étnicas e favorecem maior representação e identidades nesses espaços. Um exemplo são as ações afirmativas dentro das instituições de ensino superior, dando acesso à academia e possibilitando um diálogo mais horizontal.

Stuart Hall (2006) sustenta que a ideia de identidade é desenvolvida sob dois enfoques: primeiro, no sentido de conceber uma cultura partilhada. Em resumo, os sistemas culturais unificam os indivíduos em quadros de referência.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo — imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre — em processo, sempre — sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Abordar a problemática que envolve a (in)visibilidade do negro na televisão é relevante, à medida que os negros e pardos perfazem, atualmente, 54,9% da população do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (UOL, 2015). Nesse sentido, a maior parte dos estudos tem revelado que, em comparação com a composição da população, essa etnia é pouco retratada nos meios de comunicação.

Através da presente pesquisa e dos estudos que já foram feitos, percebemos que essa mínima representação tem efeitos concretos na construção de um imaginário de submissão do negro brasileiro. O impacto social, cultural e psicológico do conteúdo das propagandas midiáticas ocorre pelo poder simbólico que ela exerce sobre as minorias. A constante divulgação de grupos dominantes – quase sempre em posição superior – favorece e legitima as relações de exclusão social. De forma geral, quando o negro está na televisão, que é o objeto empírico de estudo desta dissertação, há sub-representação em relação à quantidade populacional, reiterado desequilíbrio de poder e status econômico, papéis estereotipados (favelado, pobre, escravizado, sensual ou malandro, por exemplo), secundários e vinculados a produtos com pouca relevância econômica e com branqueamento dos personagens de minorias raciais (ARAÚJO, 2004).

Ao propormo-nos estudar um seriado de sucesso, na maior emissora televisiva do Brasil, a *Rede Globo*¹, no qual dois negros emergentes são protagonistas, desejamos refletir sobre como essa atração pode auxiliar na modificação da percepção étnica do país. Consideramos também que, não raro, até o momento, na maioria dos papéis destinados a essa parcela da sociedade quase sempre foi de coadjuvante, fato que ajuda na perpetuação do preconceito.

Expomos, portanto, nosso problema de pesquisa: verificar de que forma o seriado *Mister Brau* procura ser um estímulo na (re)construção do imaginário social dessa etnia no Brasil, buscando um entendimento sobre como foi pensado e de que maneira ele se soma à tentativa de equidade na televisão. Na proporção em que o estudo avançar, é possível perceber que a análise da atual conjuntura televisiva, sob o viés das representações das relações raciais, detecta pouca equidade com os

¹ Assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente, sejam elas no Brasil ou no exterior, por meio da Rede Globo Internacional, a Globo é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana American Broadcasting Company (ABC) e uma das maiores produtoras de telenovelas.

telespectadores, uma vez que essa plataforma é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros – considerando que 95% da população assiste à TV regularmente e 74% a veem todos os dias (BRASIL, 2014). Ainda assim, essa perspectiva vem sendo alterada. Alguns estudos (ARAÚJO, CANDIDO, GRIJÓ) já apontam mudanças singelas nas representações dos negros na mídia, com personagens protagonistas e com histórias de ascensão e de valorização.

Para falar sobre a equidade na televisão, definimos como *corpus* justamente o seriado anual *Mister Brau*, que possui quatro temporadas e dois protagonistas negros, que pode representar um reflexo das mudanças sociais pelas quais o país passa, nos últimos anos. Lázaro Ramos e Taís Araújo foram considerados pelo jornal britânico *The Guardian* (TECIDIO, 2015) os *pop stars* negros do Brasil, como os astros americanos Jay-Z e Beyoncé.

No Brasil, um programa de televisão que mostra um casal de negros como protagonista não tem precedentes. Mesmo a maioria da população sendo preta ou mestiça, a TV brasileira é dominada por brancos, dentro e fora das telas (RAMOS, 2017).

Esse novo patamar, embora ainda esteja em processo de construção, é um passo importante para que a população desfaça a concepção de uma etnia subserviente e de exclusão da população negra. Ainda nesse caminho, quanto mais se refletir sobre isso, menor será a possibilidade de reforçar o mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento, tão difundidos ao longo dos tempos.

Apoiado na teoria do contra-agendamento e no método de pesquisa textual discursivo, vinculam-se aqui os objetivos gerais e específicos deste estudo:

Objetivos gerais:

- a) Verificar como se deu a construção do imaginário social do negro no Brasil;
- b) Compreender se o *Mister Brau* tem construído um contrafluxo, focado na valorização do negro brasileiro.

Específicos:

- a) Contar a trajetória de Lázaro Ramos e Taís Araújo para analisar como ocorreu essa valorização de dois atores negros;
- b) Revelar que a presença do negro na televisão pode trazer valorização étnica e social.

Sobre a estrutura, esta dissertação está organizada em sete capítulos. No primeiro, apresentamos nossas considerações iniciais, nas quais se incluem a questão de pesquisa e os objetivos traçados. Detalhamos a estratégia metodológica que norteia o processo de construção da reflexão no segundo capítulo.

Nele, são abordados o método de pesquisa e a teoria da comunicação que dá suporte à nossa dissertação. Assim, compreendemos que a metodologia é o desenvolvimento de procedimentos, técnicas e a sistematização de informações para produção de conhecimento. A escolha do método tem por objetivo facilitar que outros pesquisadores ou interessados em geral possam saber de que forma foi construído o conhecimento, revelando que o trabalho foi realizado com critérios adequados, dando credibilidade e legitimidade à pesquisa. Nesse sentido, no que se refere às teorias, é por meio delas que refletimos o desenvolvimento e a aplicação da comunicação nos aspectos políticos, sociais, econômicos e tecnológicos, por exemplo. Elas dão embasamento para a análise da relação da mensagem que a mídia envia para o indivíduo e de que forma se dá a seleção, a produção e a divulgação da informação.

No item três, há um resgate histórico da presença do negro no Brasil, delineando, por meio de nossos teóricos interlocutores, a origem do racismo na sociedade, bem como as razões do preconceito e, sobretudo, a luta e desafios atuais da população negra. Como a pesquisa aborda a imagem do negro na televisão, a quarta etapa é destinada à compreensão de como o meio de comunicação chegou ao Brasil e de que forma ele influencia os brasileiros. Nesse momento, através de um retrospecto e também de um levantamento específico feito para este estudo (VER APÊNDICE), ponderamos como o negro foi retratado ao longo dos anos na telenovela. Por fim, efetivamente, o quinto capítulo ficará imerso no *corpus* deste estudo, o seriado *Mister Brau*. Para isso, recorreremos à trajetória dos protagonistas, à proposta do diretor, à temática e à abordagem do seriado. A análise do programa é o fio condutor da sexta etapa, quando foi possível, metodologicamente, fragmentar e entender como foi feito e quais aspectos o programa ressalta.

As considerações finais são a última – e sétima – fase desta pesquisa, na qual abordamos as conclusões possíveis em relação ao objeto. Tal parte representa o caminho percorrido, no sentido de observar o entrelaçamento da equidade e da televisão, sobre a maior presença do negro na mídia e como isso pode ter reflexos

essenciais para alterar a imagem do afrodescendente, construída, ao longo dos anos, de forma equivocada e limitadora.

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Nós brasileiros negros somos 52% da população e a gente ainda não se conscientizou de que somos essa porcentagem da população. O dia que a gente tiver ciência disso, nós vamos mudar esse país (GONCALVES, 2017).

Figura 2 - Milton Gonçalves



Crédito: Stefano Martini

Com o objetivo de buscar respostas para os questionamentos desta dissertação, verificando se o programa *Mister Brau*, no contexto da equidade na televisão, é um estímulo para a (re)construção do imaginário social do negro no Brasil, utilizamos, como estratégia metodológica, a Análise Textual Discursiva. A escolha pela proposta de Moraes e Galiazzi (2007) ocorreu por entendermos que o método é aberto a outras possibilidades metodológicas. Os autores deixam evidente que “a metodologia da análise textual discursiva é um caminho do pensamento do pesquisador” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 166). Ou seja, é um processo distinto e dinâmico, pois cada estudioso pode construir, sem ponto determinado de partida ou chegada. Há, assim, liberdade de criação e expressão, tendo-se a responsabilidade ética como balizador das decisões.

A proposta de Moraes e Galiazzi (2007) é um procedimento qualitativo de análise de parte dos textos que busca aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga, analisando rigorosamente a informação contida, sem a necessidade de teste de hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa, pois a intenção é a compreensão. De forma geral, a Análise Textual Discursiva pode ser percebida como um processo auto-organizado de construção de compreensão, em que novos entendimentos surgem de uma sequência recursiva de três componentes:

desconstrução do corpus, a unitarização e a categorização (MORAES, 2003).

Essa metodologia, portanto, possui um ciclo de três etapas, que se inicia com a desconstrução, que é um processo auto-organizado de construção de compreensão desconstrução do *corpus*; a unitarização, que é o estabelecimento de relações entre os elementos unitários; e a categorização, que é a possibilidade de captar o novo emergente para compreender e validar o estudo.

No primeiro momento, é indispensável uma relação muito próxima com os dados que serão investigados. É nessa etapa que o pesquisador olha-os sob vários prismas e monta várias interpretações, construindo, assim, unidades de significados. Na desmontagem dos textos, é preciso um exame detalhado do conteúdo, com o objetivo de estabelecer unidades que deem corpo ao fenômeno a ser investigado. Dessa forma, o *corpus* da pesquisa é formado pelos registros coletados – transcrição dos capítulos do *Mister Brau*, por exemplo. Isto é, após a definição do texto a ser analisado, inicia-se a sua desconstrução. Moraes (2003) destaca que essa fase tem uma linha tênue e preciosa, pois pode ser o caos em um processo de extrema desorganização.

[...] processo que produz desordem a partir de um conjunto de textos ordenados. Torna caótico o que era ordenado. Nesse espaço uma nova ordem pode constituir-se à custa da desordem. O estabelecimento de novas relações entre os elementos unitários de base possibilita a construção de uma nova ordem, representando uma nova compreensão em relação aos fenômenos investigados (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 21).

Somente depois dessa primeira parte é que se realiza o processo de categorização, com a perspectiva de estabelecer relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as. Com a união dos elementos semelhantes, nomeadas e definidas as categorias, alcança-se o metatexto que se pretende analisar. Moraes e Galiazzi (2007) descrevem metatexto da seguinte forma: “Expressão por meio da linguagem das principais ideias emergentes das análises e apresentação dos argumentos construídos pelo pesquisador em sua investigação, capaz de comunicar a outros as novas compreensões atingidas” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 94).

Cabe destacar que a criação dessas novas categorias pode resultar no surgimento de uma nova compreensão do todo. Nessa perspectiva, Moraes (2003) considera que a análise trabalha com significados construídos a partir de um conjunto

de materiais. Esse produto analisado constitui um grupo de significantes, cuja emergência e comunicação de novos sentidos e significados é o objetivo da análise. Como afirmam Moraes e Galiazzi (2006, p. 125), “as categorias não saem prontas, e exigem um retorno cíclico aos mesmos elementos para sua gradativa qualificação. O pesquisador precisa avaliar constantemente suas categorias em termos de sua validade e pertinência”.

É nesse período que o acadêmico tem a tarefa de evidenciar as suas intuições, impressões e entendimento, através dessa intensa e ostensiva análise de dados. Moraes (2003, p. 206) destaca, porém, que a validade e a confiabilidade dos resultados de uma análise são reflexos diretos “do rigor com que cada etapa da análise foi construída”, tendo em vista que “uma unitarização e uma categorização rigorosas encaminham para metatextos válidos e representativos dos fenômenos investigados”.

[...] os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de compreensão e teorização dos fenômenos investigados. A qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do pesquisador assumir-se como autor de seus argumentos (MORAES; GALIAZZI, p. 202).

Por fim, consideramos que, ao utilizar essa metodologia, tem-se por objetivo refletir e aprofundar o material coletado, e não apenas testar para comprovar ou rejeitar algo. Ou seja, a “intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 11). Os autores também afirmam que a análise de conteúdo, de discurso e textual discursiva são metodologias de análise, todas pertencentes à análise textual. Eles compreendem que a análise de discurso e a análise de conteúdo pertencem a um mesmo eixo, que se intensificam mais em grau ou magnitude do que em qualidade.

[...] as diversificadas metodologias têm suas finalidades e objetivos dentro da pesquisa qualitativa. Têm seus espaços. Não se excluem. Não são empregadas ao mesmo tempo numa pesquisa, mas no conjunto das pesquisas de cunho qualitativo cada uma delas tem condições de contribuir para ampliar nossa compreensão da realidade (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 160).

Para que o estudo tenha êxito, além da metodologia, é preciso estabelecer alguns parâmetros. Ao longo desta dissertação, optamos por utilizar terminologias

adotadas por alguns meios de comunicação e pelo campo sociológico. Classificamos *Mister Brau* no gênero televisivo "seriado", que é um tipo de teledramaturgia, ao lado de minisséries e telenovelas (PALLOTTINI, 1998).

Em resumo, as principais diferenças, baseadas no livro "Dramaturgia de televisão" de Pallottini, entre esses três gêneros são as seguintes:

Telenovela: também dividida em capítulos como as minisséries, é, porém, mais extensa. Considerada uma obra aberta, porque os autores escrevem os textos enquanto a novela está sendo veiculada e podem sofrer influência da audiência.

Minissérie: é uma telenovela com menos capítulos e pode ser uma obra fechada. Ou seja, não comporta modificações no decorrer da apresentação.

Seriado: é fragmentado em episódios independentes que possuem uma unidade relativa e não seguem, obrigatoriamente, uma sequência determinada.

Também é preciso conceituar os termos raça e etnia. O doutor em comunicação e professor da Universidade de São Paulo, Kabengele Munanga (2003), explica que o conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Dessa forma, raça refere-se ao âmbito biológico; com enfoque em seres humanos, pois é um termo que foi utilizado historicamente para classificar categorias humanas socialmente definidas. Já etnia encontra refúgio no âmbito cultural; um grupo étnico dá sentido a uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas.

Munanga (2003) detalha, ainda, que a maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas utiliza, com mais frequência, o conceito de raça. No entanto, o emprego dessas palavras se dá não mais para afirmar sua realidade biológica, mas para explicar o racismo, na medida em que esse fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas.

Outro ponto salutar é entender que racismo é a ideologia em que há uma hierarquia entre grupos humanos, que pode ser traduzida pela pretensão da existência de superioridade entre brancos e negros. Já o preconceito é um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. Por fim, a discriminação é a denominação atribuída a uma ação ou omissão violadora do direito das pessoas, com base em critérios injustificados, tais como: raça, sexo, idade, crença e nacionalidade.

Cabe diferenciar, também, dois aspectos: Embora muitos usem como

sinônimos, neste estudo é preciso diferenciar os termos *igualdade* e *equidade*. Ainda que ambos sejam valores humanos que balizem políticas sociais, a palavra *igualdade* tem sua origem no latim *aequalitas* e refere-se à condição, ao estado e à qualidade de coisas iguais, idênticas, uniformes e equivalentes. Já o termo *equidade*, formulado por Margaret Whitehead (1990), incorporando o parâmetro de justiça à distribuição, também vem do latim *aequitas* e tem o intuito de mensurar a capacidade de apreciar e julgar com retidão, imparcialidade, justiça e igualdade. Ou seja, a *equidade* objetiva a análise justa e imparcial de cada caso, para que não haja desigualdades e injustiças, enquanto *igualdade* tenta estabelecer situações idênticas para todas as pessoas – embora nem sempre isso seja possível, sobretudo no prisma de uma etnia que sofre, na atualidade, por erros do passado.

Também optamos por utilizar o termo escravizado, e não escravo, pois a segunda palavra remete ao processo de coisificação a que o indivíduo era submetido, desde a África até o Brasil. Escravo refere-se à privação de liberdade, estado de servidão. O escravizado tem analogia com quem sofreu escravização e, portanto, foi forçado à situação. Nessa mesma percepção, não usamos a palavra escravidão, mas escravização, que é inserido no sentido de uma prática social em que um ser humano adquire direitos de propriedade sobre outro por meio da força.

No próximo capítulo, à medida que a leitura flui, com base em dados históricos, fica visível que os negros foram capturados nas terras onde viviam, na África, e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Coisificados, em solo brasileiro foram obrigados a servir de mão-de-obra para os senhores, e não tinham muita opção, a não ser obedecer às ordens, sob pena de castigos violentos. Após centenas de anos vivendo sem condições humanas, ainda hoje o negro sofre com os reflexos da escravização. Passados 130 da abolição da escravatura, conforme poderá ser conferido no capítulo seguinte, há índices elevados de analfabetismo, distanciamento da vida acadêmica, baixa expectativa de vida, alta presença no encarceramento, condições precárias de moradias, desemprego, preconceito, racismo e discriminação.

3 O NEGRO NO BRASIL

Estava numa festa com a Elke (Maravilha), de classe média alta, sem outros negros além de mim, começaram a perguntar por que eu estava ali, quem me levou? Um clima horrível. Noutra vez, estava na praia com Caetano (acho que era no Farol da Barra), passou um cara gritando “Pra quem será que ela deu pra fazer sucesso”? Eu estava vivendo um momento de exposição. O Caetano foi lá e enfrentou o cara, deu um passa-fora nele, que saiu com o rabo entre as pernas... (MOTTA, 2015).

Figura 3 - Zezé Motta



Crédito: Reprodução

No livro *Raízes do Conservadorismo Brasileiro: A abolição na imprensa e no imaginário social*, o pesquisador Juremir Machado da Silva (2017) relembra que a riqueza do Brasil foi constituída pelo braço do escravizado. Na obra, reconta que os brancos serão devedores dos negros trazidos da África como mercadorias, raptados e violentados. Além disso, a dita abolição da escravização inaugurou, simultaneamente, o longo ciclo de marginalização do negro.

O Brasil, em razão da sua dimensão e da ausência de preocupação com a reprodução biológica dos negros, foi o maior importador de escravos das Américas. Estudos recentes estimam em quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre o século XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3,65 milhões (SILVA, 2017, p. 374).

O fato relatado acima ocorreu depois que os portugueses, sob o argumento da escassez de mão de obra no período colonial, no Brasil, decidiram escravizar pessoas do continente africano e, com isso, se criou uma chaga na história da humanidade. É uma ferida nunca curada e com reflexos intensos na sociedade atual, que ainda

precisa ser recontada para que não se repita e para que todos percebam a atrocidade cometida em nome do progresso e de uma suposta superioridade racial. A classe dominante socialmente justificava a escravatura através de ideias religiosas e racistas que determinavam privilégios. Na prática, as diferenças étnicas funcionavam como barreiras sociais.

Na África, os portugueses capturaram os negros de navio, em uma viagem em condições sub-humanas, que durava quase 45 dias, para servir aos interesses dos homens brancos que estavam no Brasil durante os séculos de escravização. Lima (2010) conta que a média de escravizados, em cada porão dos navios negreiros, era de 440 pessoas. Segundo o estudo, algumas partidas do continente dobravam os dias da viagem assim como as mortes que podiam chegar a 20%. Nos porões dos navios, por exemplo, faltava alimentação e o contato era muito próximo, uma vez que os negros viajavam amontoados. Aliado a isso, precisavam conviver com o calor e a exposição dos corpos, fazendo com que houvesse disseminação de doenças.

Apesar de, no início do século XIX, as condições das embarcações terem melhorado um pouco, comparando-se com os séculos anteriores, pois passaram a contar com a presença de ao menos um cirurgião-barbeiro, de capelães, de uma botica, além da separação entre homens e mulheres, as viagens continuavam sendo muito penosas, com porões superlotados de africanos, que se apertavam para conseguir dormir durante meses sobre o chão duro. Eles passavam quase todo o tempo acorrentados e, no momento do embarque, ou ainda nos barracões, costumavam ter o corpo marcado a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários (MATTOS, 2007, p. 100).

Não se sabe exatamente o dia em que os escravizados chegaram em solo brasileiro, mas, tão logo pisaram no país, aqueles que haviam sido capturados, raptados e conduzidos à força para outro continente confirmaram que seriam tratados como mercadoria e subdivididos. Os que não entendiam, não falavam português e desconheciam os costumes da terra eram considerados os boçais. Já os que tinham mais proximidade com o idioma português recebiam a alcunha de ladinos. Os negros que nasciam no Brasil, tinham o português como sua primeira língua falada e se comportavam dentro dos padrões portugueses eram chamados de crioulos.

Tem-se conhecimento, também, de que os comerciantes vendiam os escravizados como mercadorias – os que eram mais saudáveis, novos e fortes valiam mais do que os mais velhos e fracos. No século XIX, a maioria dos escravizados era

levada para trabalhar nas plantações de café. Havia, porém, os que se tornavam domésticos. Eram escolhidos conforme sua aparência e com os interesses dos que se achavam donos deles. O ritmo do labor era intenso e iniciava antes do nascer do sol e, em épocas de colheitas, terminava às onze da noite. Naquele período, quase nada existia no Brasil e tudo necessitava ser construído: prédios, açudes, estradas e plantações, por exemplo. Foi a mão negra que quase tudo fez, com suor e sangue, mas também com música, religiosidade e capacidade de trabalho – características de um povo oprimido que teve que se reinventar para tentar sobreviver, embora muitos achassem que eram desprovidos de inteligência e de alma. Para além disso, o escravizado era visto, na sociedade colonial, como símbolo do poder e do prestígio dos senhores que os possuíam (LIMA, 2010).

A história e os descendentes desse período nefasto contam que a vida dos escravizados era repleta de provações. Praticamente sem direitos e com inúmeros deveres, além de muito trabalho para sobreviver, eram submetidos a castigos físicos e punições. Funari (1996, p. 27) detalha que “os africanos no novo mundo foram submetidos a sacrifícios inomináveis” e que a resistência do negro à escravização foi característica marcante da história dos africanos nas colônias da América.

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos, Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão- e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava a formação desses grupos. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres (REIS, 1996, p. 9).

Como resultado da escravização, o Brasil tornou-se a segunda maior nação do planeta com população de ascendência africana. A condição de escravizados era repassada aos seus descendentes e perpassou pelo Brasil Colônia e pelo Império, durando séculos. Os negros estavam presentes no campo e nas cidades, desenvolvendo trabalhos forçados nos engenhos, minas, lavouras, agricultura, criação de gado, produção do charque, comércio, atuando nos ofícios manuais e serviços domésticos. Dados históricos contam que a escravização, no Brasil, era forte nos engenhos, local no qual os negros trabalhavam nas plantações, nas instalações e na

casa-grande. Eles dormiam nas senzalas e eram vigiados constantemente pelos feitores, que eram os empregados de confiança do senhor de engenho. A alimentação era simbólica e muitos sofriam castigos físicos, marcações no corpo, com ferro em brasa, e surras de açoites (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Os açoites, feitos publicamente no corpo do negro escravizado condenado, levavam ao delírio a plateia que aplaudia enquanto o chicote abria feridas. Outro método utilizado era a palmatória nas palmas das mãos estendidas dos negros, que provocavam violentas equimoses e ferimentos. Não fosse dor suficiente, em algumas fazendas e engenhos alguns negros sofriam o anavalhamento do corpo seguido de salmoura, marcas de ferro em brasa, mutilações, estupro de negras escravizadas, castração, fraturas dos dentes a marteladas. Na região sul do Brasil, os senhores de engenhos costumavam mandar atar os punhos dos escravizados e os penduravam em uma trava horizontal com a cabeça para baixo, e, sobre os corpos inteiramente nus, untavam de mel ou salmoura para que os negros fossem picados por insetos (NORIVAL, 2011).

Por muito tempo, raros conseguiam fugir e muitos que conseguiam voltavam capturados pelos capitães-do-mato, trabalhadores contratados pelos proprietários. Quando os fugitivos voltavam, eram duramente castigados. Por sorte, os que tinham êxito na fuga iam para os quilombos, comunidades de negros fugitivos, que viviam de um modo comunitário, em um local em que podiam voltar às origens, praticavam rituais religiosos e falavam da própria língua.

Nem mesmo a independência política do Brasil, em 1822, abalou a existência da escravidão. Ainda foram necessárias algumas décadas para que fossem tomadas medidas para reverter a situação desumana dos escravizados.

3.1 A ORIGEM E OS REFLEXOS DO PRECONCEITO

Eu me achava feia, porque todo mundo dizia que meu cabelo era ruim. Não vai arrumar esse cabelo? Então, para me identificar com o padrão de beleza, passei a vida alisando os fios. Digo que minha profissão me deu maior consciência, abriu minha cabeça e me fez entender também que assumir a negritude é um processo de transformação interna. Há um mês, estava ao lado de uma menina, quando alguém disse a ela: Lourinha e de olho azul, você consegue o que quiser”. Aquilo me fez tão mal, foi lá no meu íntimo, onde está a raiz de todas as minhas questões. Não aceito mais. Hoje, sou o meu padrão. Quem quiser se identificar comigo, ótimo, vamos juntos (JANUZA, 2017).

Figura 5 – Erika Januza



Fonte: César Alves

Ainda que o período da escravização tenha findado há 130 anos, as consequências desse período não foram apagadas. No Brasil, a escravatura durou séculos e, entre 1870 a 1888, houve um período de movimentação social e política pela campanha abolicionista. Alguns religiosos, intelectuais e políticos posicionaram-se contra esse tipo de abuso. Porém, antes da abolição, surgiu a Lei do Ventre Livre, em 1871, que tinha por objetivo auxiliar na transição, lenta e gradual, do sistema de escravização para o de mão-de-obra livre. Essa legislação tornava livre todos os filhos de mulheres escravizadas, nascidos a partir da promulgação. No entanto, como seus pais continuavam escravizados, a regra estabelecia duas possibilidades para as crianças que nasciam livres: ficar aos cuidados dos senhores até os 21 anos de idade ou serem entregues ao governo. A Lei do ventre Livre serviu, também, para dar uma resposta, embora fraca, aos anseios do movimento abolicionista.

Quanto sangue negro foi jorrado ao longo dos séculos até se chegar a essa revolução dita “pacífica”? Quantos mártires anônimos foram castigados, torturados, assassinados ou humilhados até o último suspiro da infâmia do cativo. Quem se atreveria a observar num dia histórico que essa nódoa jamais se apagaria? O Brasil foi o último da fila. A igualdade ainda não foi alcançada. Os méritos poucas vezes são respeitados (SILVA, 2017, p. 19).

Esse processo de recomeço para aqueles que foram sequestrados e escravizados foi, também, resultado de uma luta política e do enfrentamento dos negros que resistiram e se mobilizaram, ao longo da década, contra a continuidade do trabalho desumano. A história conta que, até chegar nesse ápice, embora muitos tenham morrido, ocorreram fugas maciças, assassinatos de proprietários de terras e

dos capatazes. Esses atos começaram a ameaçar a ordem do Império, suscitando, em um número cada vez maior de pessoas, o questionamento da legitimidade da escravização.

Conforme Silva (2017) assinala, a primeira cidade brasileira a abolir a escravização foi Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 30 de setembro de 1883. Segundo ele, o racismo consolidou-se como a uma postulação supostamente científica para tentar justificar a transformação de seres humanos em propriedade de seres humanos. Silva sustenta que “as raízes do preconceito contra o negro no Brasil estão nesse imaginário incansavelmente disseminado por homens brancos que tinham o poder da palavra, de fazer as leis e de impressionar com seus títulos”.

O Brasil dos brancos ricos vivia de parasitar os negros pobres. A história de acumulação primitiva das grandes fortunas brasileiras resume-se à vagabundagem de ricos explorando negros pobres sobre proteção das leis feitas pelos vagabundos brancos e ricos para submeter negros e pobres sem direitos políticos e, portanto, sem a possibilidade de fazer leis (SILVA, 2017, p. 19).

Próximo de 1888, embora fosse um motivo para comemorar, pois o período de sofrimento e subjugação estava por acabar, quando a escravização formal chegou ao fim e o ex-escravizado tornou-se igual perante a lei, isso não lhe deu garantias de que seria aceito na sociedade. Na prática, os recém-libertos viveram tempos difíceis, mesmo com o dito fim da escravização – pois, diferente do que aconteceu nos Estados Unidos, no Brasil, os ex-escravizados foram abandonados à própria sorte. No outro país da América, com o fim da Guerra da Secessão, na vitória do Norte sobre o Sul, o que resultou na emancipação total dos escravizados, eles foram amparados por uma lei, que possibilitou assistência e formas de inserção na sociedade. Porém, em solo brasileiro, sem acesso à terra, sem qualquer tipo de indenização pelos trabalhos forçados, geralmente analfabetos, vítimas de todo tipo de preconceito, muitos permaneceram nas fazendas em que trabalhavam, vendendo seu trabalho em troca de comida e de um teto para dormir. Não sendo suficiente tudo o que já tinham passado por anos, aos negros só restaram os subempregos e a economia informal. Com isso, aumentou, ao longo do tempo, o número de ambulantes, empregadas domésticas, quitandeiras sem qualquer tipo de assistência e garantia. Muitas ex-escravizadas eram tratadas como prostitutas (AGUIAR, 2010).

Sem local para ficar, os negros que não dormiam nas ruas passaram a morar,

quando possível, em cortiços. O preconceito, a discriminação e a ideia permanente de que o negro só servia para serviços pesados deixaram sequelas, desde a abolição da escravatura até os dias atuais. Além de seguirem sem estrutura, embora tivessem alicerçado o progresso do país, os negros tiveram que conviver com o movimento eugênico, que eram as teses que defendiam um padrão genético superior para a raça humana e tinham a ideia de que o homem branco europeu tinha a melhor saúde, a maior beleza e a maior competência civilizacional em comparação às demais etnias.

A defesa do branqueamento, ou do embranquecimento, tinha como ponto de partida o fato de que, em razão da realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada procriação. Essa ideologia favorece a falta de identidade de uma etnia e valoriza somente o branco. Para tal plano ocorrer, deveria acontecer a imigração europeia. De um lado, a miscigenação, de outro lado deslocando a população negra livre para situações menos atraentes no mercado de trabalho, contribuindo para o aprofundamento das desigualdades no país. Assim, a elite brasileira confirmava que o branqueamento daria origem a uma população mestiça, saudável, tornando-se cada vez mais branca, cultural e fisicamente.

Ainda assim, mesmo livres, aos negros só era permitido exercer o papel que antes já lhes era conferido: o de serviçal.

3.2 RACISMO E OS DESAFIOS DA POPULAÇÃO NEGRA

Não adianta colocar uma máscara de macaco no meu rosto ou tentar me ofender porque isto não me atinge! Fui treinada desde criança e sei o meu valor! Mas atinge milhões de pessoas no Brasil que sofrem essa discriminação todos os dias! E é por elas que resolvi me manifestar. Racismo e intolerância mataram e continuam matando milhares de pessoas e quem pratica esse crime deve ir para o seu lugar, a cadeia (MENEZES, 2017).

Figura 6 – Sheron Menezes



Fonte: Reprodução.

Se necessário fosse, talvez a palavra que traduz com maior exatidão a trajetória do negro de sobreviver no Brasil poderia ser *resistência* - tamanho foi o desafio para sobreviver às mais insalubres condições de vida humana, durante e após a travessia do oceano, sequestrados e deixando para trás casa, família e amigos e iniciando um novo caminho, agora na condição de escravizado. A história mostrou como os negros sofreram com a escravização e o preconceito. Separados dos brancos, não eram respeitados e a discriminação era constante. Porém, passados 130 anos, nem tudo mudou, ou ao menos os resquícios dessa época ainda são sentidos cotidianamente. Contrapondo o mito da democracia racial, os índices de desigualdade econômica e social entre negros e brancos confirmam o grau de racismo existente no país. Darcy Ribeiro (1995) sintetiza que os negros vivem e estudam menos, tem remuneração menor e moram em casas com infraestrutura mais precária.

Uma efetiva condição de inferioridade, produzida pelo tratamento opressivo que o negro suportou por séculos sem nenhuma satisfação compensatória, a manutenção de critérios racialmente discriminatórios que, obstaculizando sua ascensão simples condição de gente comum, igual a todos os demais, tornou-se mais difícil para ele obter educação e incorporar-se na força de trabalho dos setores modernizados. As taxas de analfabetismo, de discriminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, as mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir na prática, seu ideal professado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais (RIBEIRO, 1995, p. 235).

É sabido que abolição da escravatura não foi precedida de reformas sociais estruturais, essa ação abolicionista não findou os estigmas e estereótipos atribuídos

à população negra, que na atualidade sofre com a recriação da violência sofrida no passado. No que tange à mulher negra, não são poucos os padrões daquela época que são reproduzidos ainda em 2018, resumindo, muitas vezes, a posição de objeto na sociedade, concebida para a satisfação sexual ou para a realização de serviços domésticos e braçais. Como exortam os autores Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil (2006):

A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 simbolizara o término legal da escravidão no Brasil, mas o caráter do processo pós-abolicionista reforçara a marginalização de mulheres e homens descendentes de escravizados, pela recriação de preconceitos e estigmas ligados ao passado. No lugar de projetos e alternativas que concebessem as populações afro-descendentes – agora livres – como cidadãs, a ideia de raça passou a ser usada como marcador prioritário de hierarquias naturalizadas que, no plano do real, se traduziam em pré-julgamentos e preconceitos contra os negros. (SCHUMAHER; BRAZIL, 2006, p.196)

Constata-se isso - mesmo com as transformações sociais e econômicas do Brasil, que melhoraram muito as condições do mercado de trabalho – quando se percebe que, por exemplo, a população negra não foi devidamente integrada nessas melhorias. Ou seja, continua ocupando uma posição marginal, que remete a uma discriminação dissimulada nas relações de trabalho. No período escravista e pós-abolição, quando os negros foram marginalizados e substituídos por mão-de-obra imigrante europeia, não foi efetivada uma política de inserção dos negros na sociedade.

Para ilustrarmos como o racismo é um componente da estruturação do mercado de trabalho, os últimos números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), sobre o quarto trimestre de 2016, revelaram que a taxa de desemprego permanece maior entre negros e pardos, que também têm salários mais baixos. Na ocasião, a renda média real recebida pelas pessoas ocupadas, no país, foi estimada em R\$ 2.043. O rendimento dos brancos era de R\$ 2.660 (acima da média nacional), enquanto o dos pardos ficou em apenas R\$ 1.480 e o dos trabalhadores que se declaram pretos esteve em R\$ 1.461.

A sociedade, conforme demonstram os números, ainda opera com a mentalidade escravocrata, pois há a tendência de conduzir as pessoas negras para atividades como as domésticas ou outros trabalhos braçais, como ocorria no período

da escravização. Mesmo com maior acesso aos estudos, fruto das políticas sociais como o Programa Universidade Para todos (PROUNI)² e cotas sociais e raciais³, de acordo com pesquisa do Instituto Ethos⁴, no quadro de executivos das 500 maiores corporações do Brasil, apenas 4,7% é ocupado por negros. O abismo racial fica ainda mais evidente, através do estudo intitulado *Retrato das Desigualdades Brasileiras* da ONG britânica Oxfam⁵. Segundo o levantamento, apenas em 2089, brancos e negros terão uma renda equivalente no Brasil. Ou seja, 200 anos depois da abolição da escravização no Brasil – isso, por óbvio, se a desigualdade continuar diminuindo.

Estatísticas mostram que atualmente existe uma marginalização dos não-brancos maior que antes e que a quantidade de negros ricos é insignificante, imprensada e solitária numa classe média que os olham atravessado. Os únicos lugares onde o preto é maioria é na favela e na cana (RUFINO, 1995, p. 64).

Não fosse suficiente a desigualdade salarial, o Brasil tinha 13 milhões de pessoas sem ocupação, no terceiro trimestre de 2017, e, desse total, 8,3 milhões, ou 63,7%, se declaram pretos ou pardos (IBGE..., 2017). Com isso, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocupação dessa parcela da população ficou em 14,6%, valor superior à apresentada entre os trabalhadores brancos (9,9%).

A informalidade também é mais evidente na população negra. O percentual de empregados pretos ou pardos do setor privado com carteira assinada (71,3%) era mais baixo do que o observado no total do setor (75,3%). Dos 23,2 milhões de empregados pretos ou pardos do setor privado, 16,6 milhões tinham carteira de trabalho assinada. Nesse contexto, quando observada a distribuição da população ocupada por grupo de atividades, é possível perceber que a participação dos trabalhadores pretos e pardos era superior a dos brancos na agropecuária, na construção, em alojamento e alimentação, e, principalmente, nos serviços domésticos. Os pretos e pardos representavam 66% dos trabalhadores domésticos do Brasil.

² O Prouni (Programa Universidade Para Todos) é um programa criado pelo MEC em 2004 que fornece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino particulares, para estudantes de baixa renda, sem diploma de nível superior.

³ As cotas raciais são uma política de reserva de vagas nos processos seletivos de universidades e órgãos públicos para autodeclarados pardos, pretos ou indígenas.

⁴ Criado em 1998, tem a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável.

⁵ Confederação de 17 organizações e mais de 3000 parceiros que atua em mais de 100 países, na busca de soluções para o problema da pobreza e da injustiça, através de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais.

No livro *Na Minha Pele*, o ator Lázaro Ramos também faz alusão às desigualdades, no Brasil, e traça alguns panoramas do abismo entre as etnias.

Fico imaginando que estratégias tenho que ensinar aos meus filhos para que resistam. E não estou sozinho. Uma pessoa negra de poucas posses está preocupada com o que vai acontecer quando o filho adolescente encontrar a polícia na rua. Um negro com boa situação financeira tem que lidar com o fato de seu filho ser um dos únicos negros da escola particular. A cada pesquisa que sai com recorte racial minha dúvida sobre o futuro aumenta ainda mais. Mulheres negras recebem menos anestesia, pois seriam mais resistentes à dor. A maioria das vítimas de assassinato entre os jovens é de negros. A diferença entre o salário de um homem branco e uma mulher negra, mesmo que executem a mesma função, é gigante (RAMOS, 2017, p. 142).

O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), solicitado pelo Departamento Penitenciário Nacional (IBGE..., 2017) do Ministério da Justiça, detalha que a população carcerária do Brasil chegou ao número de 622.202 presos, dos quais 61,6% são negros (pretos e pardos). Mais da metade (51%) dos detidos com informações de escolaridade classificada tem o ensino fundamental incompleto. Além desses, 6% são alfabetizados sem cursos regulares e 4% são analfabetos. Apenas 1% da população carcerária ingressou no ensino superior. No entanto, consta que nenhum deles se formou.

Dados da mesma pesquisa revelam que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. A população negra corresponde à maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas, no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas da Violência (LEMOS, 2017), os negros possuem 23,5% mais chances de serem assassinados em relação a brasileiros de outras etnias, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência. Outro dado escancara a persistência da relação entre o recorte racial e a violência no Brasil. Enquanto a mortalidade de mulheres não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%.

Em outros aspectos, como a literatura, a situação também não é muito igualitária. Uma pesquisa da Universidade de Brasília (DALCASTAGNÈ, 2005) analisou os personagens retratados nos livros e demonstra que 60% dos

protagonistas são homens e 80% deles, brancos. Além disso, somente 10% dos livros brasileiros, publicados entre 1965 e 2014, foram escritos por autores negros. Nesse contexto de visibilidade, a pesquisa *A Cara do Cinema Nacional*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CANDIDO, 2014), revelou que homens negros são só 2% dos diretores de filmes nacionais. Atrás das câmeras, não foi registrada nenhuma mulher negra. O fosso racial permanece entre os roteiristas: só 4% são negros. Esse levantamento da UERJ considerou as produções brasileiras que alcançaram as maiores bilheterias, entre 2002 e 2014. Dentre os filmes analisados, 31% tinham, no elenco, atores negros, quase sempre interpretando papéis - como de costume - associados à pobreza e criminalidade.

O capítulo quatro é destinado à reflexão sobre fato de que negros são a maioria da população brasileira, representando 54,9%, mas não se percebe isso na televisão. Ao longo do texto, é possível compreender que a autoestima negra foi colocada à margem pelo padrão branco. Os negros, quase sempre, são mostrados relacionados à pobreza e à malandragem, colaborando para a escassez de sua imagem na mídia brasileira. A identidade negra que a teledramaturgia brasileira difunde acaba alimentando um imaginário de exclusão e reforça estereótipos na sociedade brasileira.

Nessa proporção, não seria justo ter uma porcentagem maior de negros na TV brasileira? Ao analisarmos a quantidade de negros nas novelas da emissora de maior alcance do Brasil, fica evidente a pouca representatividade ou a representatividade limitada que essa etnia tem, no meio de comunicação que atinge grande parte da população.

4 O NEGRO E A TELEVISÃO

Infelizmente sinto preconceito todos os dias. Não me sinto representado e sofro com isso, por chegar em lugares em que determinadas funções importantes ou de chefia são ocupadas por pessoas brancas. Falta muito para o negro ser protagonista e contar suas histórias. Gostaria que isso fosse resolvido agora, pudesse ligar a TV e assistir a uma história com 80% dos atores negros (FIRMINO, 2017).

Figura 7 – Leandro Firmino



Fonte: Reprodução/Facebook

Ainda que seja o país com a maior população afrodescendente fora do continente africano, é possível dizer que os negros são tratados com reflexos da época da escravização, vistos como seres inferiores – tanto é que foram uma das últimas etnias que conseguiram exercer alguns direitos, como o acesso ao trabalho, educação e moradia digna.

Dentro da temática de verificar a equidade do negro na televisão, é imprescindível constatar que, junto com outros mecanismos, a mídia é uma das responsáveis pelo processo de construção de identidades culturais nas sociedades modernas. A *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira* (PESQUISA..., 2016), divulgada pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, esmiúça que quase 90% dos brasileiros se informam pela televisão sobre o que acontece no país, sendo que 63% têm, na TV, o principal meio de informação. A internet está em segundo lugar, como meio preferido de 26% dos entrevistados, e citada como uma das duas principais fontes de informação por 49%.

Obviamente não estou dizendo que a mídia é o meio por excelência para se conquistarem as identidades negras, mas seu poder é inegável. Não vamos esquecer que existe um público sempre ávido e acostumado a consumir e a acompanhar o que a televisão, o cinema e a internet veiculam. A equação não é simples, o fato de inserir o negro de forma positiva na mídia não significa que a sociedade o aceitará melhor. Mas é nosso papel brigar por isso. Gosto de pensar na mídia de outro jeito também, como um termômetro — podem ter certeza de que mudanças na mídia correspondem a mudanças na sociedade (RAMOS, 2017, p. 83).

Essa mesma pesquisa expõe que espectadores brasileiros passam, em média, 4h31min em frente à TV, durante a semana, e 4h14min nos finais de semana. Segundo levantamento, o período de maior exposição, na TV, é no chamado horário nobre, das 18h às 23h, justamente horário da faixa de novelas da *Rede Globo*, maior emissora do Brasil. Além disso, o estudo concluiu que o tempo de exposição dos brasileiros à televisão também sofre influência de gênero, idade e escolaridade. As mulheres passam mais tempo em frente à TV (4h48min), diariamente, do que os homens (4h12min). Os mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem cerca de uma hora a menos de televisão por dia do que os mais velhos (acima dos 65 anos). Por fim, e com um dado relevante, no que tange às classes mais baixas, a televisão também fica mais tempo ligada na casa das pessoas com escolaridade menor, até a 4ª série (4h47min), do que no domicílio daqueles que possuem nível superior (3h59min).

Depois de ter sido criada pelos russos, desenvolvida pelos ingleses e norte-americanos, em 1950, a televisão chegou, ao Brasil, através de Assis Chateaubriand. Dez anos depois, havia, em média, 250 mil aparelhos de TV em todo o Brasil. A televisão desembarcou, primeiro, nas capitais, e migrou, na sequência, para o interior. Logo após, cinco anos mais tarde, a *TV Paulista* foi comprada por Roberto Marinho e rebatizada com o nome de *Rede Globo*. Nascia, então, a gigantesca emissora que, mais tarde, com seus programas e novelas, tornou-se uma das preferidas do público brasileiro. Conforme Muniz Sodré (1984):

No início do período Kubitschek, não havia mais que 250 mil receptores no país, e no final da década, o total ficava muito aquém de um milhão. A tevê era realmente um brinquedo eletrodoméstico de minoria, tanto de produtores como de consumidores (SODRÉ, 1984, p. 99).

Com o passar do tempo, a televisão, que era tida apenas como meio de comunicação, tornou-se forte disseminadora de cultura. Assim, a TV passa de meio

de mensagens para um objeto influente no âmbito social, que molda hábitos, linguagem e constrói uma cultura a partir do entendimento (recepção) de seu conteúdo. A televisão consagrou-se como forte meio moldador de cultura e hábitos sociais, no que se refere à formação da identidade do indivíduo (JESUS, 2013). Na contemporaneidade, a reverberação do conteúdo da televisão aumenta, pois muitos conteúdos são replicados na internet.

Wolton (2006) entende que a televisão é o principal instrumento de informação, de cultura e de distração. Ela traz, para perto, pessoas de diversas classes sociais e diferentes realidades, em torno de uma atividade coletiva. Estimula conversas, provoca debates e cria laço social.

A televisão pode não garantir sozinha uma socialização de que carecemos, mas a sua presença pode contribuir para reduzir certos aspectos negativos. Os programas de televisão são, para milhões de espectadores, a única aventura da semana e, para milhões de indivíduos, ela é a única luz em casa. (WOLTON, 2006, p. 19)

Por estarmos em um país tão diverso e multiétnico, era de se esperar que o negro, que teve grande presença na formação da sociedade brasileira, fizesse parte desse processo. Porém, na imagem repassada pela televisão, tal fato não é apresentado de forma natural, criando um abismo entre a realidade e ficção.

O racismo e preconceitos provenientes dos patrocinadores e produtores da televisão norte-americana influíam nas escolhas de suas subsidiárias no Brasil e na América Latina. Soberanos em um contexto em que não podia haver resistência negra, dificultada pela existência de uma ditadura militar, que tolhia os direitos democráticos da população brasileira, os publicitários podiam exercitar o modelo norte-americano.(...) tinham um campo livre para importar modelos, vícios e caricaturas na representação do personagem negro, comuns as primeiras décadas da soap opera no rádio e das sitcoms da televisão norte-americana (ARAÚJO, 2004, p. 93).

4.1 A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Se meu trabalho me permite alguma expressividade, usarei minha voz por muitos que sofrem esse tipo de ataque racista diariamente e voltam para casa calados, cansados de não serem ouvidos, para chorar sozinhos. Como todos vocês, tenho orgulho da minha pele, do meu cabelo, da minha origem e de tudo o que sou. Do que somos. E não estamos sozinhos. Temos do nosso lado a lei – racismo é crime inafiançável - e milhares de brasileiros que também acreditam num

país mais justo e civilizado, gente que entende que respeitar as diferenças é mais que um dever e que está disposta a denunciar e lutar contra todo tipo de preconceito (VIANA, 2015).

Figura 4 - Cris Viana



Crédito: Felipe Panfili

Bourdieu (1997, p. 24) considera que, ao “insistir no mais visível”, a televisão acaba não mostrando, na maioria das vezes, a realidade. É justamente através das mensagens visuais que ela passa a ser, em grande parte, responsável pela construção de uma consciência coletiva do real. As novelas são um exemplo dessa construção do imaginário social, pois têm um grande apelo, revestindo-se de espaço privilegiado para a afirmação do simbólico, através dos programas ficcionais.

Pode-se dizer que a imagem religa, fornece os vínculos, relaciona todos os elementos do dado mundano entre si. Ao mesmo tempo, permite essa confiança que, para se existir, deve-se ter diante daquilo que nos cerca, quer seja o ambiente social, quer seja o natural (MAFFESOLI, 1995, p. 114).

A televisão, sobretudo através das novelas e seriados, é um instrumento da mídia que influencia muito o imaginário das pessoas, pois, em razão da recepção regular e contínua, transformou-se em elemento do cotidiano, alterando hábitos e estabelecendo parâmetros de comportamento, através de uma interação intensiva com o encantamento popular. O imaginário social é concebido a partir das experiências dos membros da sociedade e de seus grupos, levando em conta desejos, sonhos e ideais comuns.

O imaginário é construído por um conjunto de relações imaginárias produzidas

pela sociedade. Assim, ao assistir a esses programas, há reprodução de costumes e assimilação de tendências. Através das tramas, personagens e temáticas que envolvem telespectadores, são constituídos mitos, na construção de um imaginário, sendo verdadeiros “modelos de cultura” (MORIN, 1997, p. 83).

Para Maffesoli (2001, p. 75), o imaginário tem algo que ele denomina como “imponderável” Ele sustenta que “o imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Portanto, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”. Ele acredita que é justamente a existência de um imaginário coletivo que determina a possibilidade da existência de conjuntos de imagens.

Juremir Machado da Silva (2017) entende que o imaginário é um excesso, algo que se acrescenta ao real. O pesquisador entende que o “imaginário é uma aura, uma atmosfera, um plus, um excedente, uma interpretação, uma significação, um sentido para alguém” (SILVA, 2017, p. 25).

Imaginário é o fato que passou a ter sentido para alguém. Todo imaginário é um revestimento, uma cobertura, uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, um fenômeno, um evento, um trauma, um feito. Só há imaginário na medida em que existe o real (SILVA, 2017, p. 25).

O imaginário está ligado ao cotidiano. Muitas vezes, as pessoas agem por ele e nem percebem, pois se constitui de forma contínua. Da mesma forma como a percepção de que o negro está associado à marginalidade ou à falta de cultura e inferioridade, essas concepções foram formatadas, ao longo dos séculos, e, hoje, já fazem parte do imaginário coletivo. Nessa esteira, já que nossa dissertação versa sobre televisão e equidade, o imaginário do negro é uma construção social, enraizada ao longo do tempo, e é fruto de algumas tecnologias do imaginário, como a televisão e o cinema, que insistiram com os mesmos estereótipos, fortalecendo uma identidade equivocada.

Na perspectiva dos franceses, o imaginário pode ser entendido como uma sensação que abarca a experiência humana, dando coesão à realidade, pois emana da cultura, das relações sociais, e, por vezes, se materializa. Contudo, Maffesoli (2001) reforça que existem diferenças marcantes entre imaginário e cultura, apesar de serem conceituações muito próximas. Ele compreende que o imaginário é como uma espécie de aura, uma atmosfera.

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Fosse um estrangeiro, ao ver algum canal, dificilmente imaginaria que a população brasileira é majoritariamente negra. Isso porque o negro ainda não se reconhece nos meios televisivos, e sua representatividade é ínfima, de apenas 4%. As pessoas negras quase não se enxergam na propaganda brasileira; poucos anunciantes trazem negros como modelos em suas campanhas e existe pouca identificação. Porém, a estatística é controversa: os negros, no Brasil, consomem mais de 1,5 trilhão de reais por ano em produtos (LORAS, 2017), mas ainda é pouco vista uma família negra em comercial de margarina, pasta de dente, fralda ou de absorventes. Quando aparecem negros em uma publicidade, quase sempre é para produtos mais baratos e populares, fortalecendo a segregação. Segundo dados fornecidos pela *Agência Heads Propaganda*⁶, dos três mil comerciais exibidos, na televisão brasileira, durante uma semana de julho de 2016, somente 26% foram protagonizados por mulheres, das quais apenas 16% eram negras e 38% tinham o cabelo crespo e cacheado.

Por outro lado, é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira. Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública (SODRÉ, 1998, p. 24).

De forma geral, o negro aparece como coadjuvante, complementando o cenário do branco – e quase nunca como protagonista. Uma pesquisa, publicada pelo *Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa* (GEMAA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (TOSTE; CANDIDO, 2013), constatou que somente 15,2% das séries produzidas pelas emissoras contam com protagonistas negros e negras. No caso da *Globo*, a *Malhação*, série de maior duração na televisão brasileira, teve sua primeira protagonista negra em 2016, após 21 anos no ar. Nenhum filme brasileiro foi

⁶ A *Heads Propaganda* é, atualmente, uma das 30 maiores agências de publicidade do Brasil, segundo o IBOPE.

dirigido por uma mulher negra, no período de 2002 a 2012. Os jornais mais famosos dos canais abertos de televisão são, em sua esmagadora maioria, ancorados por jornalistas brancos. O Instituto Mídia Étnica (SANTANA; SALLES, 2017) evidenciou que a televisão brasileira conta com apenas 5,5% de apresentadores e profissionais negros e negras. O levantamento, após checar 204 programas das sete emissoras (*Cultura, SBT, Rede Globo, Rede Record, RedeTV!, Gazeta e Bandeirantes*), entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2017, revelou 272 apresentadores compondo as grades de programação. Desses, apenas 3,7% são negras e negros.

No livro *Na minha pele*, Lázaro Ramos (2017) também pontua a pesquisa de Lara Vascounto, do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEEEMA), que calculou quantas vezes os negros tiveram papéis centrais nas novelas. Para ele, revelou “uma discrepância com relação aos brancos realmente estarrecedora” (RAMOS, 2017, p. 60). Entre 1994 e 2014, apenas 4% das protagonistas das novelas da *Rede Globo* foram interpretadas por mulheres não brancas - o que, comparado com outros tempos, é um ponto positivo, mas as negras continuam sendo exceção. Outro fato que o artigo divulga é que apenas três atrizes se revezaram para interpretar essas personagens – a esposa de Lázaro, Taís Araújo, está entre elas.

Lázaro aproveita a oportunidade e descreve as características, segundo a pesquisa do GEEEMA, pelas quais os negros são estereotipados na televisão:

1. A mãe preta que faz tudo pelos patrões;
2. A empregada doméstica espevitada, servil, bisbilhoteira, sedutora, cômica ou submissa;
3. O fiel amigo do jagunço (que é, na verdade, a versão masculina da empregada doméstica);
4. O escravo (um clássico, não é mesmo? Falarei mais sobre isso depois);
5. A negra fogosa e sensual;
6. O malandro;
7. O negro “perfeito”, termo inventado por Joel Zito Araújo para designar o negro que se afasta de sua origem e se torna, assim, mais aceitável aos olhos dos brancos;
8. O negro “escada”. Explico: ele só está lá para mostrar como o personagem branco é bom ou mau, ou mais importante que ele (RAMOS, 2017, p. 84).

Nesse sentido, faz uma autocrítica e revela que ele é uma exceção que confirma a regra, pois viveu personagens diversos que quase não fazem parte da lista citada acima: “Paro para pensar rapidamente com quantos atores negros compartilho

esses privilégios e calculo que, no máximo, não passem de meia dúzia” (RAMOS, 2017, p. 83).

A imagem do negro ainda está muito ligada à pobreza. Então, em parte, há uma certa resistência do ponto de vista mercadológico a colocar negros em propagandas. E outra coisa é que a publicidade, do ponto de vista cultural, reflete as relações hierárquicas presentes na sociedade. Enquanto o negro for excluído e discriminado em todos os setores, não será maioria nos comerciais da TV, outdoors e anúncios de revistas e jornais. A publicidade não virá como elemento de vanguarda que vai mudar a imagem do negro perante a mídia. Ela vai mudar à medida que a sociedade for mudando sua resistência em relação ao negro (RAMOS, 2017, p. 84).

A televisão é “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica”, escreveu Bordieu (1997, p. 20). Nessa perspectiva, Dominique Wolton (2006, p. 135) acrescentou que a TV é, atualmente, “um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa”.

Mas a força da televisão como laço social vem justamente do seu caráter ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e especular. É também nisso que ela se mostra adequada a uma sociedade individualista de massa, caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social (WOLTON, 2006, p. 124).

Uma lei em prol da igualdade racial foi sancionada em julho de 2010. O Estatuto da Igualdade Racial começou a ser discutido em 2000 com o Projeto de Lei nº 3.198/00 (PAIM, 2000), de autoria do senador gaúcho Paulo Paim, e, em 2003, foi debatido no Congresso Nacional com o Projeto de Lei 213/03. O texto de 2006 trazia ações que visavam à garantia de direitos à população afro-brasileira. Dentre os objetivos que podemos destacar: “os direitos fundamentais das mulheres negras; a herança cultural e a participação dos afro-brasileiros na história do país que será garantida pela produção veiculada pelos órgãos de comunicação; políticas voltadas para a inclusão de afro-brasileiros no mercado de trabalho” (PAIM, 2006).

Todos sabemos que a cor não determina a capacidade de um ser humano, ela é apenas uma diferença, assim como o tamanho dos pés, como a cor dos olhos, como a altura, como a forma dos cabelos. Temos orgulho de sermos o que somos, mas é vergonhoso vivermos em um mundo onde os negros são tratados como seres inferiores. Lamentamos pelo atraso e pelas marcas que esse tratamento, sinônimo de desumanidade, registram na história da nossa Nação. A

fim de eliminarmos o racismo, o preconceito e as discriminações, muito tem sido feito, mas ainda há muito a se fazer. Atualmente estamos articulando a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial na Câmara dos Deputados. A resistência faz com que recordemos as dificuldades dos abolicionistas do passado (PAIM, 2006).

O projeto sofreu várias modificações, durante os quase dez anos de tramitação, até ser reconhecido pela Câmara dos Deputados, em setembro de 2009. O Estatuto da Igualdade Racial foi aprovado, após acordo entre governo e oposição e com a retirada de pontos considerados polêmicos no texto original, como a regularização de terras quilombolas e um percentual de atores e figurantes negros para programas de TV. Esse último faz alusão direta ao tema desta dissertação, já que também discute sobre o espaço que o negro ocupa na teledramaturgia brasileira. Na época, entre as ações destacadas por Paim, no texto de 2006, está que “o sistema de cotas buscará corrigir as inaceitáveis desigualdades raciais que marcam a realidade brasileira”. Porém, esse foi um dos pontos modificados no texto aprovado na Câmara.

O Estatuto da Igualdade Racial teve o texto final sancionado pelo presidente da época, Luís Inácio Lula da Silva, após quase um ano de sua aprovação no Congresso. Muitos consideram que a própria aprovação do estatuto já é uma vitória, pois mostra que o Brasil reconhece que o preconceito e a desigualdade estão presentes na sociedade, como destacou o antropólogo Kabengele Munanga.

O documento foi praticamente desfigurado. O fato de reconhecerem que há preconceito no Brasil e que algo precisa ser feito já é alguma coisa. Mas o texto não contempla a expectativa da população negra, porque um dos problemas do Brasil – a ausência de igualdade – foi removido (MUNANGA, 2010, p.133).

O texto de 2006 trazia, no capítulo IX, que trata dos meios de comunicação, a distribuição de cotas para atores e figurantes negros em produções a serem veiculadas pelas emissoras de televisão – em especial, às mulheres negras –, visando a garantir uma mistura de etnias na programação, para fortalecer a cultura afro. O capítulo abrangia, também, a publicidade a ser veiculada na TV e em salas de cinema, através do artigo 75.

Art. 74. Os filmes e programas veiculados pelas emissoras de televisão deverão apresentar imagens de pessoas afro-brasileiras em proporção não inferior a vinte por cento do número total de atores e figurantes.

§ 1º Para a determinação da proporção de que trata este artigo será considerada a totalidade dos programas veiculados entre a abertura e o encerramento da programação diária.

§ 2º Da proporção de atores e figurantes de que trata o caput, metade será composta de mulheres afro-brasileiras (PAIM, 2006).

A tentativa de lei, através das cotas, era uma possibilidade de inserir mais atores negros não só nas novelas e programas televisivos, mas em todo tipo de programação e publicidade veiculada pelos meios de comunicação – inclusive, em revistas de beleza e moda, que também não valorizam a diversidade existente no Brasil.

Art. 44. Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística (ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, 2010).

A mídia, de forma geral, e a televisão, em especial – na tradicional e nas atuais plataformas –, por ser mais massiva, consegue potencializar comportamentos e ideias, construindo ou desconstruindo conceitos. Sodré (2015, p.76), quando disserta sobre o discurso da grande mídia, destaca que ela quase sempre se desenvolveu como "um bem patrimonial e os sujeitos econômicos da indústria da informação são predominantemente famílias". Ou seja, já que os meios de comunicação são gerenciados com finalidade comercial, o interesse público torna-se secundário e o cidadão vira consumidor.

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como público, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira (SODRÉ, 2015, p. 277).

4.2 A (IN)VISIBILIDADE E O ESTEREÓTIPO NO MEIO MAIS ABRANGENTE

Racismo é uma questão que está presente desde sempre no Brasil. A diferença é que antes era uma questão velada. Agora, com todos esses acontecimentos, as pessoas começaram a pensar: 'Perai, isso é uma questão, isso tem que ser falado'. Se existe esta diferenciação, uma compensação do valor histórico que deixa os negros em desvantagem no mercado de trabalho ou na educação, é porque realmente isto tem outras consequências e implicações. E isso eu

sempre vivi, e tenho certeza que todas as atrizes, as pessoas famosas, já passaram por isso a vida inteira (ALVES, 2016).

Figura 5 - Juliana Alves



Fonte: Reprodução.

Seja no teatro, no cinema ou, sobretudo, na televisão, via de regra a imagem do negro quase sempre foi retratada como alguém pertencente às classes mais baixas da sociedade, por vezes, vinculados às desgraças e quase sem cidadania. Joel Zito Araújo (2010) afirma que a inserção do negro, nas telenovelas, se restringiu, por muito tempo, à subalternidade. Ou seja, era o escravizado, o empregado e o bandido. Esse fato não está condicionado apenas às novelas, mas, também, a peças publicitárias, por exemplo.

Nossa grande complicação é porque até hoje permanece, não só no fundo da psique de cada um de nós, mas principalmente, na dos produtores de cultura, naqueles que estão no topo da televisão, da publicidade e até mesmo do cinema, uma ideia de que o belo é branco, ser primeiro mundo é ser branco. Uma ideia de estética moderna, mais chique, é a estética colada com a produção estética europeia. É uma vontade de ser contemporâneo, mas a partir da imposição dos modelos de beleza criados na Europa e nos Estados Unidos (ARAÚJO, 2002, p. 67).

De certa forma, não é papel apenas da televisão, tampouco da telenovela, acabar com as desigualdades sociais no país. No entanto, é possível que as oportunidades concedidas às imagens do negro, junto à sociedade, deixem de reforçar uma visão desfavorável da etnia. Sodré (1999) denunciou o chamado "racismo midiático". Para ele, há uma atuação, dentro da esfera cultural, como propagadores de modelos, sendo que isso ocorre a partir do ponto de vista dos grupos dominantes. Isso coloca em cheque toda uma diversidade cultural presente no país,

pois ela não é representada, mas determinada a partir de interesses. No que se refere à representação na televisão, Sodré (1999) compreende que as produções reforçam preconceitos presentes no senso comum, exclui expressões da cultura negra ou são representados de maneira estereotipada.

Através da expressão "síndrome de vampiro", Sodré (1999) caracteriza o fato de os negros, de um modo geral, não conseguirem enxergar sua imagem no espelho da mídia. Assim como vampiro está para o espelho, ele também não se reconhece, não se vê. Para o pesquisador, uma análise das propagandas, produções cinematográficas e, principalmente, da TV, pode comprovar esse panorama. Ele ainda reforça que mídia exerce um importante papel para a criação de imagens e estereótipos. Se, ao ser liberado da escravização, passou a ser considerado, pela sociedade, como um cidadão de segunda categoria (Ortiz, 1998), hoje a expansão dos meios midiáticos, local de visibilidade social, traz a possibilidade de uma reformulação dessas representações sociais. Nas questões étnicas, isso se traduziria na busca por uma equidade social, quebrando a hegemonia branca.

Lima (2000), Martin-Barbero (2009) e Araújo (2000) sustentam que a telenovela é a produção cultural de maior importância da indústria cultural brasileira. Seu conteúdo é reverberado em inúmeras publicações semanais sobre o tema, de colunas de revistas e jornais à pauta de programas especializados. Conforme o primeiro autor, grande parte da programação da televisão, bem como uma grande quantidade de matérias da mídia impressa, especializada ou não em telenovela, se nutrem, de modo direto ou indireto, desse gênero, que também é o maior captador de verbas dos anunciantes (LIMA, 2000). Ele relata que a teledramaturgia e seus formatos consolidados – a telenovela, o seriado, a minissérie – estão presentes no cotidiano familiar, integram a sociabilidade e as ritualidades do povo, sendo parte da cultura brasileira de modo enraizado – e, por isso, constituindo um objeto fundamental para compreender a sociedade.

No caso dos negros, a teledramaturgia reforça preconceitos difundidos pelo senso comum, promovendo representações estereotipadas, naturalizadas e inferiorizadas. Araújo (2000) escreve que o processo de produção da telenovela quase sempre foi abastecido por um reservatório de estereótipos negativos sobre o negro – clichês amparados nos resíduos da memória coletiva, que são, também, segundo o autor, reflexo de situações sociais reais que os discriminam.

Letícia Rodrigues (2007), no artigo "O negro e a mídia: recepção da telenovela

por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria”, citando Jesus Martin-Barbero (2006), afirma que a mídia é essencial no processo de construção da identidade negra, pois é o meio para formação de opinião junto à sociedade. Segundo ela, a identidade contemporânea, como a identidade étnica negra, está continuamente se construindo e se modificando, e a mídia atua nesse processo, inclusive para seu reconhecimento social. Para ele, o que os indivíduos querem não é tanto serem representados, mas, sim, reconhecidos: fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença (MARTIN-BARBERO apud RODRIGUES, 2007).

No livro “A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira”, Araújo (2004) analisa as representações nas telenovelas brasileiras, transmitidas entre as décadas de 1960 e 1990. Na época, o autor considerou que as produções persistiam em um ideal de branqueamento, como uma espécie de política eugenista, denominada, conforme definição dele, “estética sueca”. Só a análise das 98 novelas exibidas pela *Rede Globo*, nas décadas de 1980 e 1990, revelou que, exceto as que tinham a escravização como tema, em 28 não apareceu nenhum afrodescendente. Em apenas 29 o número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar a marca de 10% do total do elenco. Segundo ele, ainda assim, quando apareceram, eram de maneira estereotipada. Os papéis destinados a eles, na maioria das vezes, eram de empregados domésticos, subordinados aos patrões brancos. As personagens negras eram mostradas de forma subalterna e negativa, destacando-se os aspectos da sensualidade.

Pouco depois, Wesley Pereira Grijó e Adam Henrique Freire Sousa (2011), no artigo “O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações”, verificaram que, entre 2000 e 2010, das 53 telenovelas da *Rede Globo* pesquisadas, apenas três tiveram como protagonista um personagem afrodescendente. Em continuidade aos estudos nesse segmento, fizemos uma imersão nos conteúdos apresentados entre 2011 e 2017, para verificarmos possíveis mudanças. No atual período, também foram pesquisadas todas as novelas da *Globo*, totalizando 62 - sendo a novela das 17h, das 18h, das 19h e das 21h – e constatamos oito protagonistas negros (VER APÊNDICE). Ou seja, houve avanço na presença dessa etnia, na emissora com maior relevância no cenário brasileiro. O número quase duplica, se considerarmos as séries, já que há mais quatro personagens com atuação de destaque.

Para alcançarmos esse número, categorizamos os dados das 62 telenovelas seguindo critérios como: ano de exibição; título; horário de exibição; quantidade de

negros, protagonista e coadjuvante. O levantamento, baseado no fenótipo cabelo, boca, nariz e cor da pele, foi realizado a partir de dados coletados no âmbito da produção, como os sites das telenovelas. No período de sete anos, as produções com o menor número foram: *Malhação Casa Cheia* (0), *Malhação Sonhos* (0), *Guerra dos Sexos* (1) e *Haja Coração* (1). No que se refere às novelas com o maior número de negros estão: *Totalmente Demais* (12) e *Lado a lado* (12), *Aquele Beijo* (10), *Geração Brasil* (9), *Cheias de Charme* (9) e *Joia Rara* (7). Se considerarmos a classe de seriados, *Subúrbia* teria o maior destaque, com 30, que é um seriado que conta a trajetória de Conceição (Débora Nascimento/Erika Januza), menina pobre que deixa o interior de Minas Gerais, aos 12 anos, e se desloca para o Rio de Janeiro, em busca de uma vida nova, sendo acolhida por uma família do subúrbio carioca. Erika Januza atuou na novela das 21h, *Do Outro Lado do Paraíso* (2017), como a quilombola que superou barreiras e tornou-se juíza. Na sequência da minissérie *Subúrbia*, surge *Cidade dos Homens*, com 12 personagens negros, que recontou e atualizou a história de Laranjinha e Acerola, meninos com problemas específicos nas comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Em 2011, Marcello Melo Junior integrou o elenco da nova temporada de *Malhação*. Na trama, interpretou o personagem Maicon, um ingênuo jogador de futebol que, para se dedicar à carreira, precisa terminar o Ensino Médio. Já em 2016, também em *Malhação*, Aline Dias deu vida à protagonista Joana, uma garota simples e batalhadora que buscava, no Rio de Janeiro, uma nova vida e possibilidades de encontrar o pai. Assim como Maicon, embora em épocas distintas, ela, em busca emprego, trabalhou como faxineira em uma academia e enfrentou preconceitos característicos da etnia. Ainda em 2017, na nova temporada, Hesnaine Vieira viveu Ellen, que, depois de ganhar bolsa para estudar no colégio Grupo, sofreu preconceito por ser negra e pobre. Aos poucos, conseguiu empoderar-se e destacar-se na trama.

Taís Araújo foi uma das personagens principais de *Cheia de Charme*, em 2012. Penha era uma empregada doméstica que sustentava o marido Sandro, o filho Patrick e os irmãos. Em 2013, Lázaro Ramos e Camila Pitanga protagonizaram a novela das 18h, *Lado a Lado*, interpretando Zé Maria dos Santos, um sapateiro e capoeirista, e Isabel Nascimento, uma empregada. O enredo foi ambientado no período posterior à abolição da escravização e Proclamação da República no Brasil. Retratou as lutas das mulheres, dos negros e das classes populares do Rio de Janeiro por igualdade, em um momento de grandes transformações políticas e sociais. *Lado a Lado* conquistou

o Emmy Internacional de melhor telenovela, em Nova York, na 41ª edição da premiação da Academia Internacional de Artes e Ciências Televisivas, considerado o Oscar da TV mundial.

Em 2015, Camila Pitanga interpretou Regina na novela *Babilônia*. Dona de um quiosque na praia, a faxineira era filha de Dora e Cristóvão, irmã de Diogo. Quando jovem, envolveu-se com Luís Fernando sem saber que ele era casado e acabou engravidando. Batalhadora, fez de tudo para sustentar a filha Júlia e ajudar a família. Depois de levar muitas rasteiras da vida, estabeleceu-se como modelo, além de gerenciar o bem sucedido restaurante Estrela Carioca.

Em 2016, Camila Pitanga protagonizou a novela das 21h *Velho Chico*. Na pele de Maria Tereza de Sá Ribeiro, viveu uma personagem sofrida e guerreira, que nasceu prematura, em um parto difícil feito pela avó. Na época, houve uma crítica sobre a verossimilhança da obra, pois, na primeira fase da telenovela, duas artistas brancas (Isabella Aguiar e Julia Dalavia) fizeram o mesmo papel.

No levantamento realizado para nossa pesquisa (VER APÊNDICE), das novelas avaliadas, havia 252 negros, mas apenas oito eram protagonistas. Levando em conta as minisséries, dos 42, apenas dois ficaram com personagens em destaque. Se sabemos que a televisão é imagética, por que não colocar um núcleo negro com seus problemas do cotidiano, comuns a pessoas de todas as etnias? Por que não tratar os negros nas histórias televisivas de forma natural? Hipoteticamente, pode-se pensar que tais mudanças se devem ao novo cenário populacional e econômico brasileiro, que fez as emissoras de televisão redefinirem suas produções para atender às demandas do novo público consumidor hegemônico: afrodescendentes e a nova classe média.

Por fim, após conceituação, retrospecto histórico e análise geral da (in)visibilidade do negro na televisão brasileira, o próximo capítulo é dedicado ao objeto de estudo de nossa dissertação: o *Programa Mister Brau*. Conforme pesquisa, não há memória de outra atração, na *Rede Globo* – principal emissora do país –, com dois protagonistas bem-sucedidos, falando do desejo de ascensão e do preconceito no país em uma série. Com altos índices de audiência e veiculação por quatro temporadas, *Mister Brau* tem auxiliado na (re)construção do imaginário social do negro no Brasil, para além de estereótipos segregadores e arraigados em uma imagem que inferioriza uma parcela da sociedade? Antes de responder ao questionamento, é necessário conhecer a concepção, a relevância e a aceitação da

atração da *Rede Globo*.

5 MISTER BRAU E A (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

É ingênuo perguntar a um brasileiro negro se ele já sofreu racismo. O racismo está presente em cada setor da sociedade. Quantas protagonistas de novela negras temos? Quantos políticos? Quantos jornalistas? Quantos líderes negros temos no Brasil?”, dispara. “Essa responsabilidade de ser um exemplo é uma das maiores alegrias do meu trabalho. Toda vez que um jovem negro vem me cumprimentar pelo meu trabalho, sinto uma conexão que deixa claro o valor da representatividade. Os anos de luta de nossos antepassados estão presentes em nosso código genético e essa afirmação cultural é o que abre caminho. Ainda estamos longe da igualdade, mas sigo otimista” (SILVA, 2014).

Figura 10 - Ícaro Silva



Fonte: divulgação.

Com autoria de Jorge Furtado, direção geral e de núcleo de Maurício Farias, Patrícia Pedrosa e Olívia Guimarães, *Mister Brau* chegou em 2018 à quarta temporada na Rede Globo. Exibido semanalmente, geralmente nas noites de terças-feiras, o seriado conta a história de um casal de músicos no auge das carreiras. Vividos por Lázaro Ramos e Taís Araújo, que ascendem à classe alta e precisam conviver com os dilemas da vida artística e, sobretudo, com o fato de serem negros em um lugar de destaque na sociedade. A trama tem como pano de fundo, entre muitos aspectos, a questão racial no Brasil, afinal, em mais de meio século, é a primeira vez que a principal emissora do Brasil dá enfoque em dois atores negros como protagonistas em seriados sem se valer apenas do imaginário social, associado à escravização, trabalho braçal ou criminoso, por exemplo.

De acordo com o site *Memória Globo* (MISTER BRAU, 2015), a trama principal gira em torno da família de Brau:

Figura 11 - Michele e Brau recebem Elza Soares



Fonte: João Miguel Junior

Casados há cinco anos, Michele (Taís Araújo) e Braúlio (Lázaro Ramos) são celebridades reconhecidas no mundo do entretenimento. De origem humilde, mas com visão empreendedora, a dançarina transforma o marido no cantor Mister Brau. “Meu nome é Brau, marrom em inglês. Eu ‘abrasileirei’, para ficar diferente do James e do Carlinhos. E marrom em português é a Alcione”, costuma dizer o artista. Além de empresária e coreógrafa do astro, Michele tenta remediar as confusões provocadas por ele. Por sua vez, o artista tem a mulher como musa inspiradora. A vida do casal ganha novos contornos quando eles se mudam para um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A série também trata com humor temas como preconceito e racismo (MISTER BRAU, 2015).

Brau, um cantor de sucesso, e Michele, uma bailarina e empresária, têm orgulho da etnia a qual pertencem e fazem questão de demonstrar, já que são ricos e famosos e possuem uma legião de fãs, no Brasil e exterior. O destaque do casal, ainda em 2015, quando o seriado estava na primeira temporada, foi tão grande que se noticiou na Inglaterra, por abordar o racismo no Brasil. Na época, o jornal britânico *The Guardian* (BRUCE, 2015) publicou um artigo que refletiu o lugar do negro na televisão brasileira e revelou como sua participação, na dramaturgia nacional, é restrita e carregada de preconceitos. Ainda de acordo com o artigo, 75% dos papéis destinados a atores negros, no país, são para personagens em posição de subserviência, dado retirado do documentário *A Negação do Brasil*, de Joel Zito Araújo. Ao longo do texto do jornal britânico, o casal é descrito como o Jay Z e a

Beyoncé⁷ brasileiros. A participação dos dois na série é apontada como uma importante tentativa de mudar o racismo presente na televisão nacional. Além disso, o periódico traça um panorama do preconceito racial no Brasil, a partir de uma pesquisa da professora de antropologia da Universidade de São Paulo Lilian Schwartz. Nela, 96% dos brasileiros disseram não acreditar que exista racismo no país, no entanto, 99% afirmam conhecer alguém que seja racista.

Antes mesmo de estrear, *Mister Brau* ambientou-se na televisão dos brasileiros, a partir de uma experiência transmídia. Isso porque, em uma estratégia de marketing, a banda, junto com os protagonistas, se apresentou no *Domingão do Faustão* para divulgar a primeira temporada do seriado. Eles também receberam elogios de grandes nomes da música brasileira, nas redes sociais, como Ivete Sangalo, Nelson Motta, Carlinhos Brown e Lulu Santos. O casal também participou do *Encontro com Fátima Bernardes*, com o mesmo intuito de propagar a estreia de *Mister Brau*, misturando realidade e ficção. De forma diferenciada, a emissora, apostando na interação virtual, criou um site (GSHOW, 2015) tendo o personagem como real. Na página, há fotos, músicas, vídeos e depoimentos a respeito do cantor fictício.

Figura 12 - Brau e Michele recebem a cantora Karol Conka



Fonte: Tatá Barreto

⁷ Eles são a dupla mais bem paga do mundo das celebridades. Em 2017 a riqueza conjunta do casal negro estava em US\$ 1,16 bilhão.

Pode-se dizer, então, que “Mister Brau” propõe uma crítica de valores ao apresentar para uma sociedade que está acostumada a ver no horário nobre negros apenas como empregados domésticos e confidentes dos protagonistas, um casal afrodescendente com condição financeira elevada, relação sólida e uma carreira bem-sucedida. O seriado propõe, ainda, usando a ironia uma discussão sobre racismo e pode ser apontada como uma tentativa de mudar o panorama do negro da televisão brasileira (VITORINO, 2016, p. 75-76).

O seriado substituiu *Tapas e Beijos*, após meia década de exibição na *Rede Globo*. Com a responsabilidade de manter a audiência, a primeira temporada ocorreu de 22 de setembro a 29 de dezembro de 2015, com 13 capítulos de cerca de 20 minutos de duração. Nesse tempo, conforme o Ibope (ONLINE, 2015), 19,7 milhões de telespectadores por minuto assistiram a *Mister Brau*, e 105,1 milhões de pessoas foram alcançadas pelo seriado, com média de 23,8 pontos de média na Grande São Paulo.

No período de estreia, o Brasil pôde conhecer o casal que recém havia se mudado para um luxuoso condomínio na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Embora tivessem dinheiro e *status* social elevado, não ficaram livres do preconceito, já que a etnia de ambos carrega um peso histórico e, segundo os vizinhos, o lugar deles não deveria ser em um ambiente de alto nível financeiro e social. Excêntricos e com a música sempre presente, tanto que Lázaro gravou 20 canções para a primeira temporada, eles acabavam incomodando quem morava ao lado deles com as constantes festas. Ao longo dos episódios, sempre sob o prisma do afeto e do carisma, revelou-se a rotina do casal, em meio aos shows e os conflitos raciais, sociais e amorosos. Assim, além de entreter, fazia-se uma reflexão sobre a presença do negro na televisão, sobre o preconceito e a ascensão social.

Mister Brau como um cara que celebra a vida, ele é um artista popular que gosta das suas origens e de ser quem é. Ele tem o dinheiro como prazer e não para ostentar, e o humor vem da impulsividade que o personagem tem. O núcleo familiar e as discussões em família do programa são muito divertidos e trazem uma identificação. Com certeza todo mundo vai achar alguma semelhança em algum parente (RAMOS, 2015).

Já a segunda temporada foi veiculada de três de maio a dois de agosto de 2016, com 14 episódios. Os capítulos resultaram na média de 21 pontos e, conforme

noticiado na época, demonstrou que o protagonismo de um casal negro, em um seriado, sem recorrer à posição de subserviência é possível (BENÍCIO, 2016). Nessa fase, o seriado continuou fazendo crítica social com humor, através do relacionamento com os vizinhos, amigos e colegas, que aparecem em cada episódio. Porém, ao contrário da primeira temporada, não é só Brau que teve o talento reconhecido no exterior. Michele, a esposa, bailarina e empresária, também alcança o patamar de *pop star* como cantora. Nesse contexto, o empoderamento feminino ganha destaque.

No final daquele ano, foi veiculado, somente no *Globoplay*, um programa especial chamado *EspeciBrau* (GLOBO PLAY, 2016). No episódio de Natal, o casal Brau apresentou 25 videoclipes das melhores músicas de *Mister Brau* e mais dois videoclipes solo de Michele Brau.

Michele vira uma cantora de fama internacional, e discutiremos muitas coisas com isso. Desde o homem não segurar a onda quando a mulher tem destaque, até a questão dos refugiados. Os autores fazem algo que acho super legal, que é olhar para a sociedade, ver o que ela está discutindo, pegar tudo isso e botar dentro da série (ARAUJO, 2004).

Figura 13 - Brau e Michele adotam três crianças



Fonte: João Miguel Junior

Em 2017, antes de a nova fase do seriado estreiar, mais uma vez ocorreu um programa especial, em um domingo à tarde, para enfatizar o início da nova trama. Em *Os Brau*, houve apresentações de Karol Conka, Marília Mendonça, Cláudia Leitte, Maiara & Maraisa, Pablo, Buchecha, Liniker e os Caramelows, entre outros. Pouco depois, foi ao ar a terceira temporada do programa.

De 18 de abril até 18 de julho de 2017, foram exibidos 14 capítulos. De acordo com a divulgação do site *O TV em Foco*, *Mister Brau* alcançou 23 pontos de audiência, com 36% de participação. No Rio de Janeiro, foram 25 pontos e 41% de engajamento participativo. Cada ponto equivale a 70,5 mil domicílios na Grande São Paulo e a 44 mil no Rio de Janeiro. Naquele ano, segundo Lázaro Ramos, atendendo a uma demanda dos telespectadores, o casal tornou-se responsável pela vida de três crianças: eles adotaram Carlito (Sérgio Rufino), Egídio (Leonardo Lima) e Lia (Bruna Oliveira). Em razão disso, fazendo analogia com o próprio passado, tiveram que reviver questões como o *bullying* e o preconceito. Os pais dos protagonistas também foram apresentados, mostrando a origem de Brau e de Michele.

O programa já nasceu com a ideia de tocar em assuntos sérios. É a primeira série com protagonistas negros no Brasil, então, falar sobre preconceito racial é uma novidade que *Mister Brau* apresenta. Nesta temporada, por causa do programa de TV que vão ter, Brau e Michele receberão talentos musicais interessantes, como a MC Soffia (rapper de apenas 13 anos que retrata a condição das crianças negras em suas músicas), todos carregados de personalidade e originalidade. Isso nos permite debater mais a fundo os temas sociais (FURTADO, 2017).

A quarta temporada foi veiculada entre 24 de abril a 12 de junho de 2018. Em razão da Copa do Mundo, teve apenas 8 capítulos. Nesse ano, a relação do seriado com os elementos afros ficou ainda mais intensa. Isso porque Michele se consolidou como uma grande artista da música pop mundial, com direito a agenda lotada. No entanto, o sucesso da esposa estremeceu a vaidade de Brau. Diante disso, ele se voltou para as próprias raízes em Madureira. Em busca do novo estrelato, cantou, inclusive, música sertaneja. Nesse meio tempo, ele viajou com Michele para Angola e tenta recuperar sua identidade pessoal e artística. Além desse mote, trouxe temas atuais, como a Operação Lava-Jato, o drama dos refugiados e racismo. Sobre essa temporada, de modo especial em relação à viagem a outro continente, Taís Araújo conta que foi “muito lindo ver como o povo angolano gosta de Brau, o quanto eles se identificam com nossos personagens e com nosso país” (ARAÚJO, 2018). A atriz considera que “essa viagem fecha, com chave de ouro, o que temos buscado nesses anos de série: o fortalecimento da identidade dos nossos personagens” (ARAÚJO, 2018).

O Brau abriu na programação um espaço em que se discute o negro

de outra maneira: são negros bem-sucedidos, com a autoestima elevada, e como gostaríamos de ver na televisão. Então fazer um episódio como esse, que voltamos para a Angola, significa buscar um pouco dessa herança que temos no Brasil, afinal nós negros, somos a maior parte da população brasileira. Acho que vai ser importante mostrar essa coisa que existe na Angola e que não temos aqui, de descobrir quem são esses negros, de onde vem essa etnia, esse povo, o que é bacana mostrar na TV Brasileira (MIRANDA, 2018).

Resumo da ficha técnica de *Mister Brau*, de acordo com o portal *Memória Globo*

- **MISTER BRAU** (Lázaro Ramos) – Cantor de sucesso e marido de Michele (Taís Araújo), Bráulio tem certa dependência de Michele e do advogado Henrique (George Sauma). Seu melhor amigo e parceiro musical é Lima (Luis Miranda).
- **MICHELE** (Taís Araújo) – Esposa de Mister Brau, é empresária, coreógrafa e dançarina. Foi ela quem criou o nome “Mister Brau”. É fã de Brau, mas não admite traições. Embora controladora, faz de um tudo para ver o marido e os amigos felizes. Michele tem em Gomes (Kiko Mascarenhas) o seu “personal tudo” e fiel escudeiro.
- **EGÍDIO** (Leornado Lima), **CARLITO** (Sergio Ruffino) e **LIA** (Brunna Oliveira) - Filhos adotivos de Brau e Michele.
- **ANDREA DE MENEZES** (Fernanda de Freitas) – Esposa do advogado Henrique (George Sauma) e filha de Antônio Carlos (Daniel Dantas), dono de um grande escritório de advocacia. Preconceituosa, desde o início não suportou a ideia de ter vizinhos negros e barulhentos.
- **HENRIQUE DE MENEZES** (George Sauma) – Advogado e marido da *socialite* Andrea (Fernanda de Freitas), ao conhecer Brau torna-se amigo e advogado dele, embora tenha certa atração física por Michele Brau.
- **GOMES** (Kiko Mascarenhas) – Mordomo na mansão dos Brau. Torna-se amigo de Michele (Taís Araújo).
- **LIMA** (Luis Miranda) – Amigo e parceiro musical de Mister Brau (Lázaro Ramos). Mora na mansão do músico por não ter um local para viver.
- **ANTÔNIO CARLOS** (Daniel Dantas) – Dono de um escritório de advocacia. É pai de Andréia (Fernanda de Freitas). Trabalha com o genro Henrique (George Sauma) e é mulherengo.
- **CATARINA** (Cláudia Missura) – Governanta na mansão do casal Andréia

(Fernanda de Freitas) e Henrique (George Sauma). Namora o segurança Marques (Marcelo Flores).

- **MARQUES** (Marcelo Flores) – Segurança no condomínio Mountain Hill. Namora Catarina (Cláudia Missura) e torna-se amigo de Lima (Luis Miranda).

Em *Mister Brau*, Michele e Brau revelam-se como uma exceção na sociedade. Por isso, lutam para conseguir espaço no condomínio e fora dele, embora já sejam famosos. Ainda que sejam ricos, honestos e tenham enriquecido pelo trabalho, a cada temporada precisam deixar bem visível que se bastam e que todos precisam respeitá-los.

5.1 ESTÉTICA E EMPODERAMENTO DO SERIADO

Eu estava parando no sinal e, sem querer, dei uma freada brusca. Aí uma senhora que iria atravessar, com raiva, falou assim: Olha para o sinal, sua preta desgraçada! Fiquei muito chocada com aquilo, até chorei. Racismo é uma coisa muito feia' (PROTÁSIO, 2012).

Figura 14 - Cacau Protásio



Fonte: Reprodução Twitter

Um seriado com casal de protagonistas negros, ricos e bem-sucedidos, exaltando as raízes afro-brasileiras e africanas. Baseado na repercussão e audiência, a junção desses elementos é um dos trunfos de *Mister Brau*. Afinal, o programa conseguiu fazer, com êxito, o que muitas novelas, em meia década de dramaturgia na televisão brasileira, não conseguiram: dar lugar de destaque para pessoas que, embora sejam maioria no país, ainda não têm a devida representação na TV.

Por menor que seja a presença de dois atores negros na *Rede Globo*, em papéis que não são de empregados nem bandidos, isso já altera a perspectiva e amplia a visibilidade da maior parte da população brasileira. De acordo com Faria e Fernandes (2007), seja no elenco de uma telenovela ou em uma série, o ator, na maioria dos casos, receberá um personagem, cujas características étnicas já estavam previstas. Ou seja, ainda quando existe um papel de destaque, via de regra, ele será representado por um ator branco, pois, para o negro, é reservado o personagem que já é estereotipado.

No que se refere a seriados, nos Estados Unidos existe uma realidade alterada há mais tempo, como nas séries *Empire*, *Suits*, *How to Get Away with Murder*, *Dear White People*, *She's Gotta Have It*, *Greenleaf*, *Luther*, *Master of None*, *The Get Down*, *Chewing Gum*, *Luke Cage*, e *Scandal*. No país, há mais protagonistas negros em posições de destaque. Nesse sentido, Lázaro destaca que concorda com a fala de atriz Viola Davis, proferida durante a cerimônia do Globo de Ouro de 2017. Na ocasião, a norte-americana recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante por seu trabalho em *Fences*, de Denzel Washington, e afirmou: “A única coisa que diferencia as mulheres de cor de qualquer outra pessoa são as oportunidades. Não dá para ganhar um Emmy com papéis que simplesmente não existem” (DAVIS, 2017). Segundo Lázaro Ramos (2017), há poucos personagens negros em destaque, porque há poucos roteiros escritos com esse viés.

Quando você vê 'How to get away with murder', 'Black-ish' ou uma série popular, como era 'Fresh prince of Bel-air' – olha quanto potencial tem aí, e olha quanto a gente ainda pode construir dentro da nossa história, desde histórias oficiais até arquétipos novos de personagem. A comunicação e o entretenimento precisam se renovar (RAMOS, 2017).

Em *Mister Brau*, praticamente todo o seriado tem elementos ligados à África, justamente para reafirmar a questão do pertencimento ao continente que é considerado o berço da civilização. No que se refere ao ambiente em que o seriado é gravado, em entrevista ao site *Nossa Gente*, a cenógrafa Lu Nicolino destacou, por exemplo, que buscou referências em motivos afro-brasileiros, formas geométricas, grafite e arte urbana e de rua, sempre com um olhar contemporâneo. “Brau é uma pessoa de composição, ele gosta de inventar. A própria música dele não é linear, é customizada. Michele é diferente, gosta de coisas mais bacanas e estampas mais

legais” (MISTER BRAU, 2015).

Figura 15 - Brau e Michele gostam de usar roupas coloridas.



Fonte: João Miguel Junior

Já o produtor de arte Luiz Pereira contou que, para dar vida à mansão, localizada em um condomínio de luxo da Barra da Tijuca, garimpou objetos e obras de arte em diferentes estados do Brasil. “Estive em exposições de grafiteiros e de artistas variados, então, na casa, é possível ver desde uma cabeça de Cavalhada, que é uma festa folclórica de Goiás, até fotografias produzidas em Nova York” (MISTER BRAU, 2015). explica. Detalha que “em contraste com a exuberância de detalhes e estampas nos objetos, a aposta para colorir os ambientes foi em uma paleta de tons com base mais neutra, misturando preto, cinza, prata e dourados pontuais, a fim de que não se criasse um visual confuso” (MISTER BRAU, 2015).

Ainda em entrevista ao site *Nossa Gente* (MISTER BRAU, 2015), o figurinista Antônio Medeiros e a responsável pela caracterização, Érica Monteiro, contam que as roupas e os adereços foram criados para dar a dimensão desse ecletismo que faz um *mix* entre o ancestral, o étnico e a moda contemporânea europeia, resultando em um estilo único. “Brau e Michele não são novos ricos que querem aparecer pelas roupas que podem comprar. Eles usam desde peças caríssimas a roupas compradas em grandes magazines” (MISTER BRAU, 2015). Antônio também ressaltou que, às vezes, interfere nas peças, invertendo as costas pela frente, usando-as pelo avesso, cortando mangas e, até mesmo, pichando as roupas com *spray*.

A dupla relata que o figurino dos Brau é uma conjunção de vários signos: estampas afros, cortes étnicos orientais ressignificados e até mesmo uniformes de

exército *retrôs*. Michele, por exemplo se veste com exuberância, com muita cor, muitos acessórios, *maxibrincos*, colares enormes, mas tudo harmoniosamente. “Ela é uma mulher de atitude, antenada e sem pudores com seu corpo. Exala feminilidade e vigor”. Já para o figurino do Lázaro, além do estilo ostentação, o enfoque é na tendência do unisex, que pega peças mais amplas e de referência feminina, como saias e vestidos e trazem para o masculino. Silhueta alongada e muitos acessórios finalizam o visual do Brau. “Durante as apresentações musicais, Mister Brau e Michele usam pinturas no rosto e no corpo que tem como influência tribos africanas que utilizam as mesmas pinturas em alguns rituais.”

Representamos uma parcela do Brasil que é muito subjugada o tempo inteiro. É importante para nós, como população negra, estarmos num lugar de prestígio. [...] Eu me tornei negra. A gente nasce neste país para tentar ser outra coisa, o que somos não é aceito. Não vê as meninas alisando o cabelo? (ARAÚJO, 2017).

Nesse contexto de elegância e empoderamento, Lázaro considera que a série contribuiu para que a estética apresentada no programa se tornasse algo desejado pelo público. Informações da Central de Atendimento ao Telespectador da Globo dão conta de que, quando o seriado está com a temporada ativa, as roupas dos protagonistas, sobretudo informações sobre o cabelo, unhas e acessórios de Michele Brau figuram entre os itens mais requisitados. “Se você fizer uma pesquisa de imagens é possível achar vários homens e mulheres, nos últimos três anos, usando publicamente essas roupas, pois a série influenciou a rua e a rua influenciou a série”, afirmou Lázaro em entrevista ao autor dessa dissertação, durante as gravações da quarta temporada do Mister Brau. Ele também destaca, de forma informal – uma vez que *Rede Globo* não permite acesso a esse dado –, que a audiência do programa, em determinados momentos, se equivale ao da *Grande Família*, que ficou 14 anos no ar e também falava da família brasileira emergente.

Figura 16 - Brau e Michele tentam tratar de temas difíceis com leveza



Fonte: João Miguel Junior

Além de estar conectado ao mundo da moda, inclusive lançando tendências, Brau e Michele rompem barreiras no campo musical, já que, com o desejo de agradar aos fãs, a vertente artística vai do Olodum ao Rap e, sempre que possível, falando de relacionamento e crítica social. Com personagens ricos, mas com origem no subúrbio (Madureira, na Zona Norte do Rio de Janeiro), Brau não dá espaço para o receio, mistura as referências e cria as próprias canções. Pelo menos 17 músicas (MISTER BRAU, 2015a) foram gravadas para o seriado, muitas delas com clipes que poderiam se tornar *hits pops*, na vida real, sem muita dificuldade.

Na direção geral do programa, Maurício Farias comanda também o novo *Zorra*, o *Tá no ar: A TV na TV*, e esteve na condução de *A grande família* e *Tapas e Beijos*. Em parceria com Jorge Furtado, eles deram o tom do humor ácido e rápido de *Mister Brau*, que tem espaço para crítica social e cenas engraçadas. Lázaro adianta que as piadas seguem um padrão, que é estar sempre alguns segundos à frente do pensamento do telespectador, justamente para tirá-lo da zona de conforto, mas, ao mesmo tempo, fazer pensar e rir.

Por trás dessa questão existem o racismo e o preconceito sempre permeando essas relações na sociedade brasileira. A gente não quer falar de pessoas pela cor ou raça, mas pelas condições. Nossa discussão não é essa, porque a gente acredita que a forma de combater o racismo é outra, é inserindo todo mundo na sociedade de maneira igual (FARIAS, 2016).

Embora seja protagonista, Lázaro Ramos também escreveu alguns episódios do seriado, como foi o caso do capítulo em que Brau estava gravando um documentário em um famoso restaurante e, ao sair, recebeu as chaves de um carro de luxo das mãos de um homem apressado, como se ele fosse o manobrista – situação real vivida por um parente do ator. A realidade também se reflete no desfecho do capítulo, quando se revelou que a pessoa que deixou o veículo com Brau era, na verdade, um juiz – da mesma forma que ocorreu na vida real, quando, em 2015, o juiz federal Flávio Roberto de Souza foi afastado do cargo, depois de ser flagrado dirigindo um dos carros apreendidos do empresário Eike Batista.

Outro ponto diferenciado do seriado foi o cuidado com a iluminação de cada cena. Como a maioria dos atores na televisão é da etnia branca, toda a estrutura é montada pensando nessa grande demanda. Porém, em *Mister Brau*, a questão inverteu-se e foram adquiridos equipamentos especiais, justamente para valorizar a estética negra.

Geralmente não há esse cuidado, porque são poucos os negros que ficam em exposição durante tempo nas gravações. Mas optamos e conseguimos por dar esse tratamento especial, afinal a necessidade de uma pele branca é diferente da pele de um negro e isso reflete no produto final. E esse cuidado ocorre em todos os processos do *Mister Brau* (RAMOS, 2018).

5.2 NA PELE DE LÁZARO RAMOS

Um negro se dá conta da sua etnia a cada olhar que recebe (de desconfiança, de surpresa, de repulsa, de pena) ao entrar em um lugar. A cada vez que se procura e não se encontra. A cada apelido na escola, que sempre tem a ver com cor e, geralmente, agregando um valor negativo. A cada vez que não é considerado padrão de beleza e a cada vez que se vê calculando como deve se portar ou o que deve dizer, por que não sabe como será interpretado.[...] É nos pequenos incômodos, para muitos inexistentes, que nos damos conta de que não é mera coincidência sermos a maioria nos presídios, favelas e manicômio (RAMOS, 2017, p.142).

Figura 6 - Lázaro Ramos



Crédito: Divulgação.

Lula Somar tem 40 anos, é ator, apresentador, diretor, cineasta e escritor. Baiano, trabalhou como técnico de laboratório de análises clínicas e, entre muitas outras participações, atuou no cinema nos filmes *Cinderela Baiana*, *Woman on Top*, *As três Marias*, *Madame Satã*, *Carandiru*, *O Homem do Ano*, *O Homem que Copiava*, *Meu Tio Matou um Cara*, *Nina*, *A Máquina*, *Cafundó*, *Cidade Baixa*, *Desejo*, *Quanto Vale ou É por Quilo?*, *O Cobrador*, *Ó Paí Ó*, *Tudo Que Aprendemos Juntos* e *Mundo Cão*. Além disso, esteve nas novelas *Cobras e Lagartos*, *Duas Caras*, *Insensato Coração*, *Lado a Lado*, *Geração Brasil* e no seriado *Sexo Frágil*.

Lula Somar foi o primeiro nome artístico de Luís Lázaro Sacramento Araújo Ramos. Lu de Luís, La de Lázaro. Somar, que é Ramos ao contrário. Ele viveu os primeiros anos da vida na Ilha do Paty, no distrito de São Francisco do Conde, município a 72 quilômetros de Salvador. “Cresci com minha mãe e minhas tias dizendo que eu era lindo. Não tinha ideia se seria discriminado ou se as minhas escolhas ficariam mais difíceis por causa da cor da minha pele. O que eu entendia eram as limitações de uma família com pouco dinheiro”, conta Lázaro no livro lançado em 2017, intitulado *Na Minha Pele*, que relata que estudou em escola particular até o quinto ano, aprendeu pouco - e de forma superficial - sobre a história dos negros no Brasil, embora na infância seu apelido fosse *Olhos de Zumbi*.

Em razão desse livro, Lázaro participou, na condição de autor, da 15ª Festa Literária Internacional de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, em 2017, que é um dos principais festivais literários do Brasil e da América do Sul. Fora Lima Barreto (1881-1922), o autor homenageado no evento, possivelmente poucos foram tão citados na Flip. Segundo a organização da Festa Literária, o livro mais vendido foi *Na minha pele*, com 1.187 cópias. Na obra, ele relata experiências pessoais e reflete sobre racismo,

respeito às diferenças, consciência coletiva e individual, formação de identidade, família e gênero.

Ali me deparei com a invisibilidade do negro na nossa história, nunca tratado como protagonista. “Lázaro, certamente você não aprendeu que na Revolução Farroupilha lanceiros negros lutaram com a promessa de liberdade. Nem que as primeiras greves do Brasil não foram promovidas pelos italianos, mas por escravos em Ilhéus, no fim do século XVIII. Eles negociaram com os senhores as condições de volta ao trabalho, inclusive o direito de cantar e dançar. André Rebouças, o maior engenheiro do Império, era negro. Não precisamos fazer nenhuma inversão de supremacia: apenas mostrar que o Brasil foi feito através das intervenções de diversos povos.” Realmente não tive referências sobre minha origem quando era criança (RAMOS, 2017, p. 34).

Na adolescência, acordava às cinco da manhã e trabalhava das sete às cinco da tarde coletando urina, sangue e fezes. No final do dia, voltava para Salvador e ensaiava com o Bando de Teatro Olodum até às dez da noite. Por insistência do amigo, hoje também ator global Wagner Moura, depois de recusar o convite por algumas vezes, participou da peça teatral *A máquina*, com espetáculos em várias cidades do país. Com 21 anos, quando a peça estava no Rio de Janeiro, fez testes para três filmes, entre eles *Madame Satã*, para interpretar um personagem negro, gay e pobre. Foi selecionado e, a partir daí, atuou em vários filmes. Em 2005, Lázaro foi chamado pelo *Canal Brasil* para fazer um programa de turismo, que se tornou o programa de entrevista *Espelho*, no ar há 13 anos.

Entrar para o Bando me deu argumentos e coragem para falar sobre a assim chamada questão racial. Existe todo um discurso de que não há racismo no Brasil. Afinal, nós fazemos parte de um povo pra lá de miscigenado. Mas quem é negro, como eu, sabe que a cor é motivo de discriminação diária, sim (RAMOS, 2017, p. 49).

Casado com a atriz Taís Araújo, Lázaro é pai de João Vicente, nascido em 2011, e Maria Antônia, de 2015, e escreveu também dois livros infantis: *A velha sentada* e *Caderno de Rimas do João*. O ator conta que “Inundar uma criança com referências positivas sobre seu lugar no mundo é o primeiro passo para aumentar sua autoestima” (RAMOS, 2017, p.75), pois “sempre que uma criança admira as características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma” (RAMOS, 2017, p.76).

Contaram uma história de amor belíssima e com heróis negros de verdade, com suas vozes ouvidas em suas lutas, defeitos, dores e alegrias. Para mim, essa novela mostra como queremos ser vistos na teledramaturgia. Não estou falando apenas do que é politicamente correto, falo da complexidade das relações, da complexidade de quem nós somos (RAMOS, 2017, p.99).

Lázaro relata que sempre o provocavam dizendo: “Quando é que você vai fazer uma novela de época?”. Ele sempre respondia: “Não quero, porque pelo modelo das novelas de época daqui eu vou ser escravizado” (RAMOS, 2017, p.47). Ele sustenta que não estava a fim de usar calça de algodão cru e ser chicoteado para depois ser salvo por uma mulher branca. Porém, em 2012, atuou a novela *Lado a Lado*. No entanto, fez um personagem de época num período próximo ao da escravização, mas em outro contexto.

Na pele do personagem cômico Foguinho, de *Cobras & Lagartos* (2006), recebeu o prêmio de ator do ano, no programa *Domingão do Faustão*. Com isso, ganhou uma legião de fãs, inclusive crianças, recebendo inúmeros convites para estrelar publicidade. No entanto, na pele de André Gurgel, na novela *Insensato Coração*, exibida em 2011, segundo a imprensa ele fez o primeiro galã negro da televisão brasileira e a recepção foi bem diferente. André era descrito como um homem muito rico, bem-sucedido profissionalmente, arrogante e que tratava as mulheres com certa frieza.

Além de ser chamado de canastrão, fui atacado ferozmente nas redes sociais. Muita gente me chamou de feio, de macaco, de inadequado para o papel. Claro que é mais complexo do que isso, porque estava colocado ali o desejo sexual das mulheres. Eu, felizmente, sei por experiência própria que o desejo na vida real não se enquadra no padrão do galã de traços quase femininos, olhar chorão, cabelo liso penteado para o lado. O fato é que essa cara com rosto negroide, boca e olhos grandes, nariz largo sofreu uma rejeição (RAMOS, 2017, p. 106).

Com a peça *O Topo da Montanha*, Taís e Lázaro já levaram cerca de 100 mil pessoas ao teatro em 11 estados brasileiros, sempre com as sessões esgotadas. A peça faz alusão ao último grande discurso de Martin Luther King (*I've Been to the Mountain top*). Em Memphis, na Igreja de Mason, no dia 3 de abril de 1968, Luther King acabara de realizar seu último sermão e, no hotel, conhece Camae, a camareira em seu primeiro dia de trabalho. A peça é dirigida por Lázaro Ramos e relembra que, há cinquenta

anos, no dia 4 de abril de 1968, Martin Luther King Jr foi assassinado. O pastor era um ativista político na luta pelo amor ao próximo e pelo repúdio à segregação racial norte-americana.

Em 2017, Lázaro Ramos estreou o programa dominical da *Rede Globo Lázinho com você*. Para essa primeira temporada, que contou com seis episódios, entre dezembro e janeiro, Lázaro e equipe percorreram quase sete mil quilômetros pelo Brasil, em busca de histórias diferenciadas e humanas para mostrar na televisão. Aliás, esse é o mote do programa, sem engessamento e com vários quadros, mas sem cenário fixo, que tem na colaboração coletiva a sustentação dos capítulos.

Grande parte do programa é estimulado a partir das redes sociais. Ou seja, a equipe de trabalho e o próprio Lázaro interagem com o público para que os capítulos ocorram. Assim, geram-se vídeo, texto, músicas, imagens e experiências que são editadas e mostradas ao grande público. Tudo que é veiculado é pago para quem enviou o conteúdo. A segunda temporada do *Lázinho com você* já está autorizada. Porém, será em novo dia e horário, para tratar de outros temas não podem ser abordados no horário do domingo à tarde. E em outubro, Lázaro estreou na apresentação do programa musical *Os Melhores Anos Das Nossas Vidas*, também na Rede Globo.

Também em 2017, o casal Lázaro e Taís foi informado que estava na lista dos 100 negros mais influentes do mundo, elaborada por uma organização chamada *Mipad (Most Influential People of African Descent)*. O *Mipad 100* elege, no total, 200 nomes de pessoas com até 40 anos. Os dois receberam a premiação na Universidade de Columbia, em Nova York.

5.3 A TRAJETÓRIA DE TAÍS ARAUJO

A relação dos meus pais quanto à questão do negro é tudo o que todo branco dominante gostaria que fosse. Uma relação que é a da ignorância. Eu fui cozida nesse caldo, e demorei para atingir um novo estágio de consciência. Talvez se tivesse tido uma educação diferente pudesse ter feito mais pela causa. Estou falando dessa reconciliação com a história, com minha origem. Não é que meus pais renegassem sua origem, não é isso. Mas deixar para lá é tudo o que a sociedade branca quer: fingir que nada aconteceu e que está tudo bem. Minha mãe falava assim: "Quando a pessoa faz alguma coisa com você relacionada a racismo você ignora porque ninguém gosta de ser ignorado". Não, não é assim que funciona. Como passar isso para os meus filhos com leveza e com doçura? Como enchê-los de autoestima e consciência? É um trabalho difícil (ARAUJO, 2016b).

Figura 18 - Taís Araújo



Fonte: João Miguel Júnior

A carreira na televisão de Taís Bianca Gama de Araújo Ramos, a Taís Araújo, de 40 anos, começou cedo. Ainda com 16 anos, atuou na novela *Tocaia Grande* (1995), da extinta *Rede Manchete*, e antes mesmo já atuava no grupo de teatro do condomínio onde morava, no Rio de Janeiro. Mas foi em *Xica da Silva* (1996), quando atingiu a maioridade, que ganhou projeção. A jornalista carioca foi a primeira mulher negra na teledramaturgia brasileira a ser protagonista em uma novela de grande repercussão. A novela, exportada para diversos países e reprisada, em 2005, pelo *SBT*, fez com que Taís se tornasse conhecida internacionalmente.

Dia 17 de setembro de 1996. Essa menina da foto não ainda tinha noção, mas esse era o dia que mudaria pra sempre a sua vida. Naquela noite de terça-feira, há 20 anos, a Rede Manchete exibia o primeiro capítulo de 'Xica da Silva', minha primeira protagonista. Uma personagem linda, riquíssima, que me ensinou tanto e que abriu tantas possibilidades. Sou grata a todos que contaram essa história comigo, que tiveram a coragem de retratar esse período do nosso país. Obrigada por tudo! (ARAÚJO, 2016b).

Filha de economista e de uma pedagoga, eles priorizaram a educação das filhas, Taís Araújo e sua irmã, que tem formação em Medicina. A atriz relata que era uma das poucas negras na escola e conta um episódio em que se sentiu ofendida por uma de suas colegas, que a perguntou se era a patroa da mãe dela quem pagava a mensalidade. Taís recorda que a pergunta doeu na alma, mas, a partir de então, começou a entender como funcionava o racismo no país.

Tão logo *Xica da Silva* terminou, em agosto de 1997, a *Rede Globo* fez um convite para a atriz e ela estreou, em setembro do mesmo ano, como a estudante

Vivian em *Anjo Mau*. Na televisão, são mais de 30 papéis com destaque para *Da Cor do Pecado*, *Cheias de Charme*, *O Quinto dos Infernos* e *América*. No cinema, a atriz possui vários papéis e fez filmes de sucesso, como *Caminho dos Sonhos*, *As Filhas do Vento*, *Pixinguinha – Um Homem Carinhoso*.

Embora o título também não a deixe confortável, ela foi a primeira protagonista negra da *Globo*, em 2004, em *Da Cor do Pecado*. A novela foi um grande sucesso, na época, fazendo a emissora marcar índices de até 50 pontos no Ibope, números similares a de uma trama das nove, que é, geralmente, a que mais tem audiência. Diante disso, *Da Cor do pecado* liderou, por um tempo, a lista de novelas mais vendidas para o exterior, pois foi comercializada para 100 países.

Na novela *A Favorita* (2008), Taís Araújo teve que usar uma peruca por oito meses, em razão da personagem Alícia. Segundo ela, embora tenha sido uma tortura, a situação ajudou a transição capilar. De lá para cá, ela não alisou mais o cabelo, tampouco colocou *megahair*. "Assumir meus cachos foi mais do que uma questão estética", (ARAÚJO, 2016b).

Taís viveu Helena, personagem icônica de Manoel Carlos, em 2009. Ela era uma *top model* de renome internacional que estava no auge da carreira, aos quase 30 anos. Criada em Búzios, foi para a capital carioca, ainda na adolescência, e iniciou sua trajetória profissional. Como modelo, viajou o mundo, morou em vários países e conquistou estabilidade financeira. O papel, porém, ficou aquém do esperado para a atriz: "Eu fui achando que seria a chance da minha vida, e não era. Ou talvez tenha sido, porque mudei muito depois daquilo. Aquele texto não me dizia nada, eu me sentia a professora do Snoopy", disse Tais em entrevista ao programa *Saia Justa*, no canal pago GNT (ARAUJO, 2018).

Não chegou a ser um trauma, mas é uma puta frustração. Era a primeira Helena negra das novelas e ela tinha que ser um arraso. Mas, dramaturgicamente, era fraca, sem conflitos, tinha a vida ganha. Se eu tivesse forças, teria a transformado numa vilã. Mas estava tão abalada com as críticas, tão frágil, que não tinha forças para pensar (ARAUJO, 2017).

Em 2015, a página de Taís Araújo, no *Facebook*⁸, foi alvo de diversos comentários racistas. Entre os posts, havia comentários como: "Já voltou da senzala?", "Cabelo de bombрил", "Cabelo de esfregão" e "Quem postou a foto desse

⁸ O Facebook é a rede social em que as pessoas podem criar páginas, fazer publicações, curtir, compartilhar, trocar mensagens e interagir com outras pessoas de qualquer lugar do mundo.

gorila". No *Twitter*⁹, a hashtag #SomosTodosTaísAraújo, em defesa da artista, virou *trending topic*¹⁰. Justamente nesse ano, Taís e o marido, Lázaro Ramos, estrearam a peça *Topo da Montanha*, inspirada no último dia vivido por Martin Luther King. Na obra, Taís interpreta uma camareira que confronta um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Quando falam que a revista tal não coloca negra na capa e eu vou ser a primeira negra, eu (Taís) me despenco, vou para São Paulo, passo o dia inteiro fazendo fotos, porque eu acho que tem uma posição política nisso. Das revistas em que fui a primeira negra na capa, eu já fui capa mais duas ou três vezes. Mas aí tem o lado não tão legal, porque só eu fui duas ou três vezes capa. Então, para mim, já não tem mais essa validade toda. Eu não sou a única negra trabalhando na televisão, não sou a única atriz negra considerada bonita. Fico me questionando: 'Será que vale meu domingo tanto assim?'. Valeria se fosse eu e dois meses depois outra, e três meses depois outra. Aí eu teria certeza de que perder meu domingo com minha família estava valendo a pena de fato. Dá uma canseira. Será que está valendo tudo que eu achava que valeria? Não sei (RAMOS, 2017, p. 84).

A atriz recebeu, em julho de 2017, o título de defensora dos direitos das mulheres negras da ONU Mulheres Brasil. Isso porque, conforme site da instituição, há certo tempo Taís Araújo colabora com a ONU Mulheres, especialmente na visibilidade das mulheres negras. Em julho de 2016, por exemplo, respondeu ao desafio "Que mulher negra é um exemplo para você?", mobilizando as redes sociais. Em fevereiro de 2017, apoiou a campanha de mobilização de recursos do Instituto Maria da Penha, e, em março do mesmo ano, participou da ciranda virtual Planeta 50-50, ação digital da ONU Mulheres para o reconhecimento do trabalho de ativistas brasileiras em defesa do empoderamento das mulheres e da igualdade de gênero no Dia Internacional da Mulher – #8M. Ao receber a titulação, Taís relatou: "Quero usar a minha voz e falar de forma abrangente para que eu possa agregar as mulheres negras, as mulheres brancas e também as indígenas" (ONU MULHERES, 2017). No final de 2018, assumiu a apresentação do programa dominical, estilo *reality show* musical, da *Rede Globo* chamado *PopStar*.

⁹ O *Twitter* é um site que mescla rede social e micro-blogging, criado em 2006. Basicamente, o *Twitter* consiste em um espaço para troca de mensagens curtas (também denominadas tweets), entre seus usuários.

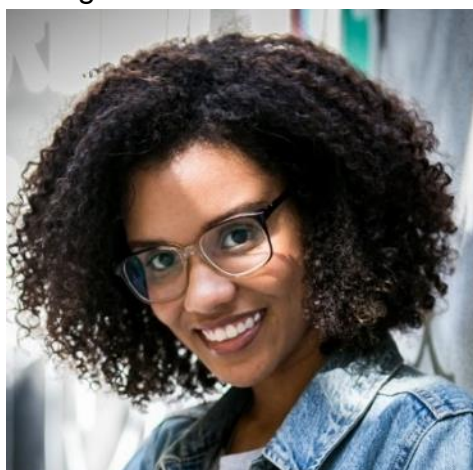
¹⁰ A tradução ao pé-da-letra de *Trending Topic* (TT) é tópico em tendência, no caso no *Twitter*. Que ocorre quando o assunto é um do mais citados nessa rede social

O negro nasce escutando assim: seu cabelo é feio, sua boca é feia, seu nariz é feio, sua cor é feia, a história do seu povo é vergonhosa. Gente! A história não é vergonhosa. A abordagem das escolas é equivocada. A história não é feia (ARAUJO, 2016b).

5.4 JORGE FURTADO E O LUGAR DE FALA DO IDEALIZADOR FINAL DO SERIADO

Somos exemplos de pessoas que estão dando essa reviravolta, e torço para que a vida de outros negros possa mudar assistindo aos nossos personagens. Tudo o que se vê na TV pode inspirar. Venho de uma família humilde, as meninas negras ao meu redor nunca imaginaram que, um dia, uma jovem do interior estaria na Globo as representando também. Acho que esses trabalhos estão nos proporcionando um espaço muito legal de diálogo com o público, de discussão (VIEIRA, 2017).

Figura 7 - Hesnaine Vieira



Crédito: divulgação

Roteirista final e autor de *Mister Brau*, o gaúcho Jorge Furtado, de 60 anos, é um cineasta com extenso trabalho na televisão e no cinema. Nascido em Porto Alegre, ingressou no curso de Medicina e também em Psicologia, mas logo se transferiu para a faculdade de jornalismo e, já nessa época, escrevia material que misturava ficção e documentário.

Em 1987, foi um dos fundadores da Casa de Cinema de Porto Alegre e, nesse período, produziu diversos curtas-metragens premiados em festivais nacionais e internacionais, entre eles *Barbosa* (1988) e *Ilha de Flores* (1989), que recebeu prêmios na França e na Alemanha. A repercussão desse último, no Brasil e no exterior, ajudou

a alavancar o cinema gaúcho e projetou a carreira de Jorge Furtado.

Pouco depois, começou a ministrar cursos e palestras sobre roteiro para cinema e televisão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Escuela Internacional de Cine y TV, em Santo Antonio de Los Baños, em Cuba. Nessa mesma época, ao lado do cineasta Guel Arraes, trabalhou como roteirista e diretor de séries, minisséries e programas da *Rede Globo*. Entre eles, *Memorial de Maria Moura* (1994), *Anchietanos* (1997), *Luna Caliente* (1999), *Sexo Oposto* (2008) e *Decamerão: A Comédia do Sexo* (2009). Portanto, desde cedo, Jorge Furtado se envolveu com roteiros de séries, minisséries e especiais para a televisão, entre elas, *Comédia da Vida Privada*, *A Invenção do Brasil*, *Cena Aberta*, *Agosto*, *Memorial de Maria Moura*, e nos episódios *A Coroa do Imperador* e *Uólace e João Vitor de Cidade dos Homens*. Porém, foi em 2002 que estreou como diretor do longa-metragem *Houve Uma Vez Dois Verões*, que recebeu o prêmio de Melhor Filme do Festival do Cinema Brasileiro de Paris. Depois vieram *O Homem Que Copiava* (2003), *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), *Meu Tio Matou um Cara* (2005), *O Coronel e o Lobisomem* (2005), *Antes Que o Mundo Acabe* (2010), *Homens de Bem* (2011), *O Mercado de Notícias* (2014) e *Real Beleza* (2015).

Alguns países já realizaram mostras e retrospectivas da obra de Jorge Furtado, entre eles, Hamburgo, na Alemanha (1994), Rotterdam, na Holanda (1995), Tóquio, no Japão (1995), Santa Maria da Feira, em Portugal (1998), Toulouse, na França (2004), Paris, novamente na França (2005), Londres, na Inglaterra, (2006), Lisboa, também em Portugal (2007), e Harvard, nos Estados Unidos (2008).

Também autor de séries como *Doce de Mãe*, *A Mulher Invisível* e *Ó Paí, Ó*, além de diversos longa-metragens, Furtado está em seu oitavo trabalho ao lado de Lázaro Ramos. Em entrevista ao site *Gshow* (FURTADO, 2015) o cineasta conta que Brau, um astro internacional, incontrolável e exuberante, é “um negro em um condomínio de brancos, que ficam com inveja por saberem que Brau tem muito mais dinheiro do que eles”. Jorge detalha que escreveu o personagem pensando em Lázaro Ramos, pois é um ator multitalentoso, que faz drama e comédia muito bem, canta, dança e compõe. “Lázaro participou de toda a pesquisa da série, trouxe muitas referências musicais” (FURTADO, 2015).

Li uma matéria sobre uma casa que Jorge Ben Jor tem na Disney e fiquei imaginando como seria o Jorge Ben vivendo em um condomínio em Miami

(risos). Foi assim que surgiu a ideia de uma série sobre um músico muito famoso, talentoso e rico, que se muda para um condomínio e passa a incomodar e ser incomodado pelos vizinhos (FURTADO, 2015).

Para Furtado, Brau é mais do que apenas uma série de comédia, pois todas as temporadas foram marcadas por temáticas importantes e atuais. A ideia, segundo ele, é justamente ser “uma comédia que trata de assuntos sérios”. O gaúcho considera que muitos cantores de talento surgiram na periferia e, de repente, conquistam fama e dinheiro, assim como foi com o Brau. Por se tratar de uma série em horário nobre, cujos protagonistas são negros, Furtado também tem consciência de que, talvez, o programa fosse algo novo para a faixa de horário, depois da novela de maior audiência do canal. Porém, acordo com ele: “Em 2015, isso só foi possível porque já tínhamos grandes atores negros, como é o caso do Lázaro e da Taís” (FURTADO, 2015).

Ele recorda que a ideia de criar *Mister Brau* surgiu quando Lázaro e Taís estiveram na casa dele e começaram a pensar em um programa. No primeiro momento, surgiu outra ideia e eles eram primos, mas, aos poucos, a proposta foi formatada e ele pensou em algo mais concreto e diferenciado, já que sentia que faltavam protagonistas negros na televisão brasileira. “Como era um programa para a Globo, tinha que ser algo que resultasse em audiência, precisava de astros, pessoas com representatividade. E Lázaro e Taís são uma dupla imbatível” (FURTADO, 2015).

O Brasil tem 52% da população negra ou parda e essa porcentagem não está representada de maneira alguma na dramaturgia, nem na tv nem no cinema. Os EUA, com 13% da população negra, tem mais negros protagonizando filmes e séries (FURTADO, 2015).

O idealizador de *Mister Brau* confessa que, ao pensar em uma série popular, não queria focar na representação de artistas com carreira meteórica, mas em alguém que tirasse os outros da zona de conforto, jogasse o foco para temas importantes, como racismo, preconceito, feminismo, com humor ácido para fazer uma crítica social com leveza e contundência. “O humor sempre foi palco de discurso político e a grande arte do Brasil é a música. A união de tudo isso tem dado muito certo, inclusive gravando na África” (FURTADO, 2015).

Fizemos muita pesquisa com os movimentos negros, e buscamos embasamento para gravar o programa piloto. Mister Brau não tem síndrome de família busca-pé, eles se vestem bem, sabem se portar, tem talento, são inteligentes, combativos e, sobretudo, tem identidade

e sabem valorizar o fator étnico. Tudo isso causa um empoderamento enorme. Recebo fotos e relatos de mães felizes dizendo que as filhas não querem mais alisar o cabelo, pois a Michele inspirou elas. Isso já vale o programa inteiro (FURTADO, 2017).

Ao ser questionado sobre o seu lugar de fala, já que não é negro, mas voltou o olhar para essa questão, inclusive tendo Lázaro e outros artistas dessa etnia como protagonistas em alguns filmes, Furtado destaca que é de classe média, tem um avô baiano e outro caboclo e que o Brasil é miscigenado. “O racismo no Brasil é gravíssimo, causa quase um genocídio étnico, mas é discreto. Ninguém pode estar imune a essa questão” (FURTADO, 2015).

A presença dos negros nos meios de comunicação se dá da mesma forma que uma inoculação vacinatória. Ou seja, a exemplo do que acontece no processo de produção de vacinas, também nos mass média se colocam alguns poucos negros, dois, três, quatro- para se evitar que se prolifere o número de pretos na TV. E, ao mesmo tempo, produzir um simulacro de democracia racial. (BORGES, 2012, p. 70).

Pouco depois de Taís Araújo ter sofrido ataques racistas no *Facebook*, Jorge Furtado escreveu um artigo, no jornal *Zero Hora* (FURTADO, 2018), intitulado “A importância de personagens negros na construção de um país civilizado”. Ele destacou que o racismo que formou o Brasil, a última nação escravagista do Ocidente, foi a mais cruel e desumana forma de violência. Diante disso, lançou um questionamento:

Como explicar a uma criança que ela é discriminada por causa da cor da sua pele? Como sonhar com a possibilidade de um dia virmos a ser um país civilizado sem assumirmos e superarmos nossa criminoso desigualdade social e o nosso escandaloso racismo? (FURTADO, 2015).

Ainda nessa perspectiva, o cineasta pontuou que, no Brasil, os brancos são minoria:

[...] mas os brancos são esmagadora maioria no Congresso, nos governos estaduais e municipais, nos ministérios, no Judiciário, na presidência e diretorias de empresas privadas, nas universidades, nos anúncios publicitários e nos papéis principais de filmes, novelas e séries de televisão (FURTADO, 2015).

Concluiu afirmando o quão importante é o trabalho de atores negros como Taís Araújo, Lázaro Ramos, Luiz Miranda, Camila Pitanga, Grande Otelo, Milton

Gonçalves, Fabricio Boliveira, Hélio de La Peña, Flávio Bauraqui, Zózimo Bulbul, Ruth de Souza, Zezé Motta, Zezé Barbosa, João Acaiabe, Sirmar Antunes, Álvaro Costa, Érico Brás, Ailton Graça, Sheron Menezes, Lea Garcia, Elisa Lucinda, Leandro Firmino, Darlan Cunha, Douglas Silva, Seu Jorge, Neusa Borges, Sergio Menezes, Paulo Américo, Audri D'Anunciação e Antônio Pitanga.

Uma etapa fundamental deste processo civilizatório é a construção de um imaginário positivo habitado por personagens negros. Fica difícil às crianças negras crescer com autoestima lendo livros, gibis, vendo filmes, programas de tevê e anúncios publicitários em que o padrão de beleza e virtude é branco, onde negros só fazem papel de escravos, empregados domésticos, bandidos, excluídos ou famintos (FURTADO, 2015).

Após conhecermos o lugar de fala de *Mister Brau*, imersos na narrativa e à luz da ciência, o capítulo 6 analisa o programa para fragmentá-lo e categorizá-lo. Acreditamos que, assim, é possível perceber de que forma a atração consegue tratar os assuntos étnicos, em horário nobre, e como isso pode reverberar na sociedade.

6 ANÁLISE TEÓRICA E TEXTUAL DISCURSIVA DO SERIADO

Hoje temos algumas manifestações estereotipadas do preconceito, é inadmissível saber que ainda hoje uma pessoa não quer contratar uma outra para determinado emprego por ser negra. Como a pessoa não enxerga tua capacidade mas vê a cor da sua pele? As pessoas acham que o negro não é capaz. [...] É difícil ser negra no Brasil, mas difícil ainda é o fato de ser mulher. A mulher negra ainda fica atrás do homem negro. Se você é artista, piorou, porque a batalha é louca, temos que matar um leão por dia (FILARDIS, 2014).

Figura 20 - Isabel Filardis



Fonte: Roberto Teixeira

Nossa pesquisa é sustentada na teoria do contra-agendamento e no método de análise textual discursiva. Dessa forma, no primeiro momento, cabe fazermos propriamente a apreciação, que será composta com partes de dois episódios de cada uma das quatro temporadas de *Mister Brau*. A escolha se deu pelo interesse de evidenciar os temas mais recorrentes no programa. Embora todos os 53 capítulos, além de três especiais e um filme, abordem, de alguma forma, a questão étnica, os conteúdos escolhidos se sobressaem pelo tom e pela maneira como o discurso é enfatizado. Portanto, marcamos episódios que trazem elementos essenciais para apontar uma identificação, no que tange à negritude e ao enfrentamento do preconceito cotidiano.

Como estimula a metodologia, de posse do material é necessário que seja feita a desconstrução do *corpus*, a unitarização e a categorização. Após analisarmos os capítulos das quatro temporadas, encontramos cinco categorias que podem ser consideradas unificadoras dentro do *corpus*: o preconceito e discriminação contra com

os Braus, o racismo constante, a postura de enfrentamento às adversidades e a manifestação da cultura afro. Essas categorias foram escolhidas, pois são esses elementos que se sobressaem, no seriado, conforme avaliação do autor e, por isso, se tornam relevantes para a Metodologia de Análise Discursiva.

1. **O preconceito e discriminação contra com os Braus:** Embora eles tenham dinheiro e estejam em posição de destaque, os protagonistas não estão imunes à carga de subjugação que sua etnia carrega. Cabe destacar que preconceito é uma opinião formada antes de conhecer determinada pessoa. Ou seja, um julgamento superficial que fica presente ao longo do seriado, assim como a discriminação, que ocorre quando uma pessoa precisa diminuir a outra para se elevar.
2. **O racismo constante:** Cotidianamente, o racismo, mesmo velado, é evidenciado no seriado *Mister Brau*. De forma objetiva, ocorre quando as pessoas não conseguem deixar de ser preconceituosas e acreditam que uma etnia é superior e que existem raças inferiores às outras.
3. **A postura de enfrentamento às adversidades:** As dificuldades enfrentadas por eles não desanimam o casal. Pelo contrário, com humor, geralmente, dão um “tapa de luva” no agressor e mostram que a atitude é reprovável e passível de sanção civil e criminal.
4. **A mensagem de empoderamento:** Com autoestima, a família deixa o recado de valorização étnica, superação e conquista de espaço de poder.
5. **Manifestação da cultura afro:** Sabe-se que o Brasil tem a maior população de origem africana fora da África e, por isso, a cultura desse continente exerce grande influência. No entanto, essa perspectiva quase não é vista nas produções televisivas. Em contrapartida, no *Mister Brau*, a cultura afro é valorizada, sob vários aspectos, na música, na decoração e no vestuário, assim como no luxo, como sinal de poder.

De forma objetiva, o agendamento é a inclusão de um conteúdo específico na lista de temas abordados pela mídia e também a percepção que esse tema começa a ter, a partir do ingresso no discurso cotidiano. Assim, a teoria explica por que alguns temas ou fatos são direcionados ao topo da visibilidade, nos meios de comunicação,

e, a partir daí, integram a agenda pública, sendo discutidos, não raro, à exaustão.

A hipótese do Agenda-Setting não defende que os mass media pretendem persuadir [...]. Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do Agenda-Setting é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media (SHAW apud WOLF, 2001, p. 145).

Compreendido que a Hipótese do Agendamento ou Hipótese de Agenda-setting entende que os meios de comunicação agendariam os temas que os cidadãos considerariam como os mais importantes, é possível, agora, fazermos o caminho inverso, o do contra-agendamento. Em resumo, é quando o público consegue influenciar a agenda midiática, através de sua própria agenda, por meio de mecanismos próprios, como as ações de movimentos sociais, por exemplo. Barros Filho (1995) sustenta que, quanto maior o grau de relações interpessoais entre os membros de uma comunidade, menor a influência da mídia, isto é, o poder de agendamento. Nesse sentido, o contra-agendamento pode ocorrer a partir dessas relações que são estabelecidas quando a sociedade ganha força e consegue influenciar a mídia, como foi o caso da existência e permanência desse seriado, que surgiu através de uma demanda e da visão mercantil de uma empresa de comunicação.

O contra-agendamento (do inglês *social setting*) é, então, nesse prisma, a influência das organizações e movimentos sociais sobre a mídia. O termo faz referência aos temas ou assuntos que são debatidos pela sociedade, de forma mais horizontal, e que acabam pautando a mídia.

A teoria do agenda-setting contempla um agendamento no sentido mídia → sociedade. Ou seja, sob essa perspectiva, a mídia detém o monopólio de pautar, de acordo com seus interesses e conveniências, as várias agendas: governamentais, políticas ou sociais. Contudo, a perspectiva que utilizamos, neste trabalho, mostra outra possibilidade. Isto é, o de um agendamento produzido a partir da sociedade para a mídia, mudando, assim, uma histórica relação verticalizada e de mão única, para uma relação horizontal e de mão dupla.

Em razão dos constantes casos de racismo e injúria racial, os movimentos sociais parecem encontrar, nas tecnologias digitais, o espaço oportuno para tomar a

palavra, dar voz às suas manifestações, atingir um público que, antes, não tinha esse espaço na mídia. Para Jenkins (2008), hoje é possível pensar a sociedade por meio da expressão “cultura participativa”.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes agindo de acordo com um novo conjunto de regras (JENKINS, 2008, p. 30).

Rossy (2007) destaca que o contra-agendamento compreende um conjunto de atuações que passam, estrategicamente, pela publicação de conteúdos na mídia e depende, para seu êxito, da forma como o tema foi tratado pela mídia, tanto em termos de espaço, quanto em termos de sentido produzido. Porém, como demonstrado ao longo do capítulo anterior, ainda que exista um longo caminho, esse panorama está mudando – e *Mister Brau* é um exemplo desse novo horizonte. No entanto, a alteração, ao que parece, não partiu da mídia ou não foi despreziosa. Esse novo formato de representação é fruto de uma demanda reprimida, ocultada por muito tempo, mas que, agora, se impõe, via redes sociais e, também, nas ruas.

A presença desse programa precursor na *Rede Globo* é de extrema importância, se analisada com base na crítica sociológica da comunicação sobre os conteúdos televisivos de Bourdieu (1997):

Os perigos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito real; ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas, etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração [...] (BOURDIEU, 1997, p. 28).

6.1 TEMPORADA 2015: MISTER BRAU CONTRA O PRECONCEITO

É difícil para as pessoas aceitarem que houve uma grande virada e uma grande ascensão do meu povo. Isso está gerando um certo desconforto. As pessoas estão saindo desses lugares e se revelando

intolerantes, preconceituosas. Eu fico com pena, porque essa pessoa deve sofrer com falta de amor. Eu já sofri muito com o preconceito na vida (GRAÇA, 2015).

Figura 8 - Ailton Graça



Créditos: Divulgação

Como geralmente ocorre, foi na primeira temporada, em 2015, que o seriado disse a que veio: contar a rotina um casal negro famoso e excêntrico, que ama a música, que não tem vergonha da própria etnia e vive em um condomínio de luxo. A tudo isso, se junta o fato de eles serem negros, o que muda toda a perspectiva, pois é incomum, no contexto brasileiro, estarem nessa posição de poder. Os recursos financeiros não são suficientes para evitar a discriminação.

O contraponto dessa etapa do seriado se dá com os vizinhos da mansão que foi adquirida, pelo cantor, em um condomínio na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio de Janeiro. Os vizinhos, Henrique e Andrea, ambos advogados, ficam desconfortáveis com os novos moradores e os recebem da pior forma – embora, logo depois, o advogado fique amigo de Brau e a advogada perceba, no casal, uma possibilidade de capitalizar recursos, enquanto não consegue se livrar dos novos emergentes.

Nesse primeiro episódio, há uma cena em que os dois protagonistas chegam, às três da manhã, na casa que compraram. Ambos ficam felizes com a aquisição e tomam banho de piscina para aproveitar a estrutura do novo lar. Porém, quando os vizinhos escutam barulho, olham pela janela e acreditam que dois bandidos invadiram a casa ao lado, pelo horário, e, principalmente, porque os dois são negros. Assim, resolvem chamar a segurança do condomínio. Já nesse momento de contato com o seriado, é possível perceber como o preconceito ainda está enraizado na sociedade

brasileira.

Tão logo entraram, pela primeira vez, na mansão que acabaram de adquirir, a vizinha Andrea não hesita em imaginar que eles são ladrões, mesmo com o esposo levantando a hipótese de que Brau e Michele tenham comprado a casa. Ao confirmar que eram negros, Andrea sentenciou: "É ladrão, você acha que essa cara pode ser dono disso tudo?". Depois do desfecho, Brau não deixa por menos e resume: "Acostumem-se, chegamos", com a possível conotação de "Vocês vão ter que nos engolir". Carregada de preconceito, Andrea está certa de que os novos vizinhos "são pagodeiros, devem fazer festa o tempo inteiro e com música a todo volume".

Sem nem mesmo conhecer Michele e Brau, Andrea desconfiou do casal que estava na mansão ao lado, ainda que Henrique estivesse receoso com as suspeitas da esposa. O maior indício para a antagonista de que a casa estava sendo invadida era a cor das duas pessoas que estavam na piscina. Mesmo diante do preconceito, talvez por já estarem acostumados, os protagonistas não retrocedem e enfrentam o tenente e os vizinhos, mostrando que, antes de julgar, é preciso conhecer. Por fim, é o próprio Henrique quem coloca a mão na consciência e tira o véu da ignorância da esposa, explicando que os tempos mudaram e ela precisa se adaptar e respeitar o próximo.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE EPISÓDIO *Mister Brau compra mansão e Michele, sua esposa, descobre traição*¹¹

Brau: E aí, vamos entrar?

Michele: Tá maluco?

Brau: Por que não?

Michele: Como?

Brau: Do meu jeito... *Brau pula o muro, entra na casa e abre a porta da frente para Michele*

Andrea: Henrique, Henrique! Acorda! Tem gente na casa do lado!

Henrique: Não deve ser nada. Vamos dormir.

Andrea: Como não deve ser nada? Você nunca se preocupa com nada. As luzes estão acesas.

Henrique: Quem sabe eles não compraram?

Andrea: E resolveram mudar para cá às três da manhã? *No jardim, Brau e Michele estão na piscina. Andrea chega na varanda observando os vizinhos com um binóculo. A câmera, através do binóculo, foca em Brau, na piscina, de braços abertos.*

Andrea, ao ver Brau, passa o binóculo para Henrique.

Andrea: É ladrão! É ladrão!

Henrique: Que é isso! Como é que você sabe? *Henrique pega o binóculo e observa a piscina.*

¹¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2015/episodio/2015/09/22/resumo-mister-brau-compra-mansao-e-michele-sua-esposa-descobre-traicao.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Andrea: Você acha que esse cara pode ser dono disso tudo?
Henrique: Não...
Andrea: Eu ligo pra polícia direto ou chamo o segurança?
Henrique: Sim...
Andrea: Sim o quê, Henrique? Polícia ou segurança?
Henrique: Polícia... não, segurança... primeiro o segurança.
Andrea: Tenente Marques, que demora, hein!
Tenente Marques: Parados! Vocês estão invadindo propriedade particular. Mãos para cima! (...)
Brau: Vem cá, quem é o senhor?
Tenente Marques: Eu sou o tenente Marques, chefe de segurança do condomínio Mountain Hill. E você, quem é?
Brau: Peraí, você tá de brincadeira comigo?
Tenente Marques: Tô com cara de quem tá de brincadeira aqui, rapaz?
Brau: Você realmente não sabe quem eu sou?
Henrique: Não... deveríamos? Quem é você?
Brau e Michele se olham. Brau faz um gesto de "M" com as mãos.
Tenente Marques: Ha, há, há, Mister Brau?
Brau: Sou eu! Tenente Marques: Então você vai me dizer que ela é a Michele Brau?
Brau: Ela é a Michele Brau. Pronto, falei. (...)
Em casa, Henrique e Andrea conversam no quarto.
Andrea: Meu pai do céu, o que foi que eu fiz?
Henrique: Que houve?
Andrea: O que houve, Henrique? A gente vai ser vizinho de pagodeiro!
Henrique: Eles não são pagodeiros, eles são músicos. Qual é o problema?
Andrea: O problema é que eles devem fazer festa o dia inteiro. Música a todo volume, um bando de gente na piscina aos gritos, me dá até arrepio!
Henrique: Amor, Andrea, você tem que abrir a sua cabeça... você tem que se modernizar. Você sabia que o PIB das favelas brasileiras é igual ao do Uruguai? O país mudou, Andrea. O mundo mudou. Chega de tanto preconceito.

No segundo recorte, a seguir, Mister Brau é confundido com manobrista e acaba dando o troco ao levar o carro para casa. Não fosse suficiente, os policiais atrapalham a festa organizada por Michele para vizinhos e acusam o cantor de roubo. Contudo, a história tem um desfecho inesperado.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE DO EPISÓDIO *Brau se mete em confusão e recebe voz de prisão*¹²

Cliente: Muito cuidado com esse carro!
Brau: Ih! O cara pensou que eu era manobrista, me entregou a chave do carro dele. Então tá... leva meu carro, Fabrício. (...)
Ao chegar em casa com um carro diferente, Michele o questiona:
Michele: Brau, vem cá, que carro é esse aí fora?

¹² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2015/episodio/2015/12/22/brau-se-mete-em-confusao-e-recebe-voz-de-prisao.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Brau: Pois é, o cara me deu. Me confundiu com o manobrista e me entregou a chave. Acredita?

Michele: Tá brincando... E você saiu com o carro?

Brau: Por que não? O cara me deu a chave, não me perguntou nada. Eu também não disse nada para ele, se ele quiser o carro de volta, ele que me encontre e venha buscar o carro aqui.

Michele: Vem cá, você é maluco? Eu quero ver se o dono do carro resolve baixar aqui com a polícia na hora do meu jantar.

Brau: Ah, tomara que ele faça isso. Assim ele vai ter que me explicar porque é que ele me deu a chave do carro. Dependendo do que ele falar, tacho um processo nele. [...]

No final do episódio, Brau consegue provar que o cliente em questão, que é um juiz muito conhecido e renomado, agiu de forma racista e recebe uma retratação pública. Além disso, e de forma pedagógica, o cantor, juntamente com seu advogado, Henrique, encontra provas que mostram que o juiz é malandro e o deixa em uma situação, no mínimo, complicada perante a mídia e a sociedade.

Quando foi “confundido” com um manobrista, em razão do espaço de poder em que ele estava e, sobretudo, por sua etnia, uma vez que grande parte dos trabalhadores daquele local é negra, Brau também não baixou a cabeça e tirou proveito do fato para evidenciar a situação preconceituosa para outras pessoas. Porém, baseada em uma parte dos fatos, a polícia prendeu Brau por deduzir que ele havia roubado o carro. Como desfecho, ao enfrentar os fatos, Brau e o advogado descobriram que o juiz é quem estava errado, ao dirigir um veículo ilegal.

Brau e Michele, como de costume, fazem questão de manifestar sua posição, não como vítimas, mas demarcando território e dando as versões dos fatos. No episódio em que o juiz deduziu que Brau era um manobrista, a protagonista, ao ser indagada pelo motorista se responde pelo marido, já no vestuário mostra que é bem resolvida. Com cabelo afro, turbante, vestido longo branco, colares e anéis, destaca que é “esposa, agente, empresária, coreógrafa e figurinista”, sempre de forma altiva e empoderada. Brau, que também não foge do enfrentamento, usando roupas características, que tentam demonstrar sua origem, em nenhum momento se coloca como inferior e rebate ao ser declarado suspeito de roubo do veículo. “Engano seu. O carro não foi roubado. O dono me deu”. Nesse sentido, como pode ocorrer na vida real, o contraditório foi dito, mas não ouvido. Logo no final do episódio, Brau usa a ironia para deixar subentendido que o juiz o “confundiu”, embora o magistrado tenha classificado o caso como “Um profundo mal-entendido”, já que “estava ocupado, falando ao telefone quando, automaticamente, entregou a chave do carro, sem se dar

conta de que ele era (negro)... não era o manobrista”.

Essas duas etapas da primeira temporada, embora tenham vários outros exemplos ao longo dos capítulos, podem ser avaliadas sob a categorização estipulada na metodologia desta dissertação: preconceito e discriminação, racismo constante, postura de enfrentamento às adversidades e mensagem de empoderamento.

6.2 TEMPORADA 2016: MISTER BRAU E A DISCRIMINAÇÃO

Lá fora o preconceito é declarado e aqui ele é velado. A gente vive no país mais hipócrita da vida. As pessoas falam que melhorou, mas como artista, mulher negra, nascida na comunidade, afirmo que não melhorou. É muito fácil para quem não passa pelo preconceito, falar. É aquela história de 'quem bate esquece, mas quem apanha leva para vida' (RODRIGUES, 2014).

Figura 22 - Roberta Rodrigues



Fonte: divulgação

Superar as expectativas não é tarefa fácil. Todavia, o segundo ano de *Mister Brau* tinha essa tarefa. O programa, que havia sido concebido para uma temporada, teve êxito e a *Rede Globo* decidiu mantê-lo na grade, graças ao patrocínio e à audiência dos muitos conflitos hilários e cheios de mensagens a respeito de intolerância e racismo.

Ciente da responsabilidade, a equipe seguiu apostando na crítica social a partir do humor. Além disso, a música ganhou mais espaço e cada capítulo terminou com um videoclipe do casal. Michele investiu na carreira e Andrea alavancou a trajetória na advocacia, mas seguiu racista, preconceituosa e elitista, ainda que a maternidade tenha auxiliado na diminuição de tantas limitações.

A relação de poder e racismo foram, novamente, pano de fundo para uma bela discussão. Quando três crianças pularam o muro para pegar uma bola que caiu na piscina e foram acusadas de invasão, Brau e Michele tomaram as dores do trio e enfrentaram a vizinhança do condomínio. Mal sabiam eles que esse episódio seria o início de uma relação que resultaria em uma adoção tripla.

Edígio, Lia e Carlito surgiram inesperadamente na vida de Brau e Michele. A suposta invasão fez com que a vizinha Andrea acusasse o trio de roubo. “Tá com pena? Leva pra você!”. Conforme site da *Rede Globo*, esse foi o nome do episódio em que eles deixam uma bola cair no quintal de Andrea e, pensando não ter ninguém em casa, caíram na piscina da dondoca, que levou um susto e mobilizou todo o condomínio, dizendo que bandidos invadiram o *Mountain Hill*.

Os três irmãos ficam encurralados por moradores e seguranças e tentam se proteger, em um jardim junto à casa dos Brau. O cantor e a bailarina acolhem os meninos e tentam entender como toda a confusão aconteceu. Afinal, como eles foram parar ali e quem são os pais? Com tudo isso, acostumados a terem que se virar desde cedo, as crianças inventam uma história sobre a família. No entanto, Brau e Michele notam que há algo de mal contado. Ao mesmo tempo, já estão irremediavelmente encantados pelos três, que, rapidamente, se entrosam com o casal.

Mesmo assim, Andrea não se conforma: “Não adianta, Henrique. Se as crianças incomodam de dia, o Brau incomoda de noite. Eles fecharam um esquema de rodízio para infernizar a minha vida 24 horas por dia!”, reclama com o marido. Paralelamente, uma estranha coincidência acontece: “Nós recebemos uma denúncia anônima de que estavam usando menores nesta residência para trabalhar”, anuncia um policial para Gomes.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE EPISÓDIO Mansão de Andrea e Henrique é invadida por três crianças¹³

Depois de pularem o muro e entrarem no pátio da casa de Andrea, Egídio, Carlito e Lia tomam banho na piscina da mansão, mas logo são descobertos por Andrea e Henrique

Andrea: Henrique, pivete, vamos chamar a polícia. (Nesse momento as crianças aparecem correndo pelo condomínio enquanto Henrique vai atrás deles já ligando para a polícia).

Henrique: Alô, Polícia? É uma invasão.

Andrea: Henrique, deixa de ser mole (enquanto chama o Tenente Marques e se une a outros moradores do condomínio que também

¹³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2016/episodio/2016/08/02/ta-com-pena-leva-para-voce.html#video-5207704>>. Acesso em: 20 set. 2018.

correm atrás das crianças).

Andrea: Esses pestinhas invadiram a minha casa.

Michele: Pelo amor de Deus, são crianças.

Tenente Marques: Eles roubaram alguma coisa?

Andrea: Isso eu não sei.

Egídio: A gente não roubou nada

Henrique: Eles não vão fugir. A gente vai lá em casa e vê se está faltando alguma coisa (*nesse momento, um morador esbraveja: tem que chamar o Juizado*).

Michele: Parou agora. São crianças. Vocês não estão vendo que essas crianças estão assustadas?

Andrea: Ah, tá com peninha? Leva para você.

Mister Brau: Levo mesmo, delícia. Pode deixar que eu me responsabilizo por eles.

Michele: É isso aí.

Tenente Marques: Vamos cancelar a ocorrência?

Mister Brau: Pode cancelar. Estou me responsabilizando por eles.

Andrea: Que absurdo, tenente Marques. Na minha casa....

Mister Brau: Ô, meninos, que vocês estavam fazendo na casa dos outros?

Carlito: A gente foi buscar a bola, não tinha ninguém em casa.

Lia: A gente não roubou nada. Olha que casa maneira... Parece um clube...

Mister Brau: Eu acho melhor vocês darem um tempo aqui.

Egídio: Quanto tempo?

Mister Brau: Tempo suficiente para eles se acalmarem e entenderem que vocês não são bandidos.

Egídio: Isso demora. Você acha que é a primeira vez que me confundem com um bandido?

Mister Brau: Tenho certeza que não. A gente é igual, sabia?

Egídio: Igual? Você é rico e eu sou pobre.

Mister Brau: Quando eu era pobre, era igual a você.

Egídio: Faz tempo. E valeu aí por salvar a gente

Mister Brau: Que é isso, tenho certeza que você faria a mesma coisa no meu lugar.

No episódio “Michele passa por constrangimento no ônibus e Catarina a ajuda”, situação em que Michele é vítima de assédio sexual dentro de um ônibus, ela e Brau relembram o anonimato. Enquanto gravavam cenas de quando ainda não eram famosos, viveram as agruras de serem negros. Durante as compras em um supermercado, ambos são vítimas de racismo, em uma abordagem sem motivo e abusiva, ao serem obrigados a passar por uma revista.

Talvez o momento em que os dois são tratados como suspeitos, dentro de um supermercado, e são obrigados a passar por uma revista tenha sido inverossímil para alguns. Porém, para população negra brasileira, a cena é recorrente nesses espaços, nas lojas, no banco, no teatro, em bares e em tantos outros locais, onde a cor é uma predisposição para a criminalidade.

Foi nesse tom que o capítulo do programa tentou mostrar as diferenças de tratamento gritantes a que muitas pessoas são submetidas, rotineiramente.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE DO EPISÓDIO Michele passa por constrangimento no ônibus e Catarina a ajuda ¹⁴

Durante a apresentação de um programa, ao lembrar o anonimato, Michele e Brau voltam ao passado e se encontram no supermercado. Ao tentar sair do estabelecimento, são barrados.

Segurança: A mocinha, por gentileza, pode encostar aqui que eu vou dar uma olhada na sua bolsa?

Michele: Eu? Peraí, por que aquele moço de mochila passou e o senhor não revistou a bolsa dele?

Segurança: São normas da empresa.

Mister Brau: É porque você é negra e ele não está achando que está tão bem vestida quanto ele.

Segurança: Amigo, o que você tem no bolso?

Mister Brau: Eu tenho coisas aqui. Nessa mão, nesse bolso, por exemplo, eu tenho cinco dedos e nesse aqui mais cinco dedos.

Segurança: Aé, engraçadinho? Então encosta aqui que você vai ser revistado também.

Michele: Isso é discriminação. Você sabia que isso é discriminação?

Segurança: De maneira nenhuma. Estamos agindo de acordo com o que é passado pela nossa gerência.

Mister Brau. Não. Então por que ele pode sair e a gente não?

Segurança: Por que eu conheço ele e não conheço vocês, pronto.

Mister Brau: Ah, e se eu disser que você também conhece a gente?

Michele: Se eu disse que esse é Mister Brau e eu sou a Michele Brau?

Segurança: Então sou o Carlinhos Brown.

Mister Brau: Aé? Então vamos fazer um som junto.

Baseado na metodologia utilizada, a segunda temporada também se enquadra na categorização deste estudo. Mais uma vez, os Braus ficam sujeitos ao preconceito e à discriminação. A subjugação, em razão da cor e, talvez, das vestimentas, está presente, na medida em que, ao passearem pelo mercado, são analisados e desvalorizados, fato que não acontece com outras pessoas que estavam no mesmo lugar, mas não eram negras. Nesse sentido, o racismo, que, muitas vezes, é velado, se sobressai e fica evidente, quando a cena é gravada e se pode olhar pelo viés do telespectador. Cabe salientar que a pessoa responsável pela “inspeção” é um segurança negro e que, possivelmente, não percebe que está repetindo uma atitude de que ele mesmo, possivelmente, já tenha sido vítima. Na prática, reproduz um racismo institucionalizado, em um ciclo vicioso.

¹⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2017/episodio/2017/05/23/michele-passa-por-constrangimento-no-onibus-e-catarina-ajuda.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Como de costume, Michele e Brau não titubeiam e enfrentam as adversidades. Cientes de seus direitos, baseados no empoderamento que o conhecimento deu a eles, a dupla vai para cima do preconceituoso e tenta fazê-lo refletir sobre as próprias atitudes. Talvez, a partir de cenas como essa, mais pessoas se apropriem da sua condição e consigam mudar o panorama, denunciando e escancarando o crime cometido, para que não se repita e para que o responsável seja punido à luz da lei.

6.3 TEMPORADA 2017: MISTER BRAU E A FAMÍLIA ENFRENTAM O RACISMO

Nós (atores negros) nos vemos, na maioria das vezes, representados em papéis estereotipados. Cadê a representatividade dos atores negros no teatro? Você assiste a dez espetáculos e conta nos dedos de uma das mãos quantos atores negros você vê em cena, e ainda assim sobram muitos dedos (ORNELLAS, 2016)

Figura 23 - Dani Ornellas



Fonte: Divulgação Globo

A terceira temporada, veiculada em 2017, mostrou que é possível fazer comédia, e, ao mesmo tempo, provocar reflexão e pautar a sociedade sobre o tema do racismo, de maneira leve, mas provocativa e eficaz.

Foi nesse ano que Brau e Michele tornaram-se pais. Eles adotaram Carlito, Egídio e Lia e não mediram esforços para fazê-los felizes. Afinal, o trio de crianças precisou, em razão da etnia, enfrentar muitos obstáculos, na escola e no condomínio para serem reconhecidos.

Na sequência dos episódios, foi possível perceber que o casal principal teve que alterar a rotina e retroceder às próprias origens, para compreender a melhor forma

de educar as crianças. Para isso, houve algumas cenas de *flashback* que ajudaram a conhecer mais Brau e Michele antes da fama e compreender parte de suas personalidades, que já eram combativas, na periferia do Rio de Janeiro.

Em determinado episódio, conforme texto abaixo, Andrea, que já tem histórico de preconceito, racismo e discriminação no programa, novamente deixa a máscara cair e revela quem verdadeiramente é. Ao descobrir que o filho de Brau está namorando a irmã, determina que eles deixem de se ver e justifica que não quer que a irmã se relacione com alguém “como” Egídio. Não foi necessário muito tempo para que Michele descobrisse a imposição e compreendesse a analogia que palavra “como você”, nesse contexto, queria dizer. Ou seja, um negro como Egídio.

Sem medo, Michele encara a vizinha e confirma o quão racista ela é. O episódio, por ser com personagens infantis, começa com um tom lúdico, mas a questão do preconceito impõe-se e mostra como o ser humano é cruel e segregador. Mais uma vez, *Mister Brau* toca na ferida e, nessa perspectiva, desfaz o mito de democracia racial. Afinal, Egídio pode ser rico, mas segue negro, o que ocasionaria muitos problemas para a irmã de Andrea, tensões que ela não gostaria que Amanda enfrentasse. Michele, que não tolerou o ato, partiu para cima de Andrea, questionando, argumentando, explodindo de raiva e agredindo a vizinha.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE DO EPISÓDIO Andrea proíbe namoro de Amanda e Egídio e Michele fica furiosa¹⁵

Amanda: Eu não acredito que o Egídio mentiu para mim.

Andrea: Também, o que você esperava de uma pessoa dessas?

Henrique: Andrea...

Catarina: Dessas como?

Andrea: Você sabe.

Henrique: Eu não sei e nem quero saber.

Amanda: Pois eu quero. O que você quis dizer com isso?

Andrea: Eu quis dizer que eu não quero ver a minha irmã namorando com o filho de um pagodeiro.

Catarina: Na verdade, o Brau faz um pop soul com uma levada hip hop.

Andrea: Chega, Catarina. Eu acho que já deu.

Henrique: Meu amor, eu acho que você está exagerando. O Egídio é um ótimo garoto.

Andrea: Henrique, você pode achar o que quiser, mas a irmã é minha e a responsabilidade é minha. E a minha irmã não vai ficar andando por aí com qualquer um.

Amanda: Você é preconceituosa.

Andrea: E você é uma menina boba e ingênua que não sabe nada da

¹⁵ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/mister-brau/2017/episodio/2017/07/11/videos-de-mister-brau-de-terca-feira-11-de-julho.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

vida, enquanto estiver na minha casa você vai obedecer às minhas regras.

(Michele e Brau descobrem a atitude de Andrea e tiram satisfação)

Michele: O único problema que vai dar é ela ir para a cadeia por racismo.

Mister Brau: Eu acho melhor você não ir lá de cabeça quente.

Michele: Eu tô com ódio. E tenho que jogar para cima de quem merece.

Mister Brau: Eu agradeço.

Michele: Por que você proibiu a sua irmã de namorar o meu filho?

Andrea: Desliga isso, porque senão eu vou te processar (referindo-se à filmagem de Gomes).

Henrique: O que está acontecendo?

Mister Brau: A Amanda mandou uma mensagem para o Egídio dizendo que a irmã dela não queria que ela saísse com alguém "como você" e colocou entre aspas "alguém como você".

Henrique: Eita.

Michele: Alguém como você, o que você quis dizer com isso?

Catarina: Não, não diga o que a senhora está pensando.

Andrea: Gente, eu só quero o bem da minha irmã. O mundo hoje está perdido, as pessoas são muito preconceituosas e eles não vão conseguir entrar em todo lugar.

Catarina: Ela disse. *(Michele parte para cima de Andrea)*

Mister Brau: Ela pode ser presa por racismo e você por agressão.

Em outro capítulo, no auge da fama, mas sem interesse na rotina, Michele e Brau questionam-se sobre suas trajetórias. Ciente do papel que ocupa, enquanto cantora famosa e referência para a população, Michele decide sair da zona de conforto e conversar com alunos de escola pública sobre seu lugar de fala.

Com os olhos vidrados, os estudantes escutam os ensinamentos de Michele. Cada palavra, muito bem escolhida, pode se encaixar na vida deles. Afinal, ao menos na escola pública, tudo que foi dito encontra eco: as divisões de classes sociais, a segregação, a desvalorização da mulher, a tentativa constante de silenciamento das minorias.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE DO EPISÓDIO Michele dá palestra em escola pública¹⁶

Mister Brau: Vai na feira, Cheirosa?

Michele: Vou dar uma palestra.

Mister Brau: Sobre?

Michele: Sobre o que é ser mulher negra em um país como o Brasil.

Mister Brau: Onde?

Michele: Em escola pública.

Mister Brau: Com o intuito de?

Michele: Falar sobre um assunto importantíssimo no lugar certo e no momento apropriado. Que tal?

¹⁶ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5031135/> >. Acesso em: 20 set. 2018.

Mister Brau: E você resolveu se engajar assim, de repente?

Michele: Eu sempre fui engajada, só que à distância. Vou sair da minha zona de conforto.

(Michele conversa com os alunos na escola.)

Michele: As histórias que contam para gente, as pessoas estão divididas em dois tipos: homens e mulheres. E esses dois tipos estão divididos em duas cores: brancos e negros. Só que, geralmente, as nossas histórias são contadas por homens brancos. Então, ser mulher e negra é lembrar o tempo todo que cada pessoa tem seu próprio desejo, tem sua própria cor. É lutar, cada uma de nós aqui, para que a gente conte as nossas histórias.

Aluna pergunta: Por que quando os homens pegam várias mulheres eles são os bacanas e as mulheres são as piranhas? E quando a mulher engravida parece que a responsabilidade é só dela?

Michele: Excelentes perguntas. Sabem qual o nome disso? Machismo. E é esse machismo que diz que o responsável pelo filho é a mãe. Que o pai, que o menino, não tem nada a ver com o filho. Quando, na verdade, tem tudo a ver, porque o filho é fruto do amor desses dois.

Aluna pergunta: Mas os meninos só querem saber de sexo. Eles não querem falar de amor.

Michele: Sexo e amor são coisas completamente diferentes. São ótimos, os dois; se juntos, melhor ainda. Mas vocês são jovens demais. Um filho cedo pode complicar a vida, os estudos e a profissão. Tem que ser uma atitude muito pensada pelas garotas e pelos garotos também.

Quando Michele enfrenta Andrea para que ela entenda que Egídio não é menos que ninguém por ser negro, a protagonista se inflama de raiva, conforme ela mesma descreve, porque, ao que parece, não é a primeira vez que ela presencia uma pessoa ser “coisificada” em razão da cor da pele. Como já foi revelado em vários capítulos, os Braus precisam, cotidianamente, enfrentar situações relacionadas ao racismo e à discriminação. O fato de terem dinheiro não os coloca em uma redoma de vidro. Como se percebe, o antídoto para que esses crimes não mais se perpetuem é o enfrentamento e a busca pelos direitos – que já são garantidos, mas, nem sempre, respeitados.

No episódio em que Michele vai a uma escola pública falar sobre a sua trajetória, com o intuito de motivar os alunos, na prática ela volta ao passado e se vê naquelas jovens periféricas, muitas vezes sem horizontes e com poucos recursos. Quando se coloca em pé de igualdade e inicia um diálogo horizontal, empodera os estudantes e mostra que eles podem chegar onde quiserem e que o preconceito é um entrave, mas não um ponto final.

6.4 TEMPORADA 2018: MISTER BRAU NA ÁFRICA E O RETORNO ÀS RAÍZES.

Na verdade, é a única opção do negro. Ou ele trabalha, ou trabalha. Não tem escolha, é essa a condição. Isso está relacionado ao que o sistema preparou para a nossa classe. Na maioria das vezes, o negro não tem acesso à cultura, à saúde, às necessidades básicas que são constitucionais. Então, se ele não está preparado, não tem como competir de igual para igual (HAAGENSEN, 2013).

Figura 24 - Jonathan Haagensen



Fonte: Drica Donatto

Antes mesmo da estreia da temporada, a história do astro da música e sua esposa estrelou a Sessão da Tarde em novo formato. “Mister Brau – O Filme” preparou o público para as novidades que estavam por vir, ao lembrar como Brau e Michele ascenderam social e profissionalmente e, ainda assim, precisam provar o quanto são bons e superar o preconceito cotidiano, vivido pelos negros do Brasil.

Na quarta temporada, Brau caiu no esquecimento e Michele tornou-se uma cantora internacional. Em 2018, em meio a dilemas e muita música, ao longo de oito capítulos (metade do tradicional, em razão da transmissão da Copa do Mundo), além de acompanhar o conflito causado pelas mudanças que impactam na carreira e na vida familiar do casal, *Mister Brau* abordou discussões como corrupção, refugiados, Operação Lava-Jato, identidade étnica, feminismo, preconceito e racismo. Tudo, é claro, com humor.

Enquanto Michele estava no auge do sucesso com *mega shows* que fazem referência a Shakira, Beyoncé, Anitta, Bruno Mars e Dream Team do Passinho, Brau buscou suas origens para recuperar a inspiração musical e reencontrar a própria identidade. A jornada começou no bairro carioca onde nasceu, em Madureira, e teve seu desfecho em Angola, na África, cuja cultura sempre teve forte influência no seriado

e onde se passou o episódio final da temporada. Pelo menos três novos personagens entraram na trama: Carmo (Cacau Protásio), que será irmã de Lima (Luis Miranda) e abrigará Brau; Yasmin (Lellêzinha), filha de Carmo que lutou para mostrar seu talento para a mãe; e Priscila (personagens que Lázaro Ramos interpretava em *Sexo Frágil*, e que surgiu como uma estrela do funk carioca).

A quarta temporada, porém, chega com o intuito de relembrar, em rede nacional, a importância de *Mister Brau* no cenário dramatúrgico brasileiro: denunciar as situações de racismo cotidianas que parte da população precisa enfrentar. Paralelo ao fato de que Michele está envolvida com a carreira internacional, Egídio é acusado de roubo em uma loja, dentro de um *shopping*. A cena não é atípica para quem se identifica com a família Brau, e não são raros os casos de pessoas que se tornam suspeitas pelo fato de serem negras.

Ao destacarem que *Mister Brau* alia comédia e reflexão, o programa foi extremamente explicativo, ao abordar um importante tema social: o preconceito racial. Na história, Egídio entrou em uma loja de skates com dois amigos. Um dos colegas do filho dos Brau, sem o conhecimento do rapaz, escondeu um skate dentro do casaco. Na saída da loja, o alarme toca e Egídio, sem entender nada, vê os amigos correndo. Assustado, ele também fugiu e acaba sendo pego pelos guardas do shopping.

Tão logo toma conhecimento do ocorrido, Michele sai às pressas do próprio show e vai defender o filho. Como de costume, conseguem reverter a situação e fazem com que a equipe de segurança perceba o erro e, mais do que isso, retrate-se publicamente. Também nesses momentos, mesmo que não explicitamente, a cultura afro é bem representada, seja pelo vestuário ou pela fala, ao demonstrarem que sabem da sua origem e não se calam quando a etnia é desrespeitada.

Porém, até chegar a esse desfecho, como se pode ver na degravação, fica comprovada a pré-disposição para acusar, mesmo sem provas, o garoto negro dentro do *shopping*. Aliado a isso, os pais tiveram que confortar o filho para ajudar a superar as notícias pejorativas divulgadas pela mídia, que publicou que ele estava roubando. Eles também precisaram explicar para Andrea que ela não entendia a dor de quem sofre o preconceito, embora a advogada tentasse minimizar o fato.

Quando Egídio é acusado de furto no *shopping*, mesmo sem provas, os pais não duvidaram da integridade do filho. Foi justamente o que mais deu força para eles questionarem a postura do chefe da segurança, que sentenciou o jovem antes mesmo

de ouvir a versão dele e sem qualquer prova, a não ser a suposição de furto.

A cena, como já mencionamos, não é irreal para quem é negro e circula em locais considerados mais nobres. O desfecho, porém, é diferenciado e enriquecedor. Como não precisam de dinheiro, os Braus exigem uma retratação pública em vídeo, onde os negros, que lutaram por maior valorização étnica, foram exaltados. Ou seja, racismo, preconceito e discriminação também se combatem com informação e alteridade.

DEGRAVAÇÃO DE PARTE DO EPISÓDIO Michele ameaça processar o shopping¹⁷

Após ter o filho acusado de furto dentro de um shopping, Michele e Brau vão até o responsável pela segurança e tiram satisfação.

Michele: Vem, meu amor. Se alguém encostou um dedo em você, pode falar para mim, que eu arrebento eles.

Alisson: Vocês são, respectivamente, pai, mãe...

Mister Brau: Respectivamente o quê o meu filho está fazendo aqui?

Alisson: É chato dizer, mas o muleque estava roubando.

Michele: Você mexeu em alguma coisa, meu filho?

Egídio: Claro que não.

Mister Brau: Olha, tá vendo? Esclarecido. Foi um mal-entendido. Vamos, meu filho.

Alisson: Nada esclarecido. A prova está aqui (mostrando um *skate*).

Egídio: Eu não roubei.

Alisson: No meu entendimento, o *skate* roubado foi roubado por alguém.

Mister Brau: Que não foi o meu filho.

Michele: A palavra do meu filho já deveria ser prova suficiente, mas já que o senhor quer, a gente pode ver o vídeo de segurança do shopping? *(O grupo olha as imagens e não encontra nada de concreto, apenas suposições)*

Mister Brau: Você não tem provas. Vamos embora, meu filho.

Alisson: Objeto roubado é prova cabal.

Egídio: Eu não roubei.

Alisson: O procedimento padrão nesse caso...

Michele: O procedimento nesse caso é que eu vou processar esse *shopping*.

Egídio: Devia ter acreditado em *mim* *(ao final do seriado, eles provam a inocência do filho e exigem retratação)*

Alisson: Eu admito que me enganei.

Mister Brau: Porque ele é... negro.

Michele: Admite?

Henrique: Injúria racial, que, além de causar um sério dano à imagem do *shopping*, é crime e pode resultar em multa e pena de reclusão de 1 a 3 anos.

Andrea: Diante de um crime como esse, nada mais justo que o

¹⁷ Disponível em: < <https://gshow.globo.com/series/mister-brau/2018/episodio/2018/05/01/videos-de-mister-brau-de-terca-feira-01-de-maio.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

shopping desembolse uma grana preta, branca, grana branca?

Mister Brau: Grana preta é coisa boa, relaxa.

Michele: O dinheiro a gente não precisa.

Mister Brau: A gente não quer dinheiro.

Michele: A gente quer outra coisa: vocês vão fazer um filme, um comercial com Ruth de Souza, mostrando os grandes líderes que lutaram para o mundo mudar para melhor, mostrando as pessoas que continuam lutando pro mundo mudar pra melhor.

Mister Brau: A gente não quer só reparação, a gente quer valorização, porque a gente contribui e muito para esse país. Entendeu?

No capítulo final da quarta temporada, Brau, Michele e Lima estão em Luanda, que é a capital e a maior cidade de Angola. Grávida, Michele fez um show apoteótico na África. Brau aproveita a oportunidade para tentar reencontrar-se e consolidar a carreira, que estava em decadência. Porém, para além do novo momento profissional, percebe proximidades com o continente africano, que estavam guardadas em sua memória.

Em cada parte do último episódio, as belezas e potencialidades da África foram exaltadas. Os elogios não foram restritos aos encantos naturais, mas à língua e à população que vive no continente. À medida que o capítulo se desenvolve, muitos aspectos presentes no seriado, desde 2015, puderam ser compreendidos. Não é à toa o cenário com elementos que faziam menção à África, tampouco as citações nas músicas e as vestimentas. Brau nasceu na África, mas sua mãe, durante a guerra, precisou doá-lo para salvar a vida do filho. Michele, por sua vez, descobriu que a tataravó fugiu da escravidão, liderou uma revolta de pessoas escravizadas e fundou um quilombo no Rio de Janeiro.

DEGRAVAÇÃO DO EPISÓDIO Michele e Brau fazem muito sucesso na África¹⁸

Michele: Eu nunca estive num lugar onde todo mundo é negro.

Mister Brau: Angola parece uma mistura de Bahia com Madureira. E as palavras que vieram daqui? Quitanda, muleque...

Michele: Como as pessoas parecem com a gente! Eles parecem muito com a gente. Parece tudo parente nosso. Outras palavras que vieram daqui: chamego e cafuné.

Lima: Dendê, capoeira, samba, que aqui é *semba*.

Mister Brau: Tudo que eu gosto vem daqui. Que maravilha, Chamego, cochilo, cafuné, semba e milhares de fãs. Acho que eu vou ficar aqui para sempre. Olha as crianças brincando. Parece com a minha infância. Perto da minha casa, dobrando à direita, tinha um mar

¹⁸ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/mister-brau/2018/episodio/2018/06/12/videos-de-mister-brau-de-terca-feira-12-de-junho.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

(Brau se recorda da infância, mas sem lembrar que nasceu na Angola).

Michele: Aqui tudo parece com o Brasil.

Mister Brau: Não, é mais do que isso, eu reconheço sons, cheiros, palavras e lugares. Só tem uma explicação: eu vivi aqui em Luanda em outra vida...

Henrique: Estou tentando achar alguma definição sobre seus antepassados, mas não aparece nada.

Michele: Não adianta, esses sites de árvores genealógicas não têm dados de pessoas que foram escravizadas. Infelizmente, na época, parte da população não tinha registro algum.

Henrique: A sociedade só se preocupava com eles quando fugiam da escravidão.

Mister Brau: Eu não era um leão em outra vida em Angola. Eu era uma criança, cheirosa, e não era em outra vida. Era nessa vida mesmo. Michele, eu nasci na África.

A ideia de mostrar o preconceito e a discriminação a que os Braus são submetidos, ao longo dos anos, é mantida na quarta temporada. Porém, dessa vez, eles vão à África buscar força para enfrentar o racismo estrutural e se autoconhecerem, saber das próprias origens e dar mais subsídios para o enfrentamento no Brasil.

Quanto mais caminham por Luanda, mas se se reconhecem e se sentem em casa. Na medida em que os capítulos avançam, a mensagem de valorização e autoestima fica mais acentuada e o público consegue entender as razões para seguir lutando por equidade.

Como se percebe, nos oito capítulos analisados, seja pela degravação ou assistindo aos vídeos, disponibilizados nos *links* que constam nas notas de rodapé, as categorizações citadas na análise teórica e textual discursiva se fazem presentes: o preconceito e discriminação contra com os Braus, racismo constante, postura de enfrentamento às adversidades, mensagem de empoderamento e manifestação da cultura.

De qualquer forma, nossa dissertação não tem a pretensão de apresentar respostas fechadas, mas de refletir e lançar questionamentos sobre um determinado tema. Por isso, cabe ao último capítulo a tarefa de costurar tudo que foi pensado e analisado, ao longo desses textos. A parte de considerações finais não significa que o estudo está concluído, mas que alguém se debruçou sobre a temática, colheu dados e analisou para que outras pessoas consigam, a partir do que já foi feito, seguir e melhorar a reflexão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente sabe o país em que vive. O racismo existe e a gente lida com ele. Acho que não é só uma luta do negro, mas de todo povo brasileiro, que tenta conviver com essa ferida histórica, bastante presente ainda [...] Ainda temos a falta de atores negros na televisão, na publicidade, no teatro, no cinema. É um assunto bastante presente (BOLIVEIRA, 2016).

Figura 25 - Fabrício Boliveira



Fonte: Estevam Avellar

Ao concluir essa pesquisa, verificando se os objetivos propostos foram cumpridos e se a metodologia deu conta da análise do objeto de estudo, percebemos, por óbvio, que a reflexão sobre a temática não se esgota com uma dissertação. Pelo contrário, talvez todo esse processo seja um ponto de partida ou um recomeço para futuras investigações, mais profundas, com maior escuta e compartilhamento de saberes, a respeito de como se deu a construção do imaginário do negro, no Brasil, e de que forma ele ainda é retratado, na televisão, reverberando no cotidiano da população.

A partir dessa postura, podemos dizer que o presente estudo, tendo em vista a escolha do tema, da abordagem, a seleção dos capítulos do seriado e a conversa com os atores, teve o intuito de imergir em um problema social que é o fio condutor de muitas mazelas da sociedade atual. À medida que refletimos sobre a construção étnica, na maior emissora de televisão do Brasil, também desnudamos parte do racismo, preconceito, discriminação e desigualdades presentes no país. Nessa mesma perspectiva, enquanto olhamos para o passado, percebemos que programas como *Mister Brau* acenam para novas possibilidades, mesmo que de forma vagarosa, onde há reconstrução de valores, reconhecimento de identidade e busca de equidade.

Precisamos enfatizar, também, que Lázaro e Taís galgaram esse espaço e conseguiram notoriedade porque, antes deles, muitos outros artistas vieram e, possivelmente, tentaram ocupar esse lugar – e, em outros tempos, talvez tenham tido certo êxito, mas a exposição e a participação na sociedade eram menores.

Dentro dos objetivos gerais, estava a missão de verificarmos como se deu a construção do imaginário social do negro no Brasil, através da televisão. Ao longo da dissertação, conforme demonstramos, na sociedade brasileira o conceito que ainda prevalece é aquele construído por narrativas hegemônicas, que foram capazes de reduzir um grupo social, a partir de uma ótica excludente e eurocêntrica. Ao estabelecer, ao longo dos anos, que a etnia branca devia ser servida e que ao negro restava a função de dar suporte para a ascensão do outro, perpetuou-se o conceito de que esse é o padrão adequado.

Os marcadores sociais, alicerçados por séculos na escravização, na qual o negro não era percebido como pessoa, mas como um animal ou uma coisa, enquadraram essa população como excluída socialmente. Os critérios para tal decisão eram, segundo consta, baseados em teorias biológicas equivocadas: a ideia de raça e superioridade. Frantz Fanon (1983) dá a esse processo o nome de “esquema epidérmico” do sistema colonial. Para ele, a cor da pele era o principal elemento de estigmatização. Em “Pele negra, máscara branca”, o autor relata que o “ser negro” quanto “ser branco” são modos de constituição do ser que são produzidos e fabricados (FANON, 1983). 130 anos depois da abolição, os resquícios são presentes, em razão do imaginário segregador que ainda é alimentado.

Conforme os números que constam neste estudo, o negro ainda não conseguiu ascender para chegar próximo às conquistas que lhe foram roubadas. Por isso, tem acesso restrito ao ensino, vive em moradias com estrutura mais simplória, tem saúde debilitada, ganha menos e morre mais.

Ao analisarmos se o seriado *Mister Brau* tem construído um contrafluxo à desvalorização étnica e focado na valorização do negro brasileiro, fica evidente que o programa é diferenciado, se comparado aos demais existentes. Isso ocorre justamente pelo protagonismo dos atores e pela forma como as temáticas sobre preconceito e discriminação contra os Braus – racismo constante, postura de enfrentamento às adversidades, mensagem de empoderamento e manifestação da cultura – são dialogadas e refletidas. Porém, como ficou evidente em alguns capítulos o programa também peca em enfoques da protagonista, fazendo exatamente aquilo

que muitos teóricos condenam: a objetificação da mulher negra. Há de se ponderar que *Mister Brau* tem muitos elementos musicais e, durante as danças, por vezes, vai ao encontro do discurso do corpo invisibilizado e, em certa medida, sexualizado.

Ainda assim, se sobressaem mais os méritos de *Mister Brau*, que é, através do humor e da reflexão, dar voz à população negra, fazer relação do Brasil com a África, mostrar os elementos racistas presente no brasileiro, evidenciar o desejo de ascensão étnica, no país, e mostrar uma nova narrativa, para valorizar a maior parcela dos moradores do Brasil.

Assim, é importante destacarmos que, ao logo do tempo, a televisão tem sido responsável por auxiliar na propagação do mito da democracia racial, fortalecendo estereótipos e, muitas vezes, negando o negro e sua cultura. Os dados podem ser evidenciados no levantamento realizado para esta pesquisa, nos quais, das novelas avaliadas, havia 252 negros, mas apenas oito protagonistas. Aos outros, não raro, os papéis destinados eram de empregados domésticos, subordinados aos patrões brancos.

Embora não faça parte deste estudo, tendo em vista que ainda está em exibição durante a conclusão da dissertação, a novela *Segundo Sol*, também da *Rede Globo*, levantou a polêmica sobre a falta de representatividade ou representatividade limitada, ao retratar uma história, na Bahia, em que nenhum dos protagonistas é negro e a maioria dos atores é da etnia branca. Cabe ressaltar que, de acordo com o IBGE, o estado da Bahia é uma das localidades onde a presença do negro é mais evidente.

Em nota, a emissora destacou: "Os critérios de escalação de uma novela são técnicos e artísticos. A *Globo* não pauta as escalações de suas obras por cor de pele, mas pela adequação do personagem, talento e disponibilidade do elenco" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018.) No entanto, após campanhas nas redes sociais, inúmeros atores coadjuvantes se tornaram frequentes no folhetim. Médicos, advogados, modelos e arquitetos foram representados por negros, no terceiro escalão da novela.

Ainda que o conteúdo televisivo possa servir como um instrumento de reprodução ideológica, passível de acentuar as discrepâncias sociais de gênero, raça, classe social, a televisão também pode se colocar como uma importante possibilidade de mudança, valorização e protagonismo negro, como é o que ocorre em *Mister Brau*.

Entre as ações específicas deste trabalho estava a necessidade de contar a trajetória de Lázaro Ramos e Taís Araújo para compreender como ocorreu a valorização do casal de atores negros. Tal reflexão vem ao encontro do que Muniz

Sodré falou, em entrevista concedida, na década de 1980, ao *Jornal Contrastes*, do Instituto de Pesquisas de Cultura Negras (IPCN):

Taís e Lázaro sabem a importância que têm no contexto atual e, por isso, tentam demarcar todo espaço e lugar de fala possíveis. Muitas vezes, com várias ações ao mesmo tempo e com bastante exposição na mídia. Com origens e trajetórias, até certo ponto, diferentes e, depois, confluentes, ambos, até mesmo por serem um casal na vida real, são referências para muitos negros, tanto pelo fator étnico, quanto de ascensão profissional e financeira. Ao conquistarem lugares de destaque, eles podem estar abrindo as portas para muitos outros atores que estão surgindo e conseguem dar horizonte para grande parcela da sociedade, que não se via bem representada na televisão.

Este estudo partiu da suposição de que o programa *Mister Brau*, por apresentar uma nova narrativa, poderia estar construindo um novo - ou melhorando o atual - imaginário do negro na televisão, onde essa etnia não fosse representada apenas em papéis de submissão e como coadjuvantes. Com base na pesquisa, à luz de teóricos como Araújo (2006), Bordieu (1989), Grijó (2012), Hall (2003), Munanga (2003), Ramos (2017), Sodré (2015) e Silva (2017), a ideia foi confirmada. *Mister Brau* tem méritos por inverter a lógica de desvalorização do negro, na mídia, e estimular novos olhares sobre a etnia no Brasil. *Mister Brau*, portanto, não é a tábua da salvação no que tange à presença do negro nas produções globais. Mas é pertinente dizer que, conforme demonstrado ao longo dessa pesquisa, se destaca pela maneira como trata os temas e, de forma especial, o espaço que dá para o protagonismo étnico. Há muito para caminhar, mas passos bem dados já foram dados e *Mister Brau* tem parcela significativa nesse contexto justamente por auxiliar na (re)construção do imaginário social do negro no Brasil.

A televisão, portanto, tem a possibilidade de formar uma narrativa, estabelecer um imaginário que pode inferiorizar e discriminar o negro em relação a muitos fatores que influenciam, diretamente, no cotidiano da sociedade. Não se tem a utopia, porém, embora seja uma concessão governamental, que o conteúdo televisivo apresente uma solução imediata para minimizar as práticas de racismo estrutural que cimentam o Brasil. Contudo, tendo em vista a potencialidade desse meio de comunicação, acredita-se que possa incitar o debate e a reflexão sobre a valorização étnica e a equidade para minimizar os efeitos, em longo prazo – como já começou a ser feito pelo programa analisado nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian. As consequências do fim da escravidão no Brasil. **Escola Kids**, 2010. Disponível em: <<http://escolakids.uol.com.br/as-consequencias-do-fim-da-escravidao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ALBUQUERQUE, W. R.; FRAGA FILHO, Walter. **Salvador**: Centro de Estudos Afro – Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES, Juliana. Juliana Alves desabafa sobre racismo: "Sempre presente". Famosidades, 20 ago. 2016. Disponível em: <<http://famosidades.com.br/famosos/juliana-alves-desabafa-sobre-racismo-sempre-presente.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ARAÚJO, Joel Z. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004.

ARAÚJO, Taís. Tais Araújo abre o jogo sobre cantar e dançar em Mister Brau: "Estou dando o truque em tudo como sempre". **Observatório da televisão**, 8 fev. 2018. Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/entrevista/2018/02/tais-araujo-abre-o-jogo-sobre-cantar-e-dancar-em-mister-brau-estou-dando-o-truque-em-tudo-como-sempre>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. Taís Araújo sobre seu papel como Helena. **Revista Marie Claire**, São Paulo, 5 jul. 2017. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/07/entrei-de-cabeca-na-tristeza-e-la-fiquei-por-uns-dois-anos-diz-tais-araujo-sobre-seu-papel-como-helena.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. Taís Araújo: o que a vida quer da gente é coragem. **Revista Trip**, São Paulo, 1 set. 2016a. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-tais-araujo-na-tpm-carreira-casamento-racismo-e-feminismo>>. Acesso em: 20 dez. 2018

_____. Taís Araújo relembra 'Xica da Silva': 'Abriu tantas possibilidades'. **Ego**, São Paulo, 2016b. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/09/tais-araujo-relembra-xica-da-silva-abriu-tantas-possibilidades.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018

_____. Oito anos depois, Taís Araújo faz as pazes com personagem de 'viver a vida'. **Revista Quem**. São Paulo, 14 maio 2018. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/05/oito-anos-depois-tais-araujo-faz-pazes-com-novela.html>>. Acesso em 20 dez. 2018.

BARBOSA, Luciene C. As situações de racismo e branquitude representadas na telenovela "Da Cor do Pecado" [CD-ROM]. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004.

BENÍCIO, Jeff. Sucesso de Mister Brau consolida empoderamento negro no horário nobre da Globo. **Terra**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/sucesso-de-mister-brau-consolida-empoderamento-negro-no-horario-nobre-da-globo,6dc04eb133b63d9fa28d2f0dea057a64sxwrxkav.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018

BRASIL. **Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da Igualdade Racial**. Dispõe sobre a instituição do Estatuto da Igualdade Racial, em defesa dos que sofrem preconceito ou discriminação em função de sua etnia, raça e/ou cor. Paulo Paim. Brasília, 2003.

BORGES, Roberto da Silva; BORGES, Rosane. (Org.). **Mídia e racismo**. Petrópolis: Brasília/DF: ABPN, 2012.

BOLIVEIRA, Fabrício. Fabrício Boliveira comenta cenas de preconceito racial vividas por Péricles em 'Nada Será Como Antes'. **GSHOW**, Rio de Janeiro, 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/fabricio-boliveira-comenta-cenas-de-preconceito-racial-vividas-por-pericles-em-nada-sera-como-antes.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

BRUCE, Douglas. Brazilian television slowly confronts country's deeply entrenched race issues. **The Guardian**, Londres, 7 out. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/oct/07/brazil-television-mister-brau-black-couple-race-issues>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CANDIDO, Marcia Rangel et al. "A Cara do Cinema Nacional": gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). **Textos para discussão do GEEMA**, n. 6, 2014. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2014/10/images_publicacoes_TpD_TpD6_Gemaa.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

COSTA, Haroldo. **Fala, Crioulo**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

D'ADESKY, J. **Pluralismo Étnico e Multi-Culturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DAVIS, Viola. "A única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é oportunidade", diz Viola Davis em discurso no Emmy. **Zero Hora**, 21 maio 2015. Disponível em <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/gente/unica-coisa-que-separa-mulheres-negras-de-qualquer-outra-pessoa-e-oportunidade-diz-viola-davis-em-discurso-emmy/>>. Acesso em 20 dez. 2018.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FARIA, Maria Cristina Brandão de; FERNANDES, Danubia de Andrade. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. **E-Compós**, São Paulo, v. 9, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/178>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FARIAS, Mauricio. Mauricio Farias analisa caminhos do humor e defende ética na graça. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/mauricio-farias-analisa-caminhos-do-humor-defende-etica-na-graca-18322391>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FIRMINO, Leandro. "Sinto preconceito todos os dias", diz ator 15 anos após "Cidade de Deus". **UOL**, 5 maio 2017. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/05/sinto-preconceito-todos-os-dias-diz-ator-15-anos-apos-cidade-de-deus.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FILLARDIS, Isabel. Artistas brasileiros celebram o Dia da Consciência Negra nesta quinta, 20. **Ego**, São Paulo, 20 nov. 2014. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/11/artistas-brasileiros-celebram-o-dia-da-consciencia-negra-nesta-quinta-20.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FURTADO, Jorge. 'Talento ruidoso', diz roteirista Jorge Furtado sobre Mister Brau. **GShow**, Rio de Janeiro, 23 set. 2015a. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/RBS-TV-RS/noticia/2015/09/talento-ruidoso-diz-roteirista-jorge-furtado-sobre-mister-brau.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. A importância de personagens negros na construção de um país civilizado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 7 nov. 2015b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/11/a-importancia-de-personagens-negros-na-construcao-de-um-pais-civilizado-4896592.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GLOBO PLAY. **EspeciBrau: Os Braus**. 2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5526905/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, n. 11, p.185-204, maio 2012.

_____. O negro na telenovela brasileira: a representação nas telenovelas da TV Globo na década de 2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., Recife, 2011. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.

GRAÇA, Ailton. Ailton Graça, o Florisval de 'Totalmente demais', afirma: 'Já sofri muito com preconceito'. **Extra**, Rio de Janeiro, 23 nov. 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/novela-totalmente-demaais/ailton-graca-florisval-de-totalmente-demaais-afirma-ja-sofri-muito-com-preconceito-18104768.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GONÇALVES, Milton. Nós negros somos 52% do Brasil, mas ainda não nos conscientizamos disso. **Huffpost Brasil**, 27 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.huffpostbrasil.com/2017/05/26/milton-goncalves-nos-negros-somos-52-do-brasil-mas-ainda-nao-a-22111777>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. São Paulo: DP&A, 2006.

_____. Que negro é esse na cultura negra? In: SOVIK, Liv (Org.) **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAAGENSEN, Jonathan. Dia da consciência negra a fama não máscara existência do preconceito racial. **Geledes**, 23 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dia-da-consciencia-negra-a-fama-nao-mascara-existencia-do-preconceito-racial/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2018. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>. Acesso em: 20 dez. 2018.

IBGE: PRETOS ou pardos são 63,7% dos desocupados. 2017. **Carta Capital**, São Paulo, 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/ibge-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

JANUZA, Erika. Na véspera do Dia da Consciência Negra, atores falam do preconceito vivido por eles dentro e fora da ficção. **Extra**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/na-vespera-do-dia-da-consciencia-negra-atores-falam-do-preconceito-vivido-por-eles-dentro-fora-da-ficcao-22081503.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

JESUS, Jordane Trindade de; RESENDE, Vitor Lopes. A televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2013. **Anais...** São Paulo: Alcar, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JUNIOR, David. Na véspera do Dia da Consciência Negra, atores falam do preconceito vivido por eles dentro e fora da ficção. **Extra**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/na-vespera-do-dia-da-consciencia-negra-atores-falam-do-preconceito-vivido-por-eles-dentro-fora-da-ficcao-22081503.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LÁZARO Ramos e Taís Araújo estrelam "Mister Brau", nova série humor da Globo. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 14 set. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/09/lazaro-ramos-e-tais-araujo-estrelam-mister-brau-nova-serie-humor-da-globo-4847573.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LEMOS, Marcela. **Chance** de negro ser assassinado no país é 23% maior, diz Atlas da Violência 2017. **UOL**, São Paulo, 5 jun. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/05/chance-de-negro-ser-assassinado-no-pais-e-23-maior-estima-atlas-da-violencia-2017.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LIMA, Solange Martins Couceiro. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 88-99, dez. 2000.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_monografia.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LOROZA, Sérgio. Cacau Protásio sobre preconceito racial: 'Eu digo que não, mas é óbvio que sofri'. **GSHOW**, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2013/11/cacau-protasio-sobre-preconceito-racial-eu-digo-que-nao-mas-e-obvio-que-ja.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LORAS, Alexandra. O negro na mídia. **Revista Cláudia**, São Paulo, 3 maio 2017. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/blog/coluna-da-alexandra-loras/o-negro-na-midia/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

_____. **A contemplação do mundo**: Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MATTOS, Regiane A. **História e cultura afro-brasileira**. Contexto: São Paulo, 2007.

MCCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MENEZES, Sheron. Na véspera do Dia da Consciência Negra, atores falam do preconceito vivido por eles dentro e fora da ficção. **Extra**, Rio de Janeiro, 19 nov.

2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/na-vespera-do-dia-da-consciencia-negra-atores-falam-do-preconceito-vivido-por-eles-dentro-fora-da-ficcao-22081503.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MIRANDA, Luís. Luis Miranda analisa a importância de Mister Brau: “São negros bem-sucedidos como gostaríamos de ver na TV”. **Observatório da Televisão**, 8 fev. 2018. Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/entrevista/2018/02/luis-miranda-analisa-a-importancia-de-mister-brau-sao-negros-bem-sucedidos-como-gostaríamos-de-ver-na-tv>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MISTER BRAU. **Nossa Gente**, 28 set. 2015a. Disponível em: <<https://www.nossagente.net/mister-brau>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MISTER BRAU. **Globo Memória**, 2015b. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/mister-brau.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MISTER Brau compra mansão e Michele, sua esposa, descobre traição. **GSHOW**, 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2015/episodio/2015/09/22/resumo-mister-brau-compra-mansao-e-michele-sua-esposa-descobre-traicao.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MOTTA, Zezé. Zezé Motta lembra preconceito por fazer par romântico com Marcos Paulo na TV: ‘diziam que mudavam de canal’. **Extra**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/zeze-motta-lembra-preconceito-por-fazer-par-romantico-com-marcos-paulo-na-tv-diziam-que-mudavam-de-canal-17954310.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p.191-211, 2003.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB, Rio de Janeiro, 2003. **Anais...** Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

NEGROS representam 54% população do país, mas são só 17% dos mais ricos. **UOL**, São Paulo, 4 dez. 2015. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

NORIVAL, Silva. **Entendendo a escravidão para desconstruir preconceitos: uma análise do filme “amistad” em sala de aula**. Paraná: UEL, 2011.

ORNELLAS, Dani. Dani Ornellas, de 'Liberdade', relembra racismo sofrido na rua: 'Absurdo'. **Ego**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://ego.globo.com/moda/noticia/2016/07/dani-ornellas-de-liberdade-relembra-racismo-sofrido-na-rua-absurdo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PAIM, Paulo. **Estatuto da Igualdade Racial**. 2000. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/180155>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

PESQUISA Brasileira de Mídia. **Meio de comunicação mais utilizado**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/yzDwSm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PLANO Comercial de Mister Brau. 2015. Disponível em: <http://www.comercialonline.tv.br/Imagens/Oportunidades/Oportunidades_115_pdf_20160412105234.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PROTÁSIO, Cacau. Cacau Protásio, a Zezé de 'Avenida Brasil', nega que tenha sofrido racismo. **Ego**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/10/cacau-protasio-zeze-de-avenida-brasil-nega-que-tenha-sofrido-racismo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017a.

_____. Lázaro Ramos fala de livro que junta autobiografia e questão racial: 'É uma provocação'. **G1**, Rio de Janeiro, 25 jul. 2017b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/2017/noticia/lazaro-ramos-fala-de-livro-que-junta-autobiografia-e-questao-racial-e-uma-provocacao.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RELEMBRE e ouça todas as músicas de 'Mister Brau'. **GSHOW**, 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2015/12/relembre-e-ouca-todas-musicas-de-mister-brau.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RAMOS, Silvia. **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

RODRIGUES, Letícia. O negro e a mídia: recepção da telenovela por integrantes do movimento negro de Santa Maria. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., Passo Fundo, 2007. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007.

RODRIGUES, Roberta. Roberta Rodrigues sobre preconceito: 'Vivemos no país mais hipócrita da vida'. **GSHOW**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/por-tras-das-cameras/noticia/2014/11/roberta-rodrigues-sobre-preconceito-vivemos-no-pais-mais-hipocrita-da-vida.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROSSY, E. **Contra-agendamento**: o terceiro setor pautando a mídia. 2007. Disponível em: <www.fafi.ch.ufmg.br>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RUFINO, Joel. **O que é racismo**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. Por que os negros não apresentam programas de televisão. **Revista Vaidapé**, São Paulo, 27 jun. 2017. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SCHUMACHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Erico. **Mulheres Negras do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia e cotas no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Ícaro. Artistas brasileiros celebram o Dia da Consciência Negra nesta quinta, 20. **Ego**, São Paulo, 20 nov. 2014. Disponível em: <ego.globo.com/famosos/noticia/2014/11/artistas-brasileiros-celebram-o-dia-da-consciencia-negra-nesta-quinta-20.html>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVA, Juremir Machado. **Raízes do conservadorismo brasileiro**: a abolição na imprensa e no imaginário social. Porto Alegre: Civilização Brasileira, 2017.

SILVEIRA, O. **Poemas**: Antologia Oliveira Silveira. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

TECIDIO, Luciano. Jornal inglês compara Lázaro Ramos e Taís Araújo a Beyoncé e Jay-Z. **Ego**, São Paulo, 7 out. 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/10/jornal-ingles-compara-lazaro-ramos-e-tais-araujo-beyonce-e-jay-z.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

TOSTE, Verônica; CANDIDO, Marcia Rangel. O Brasil das telas de cinema é um país branco. **GEEMA**, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

VIANNA, Cris. Cris Vianna é vítima de racismo na internet, assim como Taís Araújo. **Ego**, São Paulo, 30 nov. 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/cris-vianna-e-vitima-de-racismo-na-internet-assim-como-tais-araujo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

VIEIRA, Hesnaine. Na véspera do Dia da Consciência Negra, atores falam do preconceito vivido por eles dentro e fora da ficção. **Extra**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/na-vespera-do-dia-da-consciencia-negra-atores-falam-do-preconceito-vivido-por-eles-dentro-fora-da-ficcao-22081503.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

X, Malcolm. **O voto ou a bala**. 1962. Disponível em: <<http://malcolm-xbr.blogspot.com.br/2009/02/o-voto-ou-bala-1964.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

WHITEHEAD, M. **The concepts and principles of equity and health**. Geneva: WHO, 2000. Disponível em: <http://salud.ciee.flacso.org.ar/flacso/optativas/equity_and_health.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. São Paulo: Ática, 2006.

APÊNDICE

QUADROS SOBRE A (IN)VISIBILIDADE DO NEGRO NAS TELENOVELAS

Quadro 1 - NOVELA DAS 17h30min

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
Malhação (Cidade Partida e a Adolescência)¹⁹	2011	1- Marcello Melo Jr (Maicon)	3 - MV Bill (Antônio), Pedro Maya (Obama) e Ailton Graça (Seu Pintinho)	4
Malhação (Está Tudo Conectado)²⁰	2011	0	6- Jonathan Azevedo (Fôjo), Edvana Carvalho (Aparecida), Jéssica Ellen (Rita), Patrícia Costa (Sônia), Bruno Quixote (Rasta) e Thalma de Freitas (Luiza)	6
Malhação (Escolhas, Intensa como a Vida)²¹	2012	0	6- Cadu Paschoal (Paulino), Blaise Musipere (Frédéric), Jeniffer Nascimento (Sol), Antônio Carlos (Wallace), Edvana Carvalho (Bete), Lellêzinha (Guta)	6
Malhação Casa Cheia²²	2013	0	0	0
Malhação Sonho²³	2014	0	0	0
Malhação: Seu lugar no mundo²⁴	2015	0	4- Beto (Maicon Rodrigues), Nego do Borel (Cleyton), BB (Paulo Hebrom), Flávio Bauraqui (Samuel)	4
Malhação: Pro Dia Nascer Feliz²⁵	201	1- Joana (Aline Dias)	3 - Belloto (Sérgio Malheiros), Matheus Dias (Júnior) e Nego do Borel (Cleyton)	4
Malhação: Viva a Diferença²⁶	2017	1 Heslaine Vieira (Ellen),	5- Heslaine Vieira (Ellen), Anderson (Juan Paiva), Fio	5

¹⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2010/personagens/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

²⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2011/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2014/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2015/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2016/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2016/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2017/personagem/>>. Acesso em: 20 set.

			(Lucas Penteado), Ju Colombo (Das Dores), Dóris (Ana Flávia Cavalcanti)	
		3	TOTAL	29

Fonte: O autor (2018)

Quadro 2 - NOVELA DAS 18h

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
Escrito nas Estrelas ²⁷	2011	0	Alex (Izak Dahora), Hilda (Ewe Pamplona) e Seth (Alexandre Rodrigues):	3
Araguaia ²⁸	2011	0	Nando Cunha (Pimpinela), Cinara Leal (Safira Simões), Douglas Moreira (André), Gesio Amadeu (Cirso), Nanda Lisboa, (Ametista Simões) e Raquel Villar (Esmeralda Simões)	6
Cordel Encantado ²⁹	2011	0	Lucy Ramos (Maria Cesária), Tony Tornado (Damião) Max Lima (Juca), Land Vieira (Tibungo)	4
A Vida da Gente ³⁰	2012	0	Neusa Borges (Maria), Marcello Melo Jr. (Matias)	2
Amor Eterno Amor ³¹	2012	0	Daniela Fontan (Gracinha), Flavio Bauraqui (Hamilton)	2
Lado a Lado ³²	2013	1-Lázaro Ramos (Zé Maria dos Santos), 2-Camila Pitanga (Isabel Nascimento)	Sheron Menezes (Berenice), Milton Gonçalves (Afonso Nascimento), Zezeh Barbosa (Jurema), Marcello Melo Jr. (Caniço), Laís Vieira (Etelvina), Ana Carbatti (Zenaide), César Mello (Chico), Cauê Campos (Elias), Jorge Amorim (Olavo), Marcio Rangel (Vilmar)	12
Flor do Caribe ³³	2013	0	Ailton Graça (Quirino), Cinara Leal (Nicole), Gésio Amadeu (Alaor), Renzo Arouch (William)	4
Joia Rara ³⁴	2014	0	Cacau Protásio (Lindinha), Land Vieira (Isaiás), Ícaro Silva (Artur),	

2018.

²⁷ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/escrito-nas-estrelas/galeria-de-personagens.htm>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/araguaia/personagens/por-ator-ou-atriz/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

²⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-vida-da-gente/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/amor-eterno-amor/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/flor-do-caribe/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

			Michel Gomes (Curió), Jorge Maya (Cícero), Alexandre Rodrigues (Josué) e Max Lima (Caetano) 7	
Meu Pedacinho de Chão ³⁵	2014	0	Kaue Ribeiro de Souza (Tuim), Flavio Bauraqui (Rodapé), Dani Ornellas (Amância),	4
Boogie Oogie ³⁶		0	Fabício Boliveira (Tadeu), Zezé Motta (Sebastiana), Aline Xavier (Ivete)	3
Sete Vidas ³⁷	2015	0	0	0
Além do Tempo ³⁸	2016	0	Raul (Val Perré), Ana Flávia Cavalcanti (Carola),	2
Éta Mundo Bom ³⁹	2016	0	Pirulito (Jp Rufino), Jeniffer Nascimento (Dita), Dhu Moraes (Manuela), Kenya Costta (Quitéria)	4
Sol Nascente ⁴⁰	2017	0	Dora (Juliana Alves), Chica (Tatiana Tibúrcio), Marcello Mello Jr (Tiago), Rafael Zulu (João Amaro), Quirino (Val Perré), Erika Januza (Júlia)	6
Novo Mundo ⁴¹	2017	0	Diara (Sheron Menezes), Felipe Silcler (Libério), Babu Santana (Jacinto) e Thiago Thomé (Hassan)	4
Tempo de amar ⁴²	2017	0	Marcello Melo Jr (Edgar), Olívia Araújo (Nicota), Ana Carbatti (Isolina), Lucy Alves (Eunice), Maicon Rodrigues (Pepito), Jorge de Sá (Justino), Eli Ferreira (Tiana), Balbina (Walkiria Ribeiro)	8
		2	TOTAL	64

Fonte: O autor (2018)

Quadro 3 - NOVELA DAS 19h

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
Ti Ti Ti ⁴³	2011	0	Rafael Zulu (Adriano Novaes),	3

³⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/meu-pedacinho-de-chao/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/boogie-oogie/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

³⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/eta-mundo-bom/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sol-nascente/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/novo-mundo/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/tempo-de-amar/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/ti-ti-ti/personagens/>> Acesso em: 20 set. 2018.

			Juliana Alves (Clotilde Matoso), Cacau Protásio (Fátima)	
Morde & Assopra ⁴⁴	2011	0	Ildi Silva (Lidia), Cosme dos Santos (Bento), Dhu Moraes (Janice), Jorge Amorim Ramos (Nelsinho), Antonio Firmino (Igor)	5
Aquele beijo ⁴⁵	2012	0	Sheron Menezzes (Sarita), Jorge Maya (Cabo Rusty), Duda Costa (Cleo), Mariah da Penha (Dalva), Mary Sheila (Marisol), Priscilla Marinho (Taluda), Zezeh Barbosa (Deusa), Elisa Lucinda (Diva), Karin Hils (Bernadete), Jhama (Herondi)	10
Cheias de Charme ⁴⁶	2012	1-Taís Araújo (Penha)	Dhu Moraes (Valda), MC Nicolas (Patrick Fragoso Barbosa), Sylvia Nazareth (Alana Fragoso), Sergio Menezes (Heraldo Maranhão), Juliana Alves (Dinha), Fábio Neppo (Kleitton Lopes), Lidi Lisboa (Gracinha), Sérgio Malheiros (Niltinho)	8
Guerra dos Sexos ⁴⁷	2013	0	Ronnie Marruda (Baltazar)	1
Sangue Bom ⁴⁸	2013	0	Sérgio Malheiros (Jonas), Mariah da Penha (Emília), Thais Lago (Mari), Aline Dias (Luz da Silva),	4
Além do Horizonte ⁴⁹	2014	0	Sheron Menezzes (Keila), JP Rufino (Nilson), Renan Monteiro (Diego)	3
Geração Brasil ⁵⁰	2014	0	Luis Miranda (Dorothy Benson), Lázaro Ramos (Brian Roberto Benson), Taís Araújo (Verônica Monteiro), Nando Cunha (Dante Ferreira), Max Lima (Vicente Monteiro), Danilo Santos Ferreira (Matias Ferreira), Ubirajara Soares (Bira), David Junior (Tonhão Will Smith), Jéssica Ellen (Alice Sampaio)	9

⁴⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/morde-e-assopra/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/aquele-beijo/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/guerra-dos-sexos/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sangue-bom/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-horizonte/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/geracao-brasil/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Alto Astral ⁵¹	2015	0	Ana Carbatti (Aurélia Duarte), Sérgio Malheiros (Emerson Duarte) JP Rufino (Adeilson Duarte, Azeitona)	3
I love Paraisópolis ⁵²	2015	0	Patrícia (Lucy Ramos), Thainá Duarte (Lilica), Babu Santana (Jávai), Olívia Araújo (Melodia), Dani Ornellas (Deodora)	5
Totalmente demais ⁵³	2016	0	Ailton Graça (Florisval), Juan Paiva (Wesley), Toni Garrido (Montanha), Jéssica Ellen (Adele), Cascudo (Felipe Silc), Lellêzinha (Jeniffer), Helio De La Peña (Zé Pedro), Dhonata Augusto (Braço), Anthony Bola (Cauê Campos), Leonardo Lima Carvalho (João), Juliana Louise (Maria) e Karia (Aline Borges)	12
Haja Coração ⁵⁴	2016	0	Nair (Ana Carbatti)	1
Rock Story ⁵⁵	2017	0	Maicon Rodrigues (JF), Jaílson dos Santos (Enzo Romani), Rocco Pitanga (Dr. Daniel), Max Lima (Paçoca), Rodrigo Dos Santos (Dr. Roberto), Thiago Justino (Luizão)	6
Pega Pega ⁵⁶	2017	0	Dom (David Junior), Tânia (Jeniffer Nascimento), Milton Gonçalves (Cristóvão), Dilson (Ícaro Silva), Virginia Rosa (Madalena), Sérgio Menezes (Sergio), Ana Isabela Godinho (Nina), Edvana Carvalho (Dulcina), Luís Navarro (Leo)	9
		1	TOTAL	79

Fonte: O autor (2018)

Quadro 4 - NOVELA DAS 21h

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
Passione ⁵⁷	2011	0	Rodrigo dos Santos (Noronha), Pedro Lobo (Amendoim)	2
Insensato	2011	0	Lázaro Ramos (André Gurgel), Camila Pitanga (Carolina)	4

⁵¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alto-astral/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/i-love-paraisopolis/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵³ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/totalmente-demais/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/haja-coracao/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/rock-story/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/pega-pega/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/passione/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Coração ⁵⁸			Miranda), Roberta Rodrigues (Fabiola dos Santos) e Milton Gonçalves (Gregório Gurgel)	
Fina Estampa ⁵⁹	2012	0	Cris Vianna (Dagmar dos Anjos), Isabel Fillardis (Mônica), Rafael Zulu (Edvaldo), Rosa Marya Collyn (Zilá), Tânia Toko (Cícera), Vitor Lucas (Leonardo dos Anjos)	6
Avenida Brasil ⁶⁰	2012	0	Ailton Graça (Silas), Cacau Protásio (Zezé), André Luiz Miranda (Valentim)	3
Salve Jorge ⁶¹	2013	0	Nando Cunha (Pescoço), Neusa Borges (Diva), Mussunzinho (Sidney), Lucy Ramos (Sheila), Cris Vianna (Julinha)	5
Amor à vida ⁶²	2013	0	Ana Carbatti (Judith Santiago), Cassiano Barreto (Ailton Lima), Kayky Gonzaga (Jayme)	3
Em Família ⁶³	2014	0	Jessica Barbosa (Neidinha), Elina de Souza (Neidinha), Erika Januza (Alice), Lica Oliveira (Dulce)	4
Império ⁶⁴	2014	0	Ailton Graça (Xana Summer), Lidi Lisboa (Kelly), Nicollas Paixão (Júnior)	3
Babilônia ⁶⁵	2015	1- Camila Pitanga (Regina)	Marcello Melo Jr. (Ivan), Sheron Menezes (Paula), Kizi Vaz (Gabi), Juliana Alves (Valeska), Viviane Porto (Cilene), Mary Sheila (Ivete), Val Perré (Cristóvão) e Camila Pitanga (Regina)	7
A regra do Jogo ⁶⁶	2015	0	Roberta Rodrigues (Ninfa), Danilo Ferreira (Iraque), Amaurih Oliveira (Dênis)	3
Velho Chico ⁶⁷	2016	1- Camila Pitanga (Maria Tereza)	Camila Pitanga (Maria Tereza de Sá Ribeiro), Suely Bispo (Doninha), Yara Charry	4

⁵⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/insensato-coracao/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁵⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/fina-estampa/personagens/por-ator-ou-atriz/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶³ Disponível em: <<http://resumo-das-novelas.com/atores-personagens/em-familia-personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/imperio/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/babilonia/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-regra-do-jogo/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/velho-chico/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

		de Sá Ribeiro	(Sophie), Mariene de Castro (Dalva)	
A lei do Amor ⁶⁸	2016	0	Danilo Ferreira (Zelito), César Mello (Padre Paulo), Érico Brás (Jader Azevedo), Jorge Lucas (Ramiro dos Santos)	4
A força do querer ⁶⁹	2017	0	Lucy Ramos (Leila), Dandara Mariana (Marilda), Bruno Barboza (Tatu), Antonio Carlos (Guto), Jonathan Azevedo (Sabiá)	5
Outro lado do paraíso ⁷⁰	2017	0	Raquel (Erika Januza), Rafael Zulu (Cido), Zezé Motta (Mãe), Telma Souza (Ivanilda)	4
		2	TOTAL	57

Fonte: O autor (2018)

Quadro 5 - NOVELA DAS 23h

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
O astro ⁷¹	2011	0	Izak Dahora (Dimas)	1
Gabriela ⁷²	2012	0	Heloisa Jorge (Fabiana), Jhe Oliveira (Negro Fagundes)	2
O canto da sereia ⁷³	2013	0	Tia Celeste (Zezé Motta), Mãe Marina De Oxum (Fabiula Nascimento), Marta Pimenta (Margareth Menezes), Dedé (Val Perré)	4
Saramandaia ⁷⁴	2013	0	Maurício Tizumba (Padre Romeu) e Val Perre (Firmino)	2
O rebu ⁷⁵	2014	0	Val Perré (Zé Maria) e Nando Brandão (H.D.)	2
Verdades Secretas ⁷⁶	2015	0	Lyris (Jéssica Córes)	1
Liberdade, Liberdade ⁷⁷	2016	0	Bertoleza (Sheron Menezes), David Junior (Saviano), Bukassa kabengele (Omar), Mariana Nunes (Blandina),	6

⁶⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-lei-do-amor/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁶⁹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso/personagem>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷¹ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/o-astro/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷² Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷³ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/o-canto-da-sereia/galeria-de-personagens.htm>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁴ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/saramandaia/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/o-rebu/personagens/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁶ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/verdades-secretas/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/liberdade-liberdade/personagem/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

			Olívia Araújo (Celeste), Dani Ornellas (Jacinta)	
Justiça ⁷⁸	2016	0	Jessica Ellen (Rose), Kika (Mohana Uchoa)	2
Os dias eram assim ⁷⁹	2017	0	Barbara Reis (Cátia), Bukassa Kabengele (Josias), Ana Miranda (Dalva)	3
			TOTAL	23
		8	Total geral nos quatro horários	252

Fonte: O autor (2018)

Quadro 6 - MINISSÉRIE

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	PROTAGONISTAS NEGROS	COADJUVANTES NEGROS	TOTAL DE NEGROS
Cidade dos Homens ⁸⁰	2012	2- Laranjinha (Darlan Cunha), Acerola (Douglas Silva),	Caubói (Jefferson Brasil), Junior Fair (HD), Deiwis Jamaic (Tá Ligado) e Deiwis Jamaic (Marreco), Pitbull (Pedro Maya), Clayton (Luan Pessoa), Davi (Carlos Eduardo), Cristiane (Camila Monteiro) Roberta Rodrigues (Poderosa)	12
Suburbia ⁸¹	2012	2 Erica Januza (Conceição) e Cleyton (Fabrício Boliveira)	Erica Januza (Conceição), Cleyton (Fabrício Boliveira), Haroldo Costa (Seu Aloysio) Dani Ornellas (Vera), Cridemar Aquino (Moacyrcla Jennifer Loiola (Vilma), Ramon Francisco (Chico), Alex Cezario (Amigo Do Cleyton), André Dread (Amigo Do Cleyton), Cássio Arbues (Amigo Do Cleyton), Renata Tavares (Amiga Do Cleyton), Vanessa Correa (Amiga Do Cleyton), Bárbara Batista (Amiga De Jéssica).	30
		2	TOTAL	42

Fonte: O autor (2018).

⁷⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/08/conheca-os-personagens-da-minisserie-justica.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁷⁹ Disponível em: <<http://especial.tvglobo.globo.com/programas/suburbia/conheca-os-personagens/#>>. <https://www.otvfoco.com.br/saiba-quem-e-quem-em-os-dias-eram-assim-nova-novela-das-onze-da-globo/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁸⁰ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/cidade-dos-homens/noticia/cidade-dos-homens-elenco-e-equipe-apresentam-nova-temporada-da-minisserie.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

⁸¹ Disponível em: <<http://especial.tvglobo.globo.com/programas/suburbia/conheca-os-personagens/#>>. Acesso em: 20 set. 2018.